

Amanda Siqueira da Silva

**A História da Brigada Militar pelas páginas da Revista
Pindorama**

Passo Fundo, Julho de 2013

Amanda Siqueira da Silva

**A História da Brigada Militar pelas páginas da Revista
Pindorama**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial e final para obtenção do grau de mestre em História sob a orientação do Prof.(a) Dr.(a) Ana Luiza Setti Reckziegel.

Passo Fundo

2013

À minha sempre fiel incentivadora mãe, Vanilde T. de Siqueira.

AGRADECIMENTOS

Ao longo desta caminhada, muitas pessoas exerceram papel de grande relevância e não poderia deixar de agradecê-las pelo sempre incentivo e apoio. Inicialmente agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Ana Luiza Setti Reckeziegel, pelas sempre incentivadoras palavras, pela dedicação ao orientar e acima de tudo, acreditar no trabalho desde o princípio.

Ao coronel Vanderlei Martins Pinheiro, pois sem o apoio dele este trabalho não teria se realizado, já que numa de nossas conversas sobre a Brigada Militar, ele gentilmente me apresentou a sua coletânea de revistas Pindorama. Assim como os diferentes contatos, materiais ao longo da pesquisa e inúmeros e-mails explicativos, não existem palavras para agradecer por tanto carinho e generosidade.

À minha mãe, sempre compreensiva, amiga e motivadora. Com toda a certeza, esta etapa só pode ser concluída por tê-la ao meu lado.

Ao Prof. Dr. Eduardo Munhoz Svartman pela orientação inicial do trabalho, as leituras sugeridas e as aulas que contribuíram imensamente para o trabalho.

Aos funcionários do Museu da Brigada Militar de Porto Alegre, sempre atenciosos, gentis e dispostos a auxiliar.

Aos professores do PPGH pelas leituras e sugestões ao decorrer do trabalho, ao Prof. Dr. Adelar Heinsfeld pelas riquíssimas contribuições na banca de qualificação e à Jênifer de Brum Palmeiras, secretária do Programa pelos diversos auxílios prestados no decorrer desta caminhada. A todos, muito obrigada!

A invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas.

Edward Said.

RESUMO

A revista Pindorama surgiu nos últimos anos do Borgismo no Rio Grande do Sul, num período de crise do Partido Republicano Rio-grandense e de transformações políticas no país. A revista surgiu dentro da Brigada Militar, com apoio de seu comandante, entretanto esta era uma publicação particular de dois tenentes, na qual tinham a intencionalidade de relembrar os grandes feitos militares da Instituição, demonstrando uma preocupação para que a história da BM não fosse esquecida, assim como também reforçava o compromisso da BM com a ideologia do PRR. A Brigada Militar foi criada em 1892 e desde então foi mantenedora da hegemonia política do PRR no Rio Grande do Sul, atuou em defesa destes na Revolução Federalista (1893), na Revolta Assisista (1923) e contra os levantes Tenentistas (1924 até 1926). Durante sua formação, recebeu uma missão de instrução militar pelo Exército Nacional, o que depois levou a uma proximidade grande entre as Forças, a Brigada Militar recebeu forte aparelhamento bélico, o que possibilitou que esta se tornasse um Exército regional com diversas atuações em prol do ideário republicano castilhistas. Analisar a revista Pindorama possibilitou retomar a história da Brigada Militar através de diversos artigos; compreender a visão de uma parcela dos integrantes da Brigada, sobre como se viam na sociedade, suas aspirações profissionais, suas preocupações sobre as possíveis mudanças que se desenhavam devido o fim do borgismo; o desejo de a Brigada Militar ser imbatível militarmente, através da formação continuada dos seus integrantes e até a tentativa de criação de um serviço de aviação próprio; a identificação com a ideologia republicana Castilhistas e o papel que determinado grupo assumiu dentro da Instituição: verdadeiros e legítimos defensores da ordem republicana no Rio Grande do Sul. Pindorama através de suas variadas páginas ressaltava o poder bélico da Brigada Militar, assim como a participação política desta durante o período da Primeira República no Brasil.

Palavras-chaves: Brigada Militar, Revista Pindorama, Partido Republicano Rio-grandense.

ABSTRACT

The Pindorama magazine emerged in recent years Borgismo in Rio Grande do Sul, within the Rio Grande Republican Party crisis and political change in the country. The magazine came within the Military Brigade, with the support of their commander, however this was a private publication of two lieutenants, which had the intention of remembering the great military achievements of the institution, demonstrating a concern for the history of BM would not be forgotten, as well as reinforced the commitment of BM with the ideology of PRR . The Military Brigade was established in 1892 and since then has been sustaining the political hegemony of the PRR in Rio Grande do Sul, acted in defense of these in the Federalist Revolution (1893), Assisista in Revolt (1923) and uprisings against the lieutenants (1924 to 1926). During his training, received a military training mission by the National Army, which later led to a close proximity between the Forces, the Military Brigade received strong military rigging, allowing this to become a regional army with several performances in support of castilhista republican ideals. Analyze Pindorama magazine possible to recall the history of the Military Brigade through various articles; understand the vision of a portion of the members of the brigade, about how they saw in society, their professional aspirations, their concerns about the possible changes that drew because the end the borgismo, the desire to be a military brigade beat militarily, through the continuing education of its members and to attempt to create a service in its own aviation; identification with the Republican ideology Castilhista and the role that particular group has within the institution: genuine and legitimate defenders of republican order in Rio Grande do Sul. Pindorama through its various pages emphasized the firepower of the Military Brigade, as well as political participation during this period of the First Republic in Brazil.

Keywords: Military Brigade, Magazine Pindorama, Republican Party Rio Grande.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Os diretores de Pindorama	33
Figura 2- Primeira página do 1º exemplar da revista	36
Figura 3- Capa trazendo Augusto Borges de Medeiros	37
Figura 4- Visita de Washington Luiz a Porto Alegre	39
Figura 5- Armamento para a Brigada Militar	41
Figura 6- Página de publicidade	42
Figura 7- Espalha Brazas – página de humor	43
Figura 8- Túmulo de Júlio Prates de Castilhos	107
Figura 9- Túmulo de Júlio Prates de Castilhos	108
Figura 10- Túmulo de Augusto Borges de Medeiros	111
Figura 11- Túmulo de Affonso Emílio Massot	116
Figura 12- Túmulo de Claudino Nunes Pereira	121

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BM – Brigada Militar

PRR – Partido Republicano do Rio-grandense

UDN – União Democrática Nacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I: A REVISTA PINDORAMA: UMA POSSIBILIDADE DE RECONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA	15
1.1. A Imprensa como fonte histórica.....	15
1.2. A Imprensa Periódica.....	22
1.3. O surgimento da Imprensa no Brasil	24
1.4. A Revista Periódica Ilustrada Pindorama	30
CAPÍTULO II: BRIGADA MILITAR: O BRAÇO FORTE EM DEFESA DO IDEÁRIO CASTILHISTA.....	47
2.1. Missão formadora da BM: o Exército Brasileiro.....	59
2.2. Os Republicanos rio-grandenses no poder.....	62
2.3. O poder em disputa: a Revolução Federalista retratada por Pindorama.....	70
2.4. Ainda existe uma oposição: a Revolta de 1923	80
2.5. Escola de Aviação da Brigada Militar	85
2.6. Descontentamento nacional: os tenentes agitam o ano de 1924.....	89
CAPÍTULO III: A TRAJETÓRIA DAS LIDERANÇAS DA BRIGADA MILITAR	98
3.1. Mitos e Heróis na manutenção do poder	98
3.2. Júlio Prates de Castilhos, o Patriarca	102
3.3. Augusto Borges de Medeiros, o Herdeiro	108
3.4. Coronel Affonso Emílio Massot, o Patrono.....	111
3.5. Coronel Claudino Nunes Pereira, o Benfeitor	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128

INTRODUÇÃO

A Brigada Militar, objeto até o momento de poucos estudos, foi criada em 1892, através de decreto estadual, do então governador Fernando Abbot. Durante o longo período de vigência do castilhismo-borgismo no Rio Grande do Sul. A Brigada Militar foi um dos sustentáculos e promotor da hegemonia do Partido Republicano Rio-grandense (PRR) no estado, bem treinada e armada, a BM foi um exército regional que desempenhou importante papel durante a Primeira República.

Este trabalho objetiva reconstruir a história da Brigada Militar, pelas páginas da Revista Pindorama, surgida em 1926 e de circulação até o ano de 1928, principalmente entre os integrantes da Força. A revista teve o apoio do Presidente do Estado, Antonio Augusto de Borges de Medeiros e do comandante da BM, Claudino Nunes Pereira. Esta revista nasceu no seio da Instituição, porém foi uma publicação particular de dois integrantes da BM, naquele momento ambos tenentes, sendo eles Antero Marcellino da Silva Junior e João Martins de Oliveira.

Através deste estudo de história política, tendo a imprensa como fonte documental, buscar-se-á evidenciar a importância da BM como defensora e propulsora do ideário castilhistas. Assim como, mostraremos a relação e intencionalidade política à existência desse veículo de comunicação; quais eram os interesses corporativos da BM naquele período, e as relações de poder supra institucional.

O estudo da Pindorama, possibilitou compreender a visão de uma parcela dos integrantes da Brigada Militar, sobre como se viam na sociedade, suas aspirações profissionais, suas preocupações com a história da BM, assim como a ligação destes com o PRR, principalmente na figura de Castilhos e Borges de Medeiros. Castilhos que era um homem mortal na visão da revista, mas que se distinguia dos demais por seus feitos, por suas qualidades de líder.

A partir da criação da BM, os investimentos, foram sempre vultuosos, principalmente no quesito armamento. De acordo com análises de relatórios de Estado sobre o período, foi possível evidenciar que a Brigada, durante o período de 1892 a 1930, muitas vezes esteve mais bem equipada que o próprio Exército Nacional. Este

poderio militar nos leva, também, a entender a razão de em momentos de guerras civis como as de 1893 e 1923 não ter havido necessidade de intervenção federal.

Partimos da premissa que com tal protagonismo, ocorre que não encontramos na historiografia estudos sobre a Brigada Militar no período da Primeira República, o que torna este trabalho um desafio, já que se pretende comprovar que a BM foi um Exército regional e que o Partido Republicano Rio-grandense só conseguiu estar à frente do poder do estado por tantos anos, devido ao apoio desta força, que além de bélica era política, pois carregava consigo um ideal.

Como fonte para a reconstrução da trajetória da Brigada Militar elegemos a revista Pindorama, além de obras publicadas pela instituição, que nos possibilitaram compreender quem eram os integrantes da BM, qual a ideologia política destes, quais anseios e qual função exerciam durante os governos do PRR.

O uso da imprensa como fonte histórica possibilita compreender os discursos vigentes no período pesquisado, assim como a análise criteriosa do periódico deixa evidente qual era a pretensão inicial da publicação. No caso de Pindorama, evidenciamos que esta era uma revista parcial, ou seja, comprometida como ideal do Partido Republicano Rio-grandense, que tinha um propósito definido, fortalecer a ideologia partidária e semear o orgulho das atuações bélicas ao longo da trajetória da Força, já que viviam tempos de incerteza em relação aos rumos políticos do estado, pois Borges de Medeiros não poderia mais se reeleger e abria-se a questão da sucessão da presidência.

Deste modo, aqueles integrantes da BM, que cultuavam o ideário republicano e sentiam-se como parte fundamental da organização do estado viam-se com uma missão importantíssima: lembrar os feitos heróicos da Brigada nas principais revoltas enfrentadas até então, como a Revolução Federalista (1893), Revolta Assisista (1923) e os movimentos tenentistas (1924 até 1926). Nascendo assim no seio da Brigada Militar, a Revista Periódica Ilustrada Pindorama, com a função de informar, entreter e principalmente, lembrar os grandes feitos e eleger seus heróis.

A Brigada foi criada aos moldes autoritários de Júlio de Castilhos, desde então político exaltado como o grande Patriarca. Fiel ao ideário republicano esta elegeu os

grandes nomes do PRR como os verdadeiros defensores da República e, em Assis Brasil, o grande inimigo da República, culpado por todas as mazelas do estado no período a partir de 1923.

Ao longo da pesquisa evidenciou-se que a BM foi decisiva e fundamental ao longo do período da Primeira República para manter o PRR no poder. Esta atuava no estilo de um Exército, bem armado, treinado e em defesa de um único ideal: o do Partido Republicano Rio-grandense.

A relação da Brigada Militar com o Exército nacional foi de troca, já que esta foi treinada pelo Exército, a partir da missão instrutora, assim como seus primeiros comandantes também foram integrantes desta. O crescimento da BM como força bélica é evidenciado nas páginas da Pindorama, assim como o desejo da força de se tornar imbatível militarmente, através da formação continuada dos seus integrantes e até mesmo com a tentativa de criação de um serviço de aviação próprio em 1915, depois impedido pelo governo federal.

A pesquisa sobre a BM percorreu um longo trajeto até chegar às páginas da revista periódica Pindorama. Inicialmente foram levantados os dados sobre as fontes existentes sobre a história da BM, assim como o acesso as informações existentes no arquivo do Museu da Brigada Militar em Porto Alegre. A leitura dos dois volumes do Esboço Histórico da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, organizados pelo então Major Miguel Pereira, possibilitou uma compreensão sobre todas as ações bélicas as quais a BM esteve à frente.

Após observar as principais batalhas que a Brigada Militar enfrentou, foi fundamental cruzar as informações destes dois livros e a historiografia a fim de fazer o levantamento de atuações bélicas, dos principais nomes da Brigada Militar, assim como a relação desta com o PRR. Ao desenrolar da pesquisa, muitas foram as obras sobre a Instituição que foram sendo encontradas no museu, todas possibilitando uma maior compreensão da atuação dos integrantes da Força, até o momento em que se descobriu a revista Pindorama e novas perspectivas de pesquisa se desenharam.

O recorte temporal se justifica pelo período de circulação da revista e das matérias que esta traz ao longo de suas 31 edições. A opção de analisar principalmente

os acontecimentos de 1893, 1923, 1924, 1926 está relacionado com o período de maior atuação da Brigada Militar no Rio Grande do Sul e no Brasil, já que a partir de 1924 as atuações da BM são em defesa da manutenção da ordem nacional que estava em perigo devido as agitações dos tenentes do Exército Nacional, opositores da política empregada pelos presidentes até então eleitos e estavam decididos pegar em armas para mudar os rumos políticos do país.

A revista Pindorama foi escolhida pelo fato de ser uma revista de ilustração, ou seja, que trazia uma ampla variedade de assuntos, tornando-se uma leitura para praticamente toda a família e ao mesmo tempo, tinha um caráter político. Optou-se por analisar todas as edições, buscando os artigos dos homenageados, o que possibilitou observar a ligação da revista com o PRR, já que os homenageados geralmente eram os grandes nomes do partido; os artigos sobre os comandos da BM, pois a partir destes, era feita menção às atuações militares da Força; os artigos sobre armamento e instrução, já que a partir deles foi possível observar a preocupação em transformar a Brigada Militar em uma força militar exemplar e bem preparada militarmente; os artigos sobre a Aviação, que deixavam evidenciar o desejo de formar uma aviação própria e finalmente, todos os artigos relacionados com as campanhas militares a partir da data de criação da BM, principalmente a federalista em 1893 e a assisista em 1923.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro, apresentamos uma discussão da imprensa como fonte histórica evidenciando a revista Pindorama. No segundo capítulo, analisamos os conflitos bélicos em que a Brigada Militar atuou como aliada e mantenedora dos republicanos rio-grandenses, conflitos que a revista descreve buscando fortalecer a memória daqueles que destes participaram e das gerações seguintes, também traçamos a trajetória dos republicanos no poder, desde a Proclamação da República, os conflitos armados a partir da instalação do PRR no poder, como a revolução Federalista em 1893, revolução que a revista dedica muitas das suas páginas, a revolta Assisista em 1923, que ao ser retratada pela revista, sempre marca o nome do inimigo que elegem: Assis Brasil. Verificamos o processo de criação de uma aviação própria e o ano de 1924, marcado pelas revoltas tenentistas, assim como analisaremos a formação da BM a partir da Missão Formadora do Exército Nacional, que foi um dos fatores significativos para que esta força se constituísse em uma força

militar, fato que nos possibilita compreender o forte papel desempenhado pela Brigada Militar ao longo da sua história na Primeira República.

No terceiro capítulo abordamos a trajetória dos comandantes coronel Emílio Afonso Massot e coronel Claudino Nunes Pereira, principais líderes da Brigada Militar na época, assim como as políticas adotadas por estes junto ao governo estadual para obter investimentos que garantissem os anseios dos brigadianos. Assim como estes comandantes, traremos os dois grandes nomes do Partido Republicano Rio-grandense: Júlio Prates de Castilhos e Borges de Medeiros, comandantes maiores da BM enquanto autoridades estaduais retratadas por Pindorama e heróis eleitos pela Força.

CAPÍTULO I:

A REVISTA PINDORAMA: UMA POSSIBILIDADE DE RECONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA

No presente capítulo, analisaremos o uso da imprensa como fonte histórica, observando o surgimento desta no Brasil e o seu desenvolvimento como formadora de opinião, sua evolução e transformação. Será observado o papel importante e de destaque que recebem as revistas periódicas no início do século XX e a partir daí o surgimento da Revista Ilustrada Pindorama, que circulou de 1926 até 1928, sendo uma revista portavoz dos interesses da Brigada Militar (BM).

1.1. A Imprensa como fonte histórica

O uso da imprensa como fonte histórica, está intimamente ligado com o que René Rémond¹ denominou de renovação da história política. Para fim deste trabalho, é importante salientar que usar a imprensa como fonte possibilitou reconstruir um objeto, a BM, sobre a qual os documentos oficiais não dizem tudo. Nas palavras de Burke, a imprensa teve consequências importantes para as culturas que a adotaram, tanto na questão da expansão do “Estado de papel”, incluindo sua multidão de formulários oficiais, assim como para a *alfabetização* (grifo nosso) da população que passou a usufruir desta mídia².

A imprensa ajudou a padronizar e a fixar as linguagens vernáculas anteriormente fluidas – especialmente nas suas formas escritas –, a fim de vender livros fora de uma única região. A imprensa também solapou

¹RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2ª edição, 2003.

²BURKE, Peter. *A comunicação na História*. In: RIBEIRO, Ana Paula G.; HERSCHMANN, Micael (orgs.). *Comunicação e história: interfaces e novas abordagens*. Rio de Janeiro: Mauad X: Globo Universidade, 2008, p. 72.

monopólios de conhecimento, dando aos leitores a chance de compartilhar os segredos de muitos ofícios, desde a mineração até a cozinha³.

Temos consciência de que a história é sempre a história dos homens e estes são como nos coloca Barbosa⁴, “portadores, agentes, vítimas das forças, das instituições, das funções, dos lugares onde estão inseridos”. E por este fato, é que não há como romper com a ideia de narrativa, pois o objeto da história é a ação humana que implica agentes, finalidades, circunstâncias e resultados. Assim sendo encontramos no estudo das sociedades a partir da imprensa

um lugar ideal para apreender a multiplicidade do cotidiano sociocultural. Essa multiplicidade se aplica à contribuição da imprensa que, por meio de sua periodicidade e preocupação com a informação, possibilita a socialização do indivíduo e apresenta as disposições éticas e estéticas que orientam o dia-a-dia [...].⁵

A imprensa como objeto e fonte histórica é um campo recente, já que na década de 1970 poucos eram os trabalhos que se valiam de jornais e revistas, havia compreensão da importância destes impressos para a escrita da história, porém havia receio em se utilizar destas fontes. Os fatores que explicam tal comportamento são diversos, mas o de maior peso seria o da tradição positivista, ou seja, os fatos verdadeiros estariam em documentos e a imprensa, para os positivistas continha registros “fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas”⁶.

³BURKE, 2008, p. 73.

⁴BARBOSA, Marialva C. *Meios de comunicação e história: um universo de possíveis*. In: RIBEIRO, Ana Paula G; FERREIRA, Maria A. (orgs.). *Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 21.

⁵CHIARELI, Clarice Pavan. *A imprensa como fonte histórica para o estudo da escola na Primeira República*. Educação e Fronteiras, Dourados, v.1 (2), julho/dezembro 2007, p. 120.

⁶DE LUCA, Tania R. de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla B. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p.111-153.

As desconfianças com esta fonte histórica podem ser analisadas nas palavras de Ana Maria Camargo, que levanta a questão sobre as “armadilhas” a qual esta pode apresentar para o historiador

A pouca utilização da imprensa periódica nos trabalhos de História do Brasil parece confirmar nossas suposições. Alguns, talvez, limitem seu uso por escrúpulo, já que encontram tão em evidência e abundância as “confirmações” de suas hipóteses [...] A maioria, porém, pelo desconhecimento, pela ausência de repertórios exaustivos, pela dispersão das coleções. Quando o fazem, tendem a endossar totalmente o que encontram, aproximando-se de seu objeto de conhecimento sem antes filtrá-lo através de crítica mais rigorosa.⁷

O grande debate se apegava à questão da parcialidade destes periódicos, podendo estes serem inadequados para a pesquisa do passado. Já defendia Rodrigues que tanto a notícia quanto o anúncio devem ser usados com cautela, pois a

notícia simples, a reportagem destituída de interesse pessoal contém erros de fato, devidos à má observação, percepção ou representação. Os anúncios, tão úteis à história social e econômica, pelos dados que fornecem sobre artigos e peças, devem ser aproveitados depois de certo exame crítico [...].⁸

A maior parte das publicações está submetida a alguma espécie de pressão, logo, jornais e revistas que são construídos cotidianamente e são criadores de ideias, podem ser atacados diariamente por pressões da sociedade, assim como da hierarquia interna da redação. Chartier afirma que “não há produção cultural que não empregue materiais impostos pela tradição, pela autoridade ou pelo mercado e que não esteja submetida às vigilâncias e às censuras de quem tem poder sobre as palavras ou os gestos”⁹.

⁷CAMARGO, Ana Maria de A. *A imprensa periódica como fonte para a História do Brasil*. IN: PAULA, Eurípedes Simões de (org.). *Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. São Paulo: Seção Gráfica da FFLCH/USP, 1971, p. 226.

⁸RODRIGUES, José H. *Teoria da História do Brasil: Introdução Metodológica*. São Paulo: Nacional, 1978, p.416.

⁹CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1988, p.137.

Os editoriais representam a opinião do jornal/revista sobre assuntos de grande importância, tanto regional, nacional e até mesmo internacional, estes são escritos de forma impessoal, na maioria das vezes não é assinado e quando assim se apresenta, quem esta falando são os editores do jornal/revista já que estes detêm o poder cultural e até mesmo simbólico perante a publicação, o que foi por John Thompson sintetizado como “as habilidades, competências e formas de conhecimento empregadas na produção, transmissão e recepção da informação como o prestígio, o reconhecimento e o respeito a eles tributados”¹⁰.

Assim a importância dos assuntos tratados nos editoriais, como o cuidado e o respaldo que há na sua elaboração e transmissão, são para os historiadores “poderosos objetos de análise para a política de um país, tanto interna quanto externa”¹¹, já que os jornais circulam na maioria das vezes por diversas regiões. Os jornais/revistas através de seus redatores têm de serem vistos, segundo Tânia De Luca, como:

polos onde se reuniam e disciplinavam forças e instrumentos de combate e intervenção no espaço público, oferecem oportunidades privilegiadas para explicitar e dotar de densidade os embates em torno de projetos políticos e questões artístico-literárias que, longe de se esgotarem em si mesmas, dialogavam intensamente com os dilemas do tempo.¹²

Assim as desconfianças relativas à imprensa como fonte histórica perduraram até meados da década de 1970. Em 1978, José Honório Rodrigues defendeu na obra intitulada *Teoria da História do Brasil: introdução metodológica*, que o jornal era uma das principais fontes de informação histórica, apesar de argumentar que

[...] nem sempre a independência e exatidão dominam o comentário editorial. Ele é quase sempre uma mistura do imparcial e do tendencioso, do certo e do falso [...] é claro que o jornal pode dar-nos a cor e a vivacidade de uma

¹⁰THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 24.

¹¹BARBOSA, Marialva C. *Meios de comunicação e história: um universo de possíveis*. In: RIBEIRO, Ana Paula G; FERREIRA, Maria A. (orgs.). *Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 15-34.

¹²DE LUCA, 2008, p. 119.

época, pode guiar-nos nas manobras externas da vida política, pode fornecer-nos várias e curiosas notícias de história social e econômica.¹³

A imprensa como fonte histórica ao olhar do historiador Jean Glénisson demandava grande complexidade, já que

A sinceridade dos jornais mede-se, *a priori*, tanto pelas omissões quanto pelo destaque deliberadamente concedido às notícias escolhidas: em certos casos, os procedimentos tipográficos podem incluir-se no campo da crítica histórica [...]. Sempre será difícil sabermos que influências ocultas se exerciam num momento dado sobre um órgão de informação, qual a pressão exercida pelo governo.¹⁴

Mesmo com tantas desconfianças e questionamentos sobre o uso da imprensa muitos foram os pesquisadores que usaram periódicos como fonte histórica para trabalhos de grande relevância diante do meio acadêmico e com funções de analisar diversos aspectos da sociedade e cultura. Dentre estes autores podemos salientar Emília Viotti da Costa na obra *Da senzala à colônia*; Fernando Henrique Cardoso com *Capitalismo e escravidão no Brasil* e Stanley Stein na obra *Grandeza e decadência do café no vale do Paraíba*; assim como os trabalhos posteriores de Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado, que nos descrevem a pouca utilização de jornais e revistas como fonte e objeto de pesquisa histórica:

Os estudos históricos no Brasil têm dado pouca importância à imprensa como objeto de investigação, utilizando-se dela apenas como fonte confirmadora de análises apoiadas em outros tipos de documentação (...). A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro

¹³RODRIGUES, José Honório. *Teoria da história do Brasil: introdução metodológica*. São Paulo: Nacional, 1978, p. 198.

¹⁴GLÉNISSON, Jean. *Iniciação aos Estudos Históricos*. São Paulo: Bertrand Brasil Difel, 1986, p. 177.

dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere.¹⁵

Ceroni¹⁶ ainda nos coloca que será diante desse novo quadro, em que o estatuto da imprensa na pesquisa histórica amplia-se e qualifica-se. Destaca aspectos metodológicos importantes da pesquisa em jornais, em um esforço de sistematizar procedimentos e análises que se tornaram muito úteis aos pesquisadores que desenvolvem seus trabalhos a partir dessas fontes.

Reconstituir a história através da imprensa exige do historiador algumas técnicas específicas ao examinar tal fonte, como observar a materialidade dos impressos em diferentes momentos: formatos, tipos de papel, qualidade da impressão, cores, imagens, número de páginas, capa, extensão dos artigos, divisão interna da matéria. Nesta materialidade, cabe observar o lugar social ocupado por tal publicação, assim como se há relações com o mercado e espaço para publicidade.

Outro fator de grande importância: o público para o qual é escrito tal periódico e seus objetivos, como quem são os responsáveis por esta, pois sabemos que jornais e revistas são empreendimentos que reúnem grupos de indivíduos, o que tornam estes projetos coletivos, pois agregam pessoas ao redor de crenças, ideias e até mesmo valores aos quais se pretende difundir através da escrita, logo, buscar quem são os integrantes destes grupos é algo fundamental. De acordo com Tânia De Luca:

Condições materiais e técnicas em si dotadas de historicidade, mas que se engatam a contextos socioculturais específicos, que devem permitir localizar a fonte escolhida numa série, uma vez que esta não se constitui em um objeto único e isolado [...], o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa, tarefa primeira e passo essencial das pesquisas com fontes periódicas.¹⁷

¹⁵CAPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino*. Imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: Alfa-Omega, 1980, p.19.

¹⁶CERONI, Giovanni C. *A Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha nas páginas do jornal Correio do Povo e A Federação*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009, p. 27.

¹⁷DE LUCA, 2005, p.139.

O historiador deve estar atento ao discurso da imprensa, já que este possibilita identificar a narração do acontecimento e o próprio acontecimento, assim como também é preciso dar conta das motivações que levou a fazer a escolha de dar publicidade a alguma coisa, já que os discursos adquirem significados de muitas formas, a ênfase em determinados temas, a linguagem utilizada e a natureza do conteúdo estão intimamente ligado ao público que a revista quer atingir. Como nos assinala Chiareli a

análise da imprensa permite apreender discursos que articulam práticas e teorias, que se situam no nível macro do sistema, mas, também no plano micro da experiência concreta, que exprimem desejos de futuro ao mesmo tempo que denunciam situações do presente.¹⁸

Como Sirinelli nos coloca, “uma revista é antes de tudo lugar de fermentação e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade”¹⁹. Como salienta Mariani, na “imprensa as narrativas, entrevistas e descrições de acontecimentos, sob a ilusão de uma linguagem neutra, tornam visíveis as muitas experiências sociais e, ao mesmo tempo, direcionam modos de compreender e significar essas experiências”²⁰.

Analisar a imprensa periódica como fonte histórica exige prudência e também coragem, pois os desafios para a pesquisa se apresentam. Ana Maria Camargo assinala que

[...] é um documento a ser usado com o máximo cuidado; os perigos de distorção (comuns, aliás, a todos os textos – onde geralmente se encontra aquilo que procuramos) são bem mais frequentes [...] Corremos o grande risco de ir buscar num periódico precisamente aquilo que queremos confirmar [...].²¹

¹⁸CHIARELI, Clarice P. *A imprensa como fonte histórica para o estudo da escola na Primeira República*. Educação e Fronteiras, Dourados, v.1 (2), julho/dezembro 2007, p. 118-137.

¹⁹SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 249.

²⁰MARIANI, Bethania. *Imprensa, produção de sentidos e ética*. In: RIBEIRO, Ana Paula G; FERREIRA, Maria A. (orgs.). *Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 200.

²¹CAMARGO, 1971, p. 226.

No passado revistas e jornais eram bastante semelhantes no formato gráfico, porém havia distinção e esta se dava pelo conteúdo apresentado, principalmente nas matérias, onde encontramos entretenimento, relatos de viagens, ficção e poesia. A partir desta variedade de assuntos, o historiador tem de ter claro, o que exatamente ele quer analisar nestes periódicos.

1.2. A Imprensa Periódica

Por volta de 1900, em todos os países, a imprensa se estabeleceu como uma força social, que nas palavras de Burke, deveria ser avaliada em uma democracia futura, tanto quanto havia sido em um passado autoritário²². Buscou-se ampliar o público de leitores, o que força a uma variedade de material de leitura diferente do então em circulação, que era voltado para pessoas cultas.

Do período de 1880 a 1890 houve uma mudança nos impressos, o público informado passa a dar lugar ao que Burke denominou de realidades de “mercado”²³, determinados grupos da sociedade passaram a ver as publicações impressas como um negócio comercial. Os jornalistas passaram a ocupar um espaço cada vez maior com seus impressos e estes logo conquistaram uma função importante, principalmente entre as camadas trabalhadoras, J. M. Ludlow, líder do movimento socialista cristão, explicou, em 1867, ao observar a imprensa na Inglaterra, que

[...] apesar dos vários pecados e deficiências da imprensa escrita, o trabalhador de hoje, com sua folha de um centavo, é, com esta ajuda, um homem mais bem informado, que sabe julgar melhor e tem mais compreensão do que o trabalhador de 30 anos atrás, que tinha de se contentar com fofocas e boatos.²⁴

²²BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à internet*. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 196.

²³Idem, p. 198.

²⁴Idem, p. 199.

Apesar de Ludlow reconhecer a importância, ele não via com bons olhos esta imprensa, pois para ele esta não tinha como exercer a função de educadora. A imprensa neste momento era buscada por diversão, poesia, fofocas e boatos; poucos foram os que se interessaram por conhecimento e informação. O entretenimento era tão importante quanto a informação que constavam nos jornais, principalmente nos publicados nos domingos, também podemos observar neste período o foco em crimes, escândalos, epidemias e até mesmo sexo. A imprensa como grande disseminadora de informações. Richard Cobden²⁵ falava que era necessário ver um povo que não tivesse sido atingido pelos jornais para conhecer a quantidade de preconceitos que estes dissipavam instantaneamente e necessariamente.²⁶

O jornal no início do século XIX era um símbolo e um meio. Walter Bagehot²⁷ acreditava que a imprensa era um órgão formador de opinião e esta era necessária para possibilitar as discussões. A imprensa vista como um possibilitador educacional, propagador de ideias e de padronização da linguagem escrita, social e político.

Benjamin Disraeli em um de seus romances escreve “Deus fez o homem à sua própria imagem, mas a do público é feita pelos jornais”²⁸, frisando a influência da imprensa em formar opinião, o que comprovava o poder desta. Assim como Burke, visualizamos que a imprensa é o quarto poder na organização política das sociedades.

Logo a imprensa passou a inserir nas suas publicações anúncios publicitários. Entre 1880 e 1914, nos Estados Unidos, surgiram as primeiras agências de publicidade e as despesas com propaganda quebraram todos os recordes, assim como também foi nos Estados Unidos onde surgiu o jornalismo investigativo. A imprensa passou a se envolver bem mais do que em simples publicações de curiosidades, divertimentos, etc; esta chegou a ser alvo de reclamações por representar ameaças à privacidade.

²⁵Richard Cobden lutou contra a “Lei dos Grãos” na Inglaterra e defendeu a liberalização do comércio. Influenciado pelas ideias de Adam Smith, viajou por diversos países divulgando suas ideias políticas-econômicas. Em 1841 foi eleito membro do Parlamento na Inglaterra e exerceu influência considerável por causa de sua capacidade oratória e influência popular.

²⁶BRIGGS; BURKE, op. cit., p. 200.

²⁷Walter Bagehot foi editor do *The Economist*. Achava que a sua era a “época da discussão”.

²⁸BRIGGS; BURKE, 2006, p. 203.

1.3. O surgimento da Imprensa no Brasil

O surgimento da imprensa no Brasil se deu aos poucos, o grande impulso foi a partir da Independência e o marco desta se deu a partir das Regências (1831), dentro de um contexto de ações políticas, como coloca Morel, “marcava e era marcada por vozes, gestos e palavras”²⁹. Entretanto já havia uma imprensa no Brasil desde junho de 1808, com a publicação do *Correio Braziliense*, que é de extrema importância para se compreender o período inicial da imprensa brasileira, que não surge em meio a uma democracia moderna, nem de um país industrial. Este era publicado em Londres, por Hipólito José da Costa Furtado de Mendonça e discutia problemas da Colônia, que com a transferência da sede da Monarquia portuguesa mudou radicalmente.

A criação da Imprensa Régia, em médio prazo, foi responsável pela impressão de vários periódicos em terras brasileiras. Eram jornais simples que com o passar do tempo foram ganhando a simpatia da população letrada. Surgiram também as revistas, algumas de informações gerais, outras voltadas a nichos específicos. Nas palavras de Martins e De Luca, a nação brasileira nasceu e cresceu com a imprensa, ou seja, uma explica a outra. Os primeiros periódicos assistiram e participaram da transformação da Colônia em Império. “A imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira. Tem certidão de nascimento lavrada em 1808, mas também é veículo para a reconstrução do passado”³⁰.

Logo podemos dizer que esta imprensa floresceu em meio a um espaço cultural já existente, que como salienta Morel, “pretendia também, marcar e ordenar uma cena pública que passava por transformações nas relações de poder que diziam respeito a amplos setores da hierarquia da sociedade, em suas dimensões políticas e sociais”³¹. A palavra em suas mais variadas formas circulava entre vários setores sociais da, então em formação, sociedade brasileira, o que nos mostra que os impressos não ficaram restritos apenas aos que eram letrados.

²⁹MOREL, Marco. *Os primeiros passos da palavra impressa*. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania R. de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 26.

³⁰MOREL, 2008, p. 8.

³¹Idem, p. 25.

A Imprensa Régia continuava inteiramente dependente do governo da metrópole e apenas próximo à Independência foi que surgiram novas tipografias com maior grau de liberdade. Neste momento apareceram inúmeros periódicos, tanto na Corte como nas Províncias, o que caracterizou um período de tensão política.

No Segundo Reinado, as páginas da imprensa passaram a ter uma função política importante, como assinalam De Luca e Martins³², política e imprensa se conjugam, a serviço dos partidos Conservador e/ou Liberal, publicistas, como eram conhecidos os jornalistas de larga erudição que redigiam para a elite letrada. Neste cenário havia ainda os jornais de confronto e panfletagens ousadas, “que denunciavam as mazelas da ilustração caricata do cotidiano do Império”³³.

Neste mesmo período de fase da Independência, chegou ao Brasil um grande número de franceses e estes em sua maioria eram livreiros, tipógrafos e jornalistas, muitos republicanos e exaltavam o ideário liberal.

A partir de 1834, com a “instalação da Assembleia Legislativa: criadas as condições políticas, as materiais começaram a surgir, e quase sempre proporcionadas por estrangeiros”³⁴, a imprensa brasileira recebeu grande impulso. A imprensa se desenvolveu em estreita ligação com a atividade política e teve lento crescimento. Surgiram jornais de vida efêmera, refletindo o interesse transitório de algum grupo, sendo que o crescimento se deu mais “depressa nos centros em que aquela atividade é mais intensa; demora e cresce lentamente nos outros, nas províncias que se mantêm politicamente atrasadas”³⁵.

A imprensa progredia na medida em que o problema político ganhava maior dimensão, tornava-se mais agudo. Assim ocorreu nas províncias onde as lutas políticas alcançaram níveis mais elevados. Conseguimos através dos impressos brasileiros visualizar o processo de formação do país, pois estes “testemunham, registram e

³²MARTINS; DE LUCA, 2008, p. 48-49.

³³Idem, p. 49.

³⁴SODRÉ, Nelson W. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 100.

³⁵Idem, p. 105.

veiculam nossa história”³⁶. Martins e De Luca nos colocam que a história do Brasil e a história da Imprensa caminharam juntas, se auto-explicam

Nesse cenário, muitas vezes os personagens são exatamente os mesmos, na imprensa, na política e nas instituições. Em outras, são, no mínimo, bastante próximos, pois intervenções políticas de peso são decididas no interior das redações, estabelecendo e testemunhando avanços e recuos das práticas dos governos, da dinâmica do país, da formação de seu povo, do destino nacional. E os exemplos vêm da Colônia, passam pelo Império, persistem na Primeira República, seguem no Estado Novo e chegam até nossos dias.³⁷

No entanto esta imprensa periódica até então constituída, como coloca Morel³⁸, embora disseminasse informações, opiniões e ideias, não praticava o debate e a divergência política, publicamente, no contexto do absolutismo, ainda que ilustrado, português. A partir de 1821 foi instalada a liberdade de imprensa no Brasil, porém podemos observar que esta liberdade não foi constante.

A primeira geração de redatores brasileiros atuou no contexto de mutações culturais; ainda não havia a denominação de jornalistas e sim redatores ou gazeteiros; os jornais eram denominados de gazeta, folha ou periódicos e como nos salienta Morel, estes “não devem ser confundidos com os panfletos propriamente ditos, ou pasquins, que eram folhas volantes e avulsas, quase sempre anônimas e sem continuidade”³⁹. Nesta mesma geração, encontramos o publicista, aquele que era o proprietário da publicação e divulgava na maioria das vezes as suas próprias ideias.

A imprensa no Brasil exerceu um papel de grande importância, pois esta se constituiu como uma “formuladora de projetos de nação distintos entre si (apesar das convergências) e de uma cena pública cada vez mais complexa, na qual emergiam atores políticos diferenciados”⁴⁰. Encontramos nas páginas dos jornais, assim como das revistas soldados, oficiais de média patente, agricultores, profissionais liberais,

³⁶SODRÉ, op. cit.,p. 8.

³⁷MARTINS; DE LUCA, op. cit., p.8.

³⁸MOREL, 2008, p. 30.

³⁹Idem, p. 36.

⁴⁰Idem, p. 42.

religiosos, homens pardos, brancos e negros, camadas pobres urbanas, assim como as mulheres (que se tornam leitoras ativas).

A imprensa se tornou o espaço para manifestações coletivas e de caráter político variado. Era o momento “dos primeiros passos, disputas e ensaios de construção de um Estado e uma nação no Brasil, com seus dilemas, contradições, mudanças e permanências”⁴¹. Durante boa parte do século XX, uma das principais características da imprensa brasileira foi o caráter doutrinário desta, a defesa apaixonada de ideias e consequentemente a intervenção no espaço público.

Esta será um veículo de ideologia bastante particular, será a partir da imprensa que as pessoas passarão a ter uma grande quantidade de informações e estas informações irão ter peso no momento de tomar ou não decisões. Já que os textos publicados em jornais e revistas, contribuem para que cada indivíduo perceba a sua realidade local, nacional e até mesmo mundial. Poderíamos dizer que é um sistema de transmissão cultural, onde a informação circula e pode ser utilizada, interpretada e reinterpretada.

Esta primeira geração da imprensa brasileira trabalha com diversos aspectos:

não havia incompatibilidade entre o local, o nacional e internacional, nem entre as dimensões opinativas e informativas: o cotidiano e questões locais misturavam-se com discussões doutrinárias dos rumos que o Estado e a nação deveriam tomar, ao lado de notícias nacionais, internacionais e interprovinciais.⁴²

Os jornais também eram vendidos em livrarias, estes tinham valor bastante acessível o que os tornava mais fáceis de ser adquiridos do que os livros. Era comum nesta época, que estes impressos trouxessem transcrições de livros e até mesmo traduções destes em suas páginas, o que os tornava um meio de disseminação cultural e literária.

⁴¹MOREL op. cit., p.42.

⁴²Idem, p. 36.

O jornal realizava também divulgação (e reinterpretação, com frequência) dos livros nos anos 1820 e 1830, antes de se expandir a publicação de volumes em folhetins nos periódicos. Ou seja, mesmo quem não tinha acesso a tais livros, poderia eventualmente lê-los em extratos na imprensa periódica.⁴³

A imprensa de caráter artesanal ainda existia no interior, nas pequenas cidades, nas folhas semanais feitas em tipografias antigas, se utilizando dos velhos processos e sendo uma aliada às lutas locais. Não havia nas capitais mais espaço para esse tipo de imprensa, agora esta era industrial, ou seja, uma empresa com estrutura comercial. Vendia-se informação como qualquer outra espécie de mercadoria. Informação esta que passou a ser uma necessidade da sociedade urbana, já que era imprescindível ter informação para tudo, desde o trabalho até o quesito diversão.

A imprensa conquistou o seu lugar, sua função estava bem definida, já havia sido delimitada a divisão do trabalho em seu setor específico e esta atraía neste momento capital. Esta significava muito por si mesma, e como salienta Sodré, ela “refletia mal ou bem, as alterações que, iniciadas nos últimos decênios do século XIX, estavam mais ou menos definidas nos primeiros anos do século XX”⁴⁴.

O século XX assinalou a transição da pequena à grande imprensa. Os pequenos jornais (as folhas tipográficas) cederam lugar às empresas jornalísticas (com equipamento gráfico específico). Houve uma mudança no plano de circulação, as relações do jornal se modificaram, tanto com o anunciante, como com a política e os leitores; isto se deveu as transformações do país, em todo seu conjunto, naturalmente. O jornal como “empreendimento individual, como aventura isolada”⁴⁵, nas grandes cidades acabou desaparecendo, sobrevivendo apenas no interior, logo como consequência ocorreu à diminuição de número de periódicos. A grande imprensa fez do tema político seu tema central e a luta política assumiu aspectos pessoais, muitas vezes desembocando em injúria, já que a linguagem da imprensa política era ao ver de Sodré, violentíssima.⁴⁶

⁴³MOREL, 2008, p. 37.

⁴⁴SODRÉ, 1999, p. 275.

⁴⁵Idem, p. 275.

⁴⁶Idem, p. 331.

O impresso revista, ilustradas ou de variedades, se individualizaram aos poucos e tornaram-se uma fonte histórica bastante relevante por tratar de diversos temas e passar a atingir outros públicos, principalmente, mulheres. Estas incluíam acontecimentos sociais, poesias, crônicas, fatos históricos, fatos de curiosidades, piadas, propagandas, notas policiais, jogos, etc. As revistas foram uma verdadeira febre no início dos anos 1900 no Brasil. “As revistas em especial foram pólos aglutinadores de propostas estéticas [...]. Os movimentos de vanguarda souberam usar as revistas como instrumento de luta e as elegeram como veículo privilegiado para divulgar seus manifestos”⁴⁷.

Com o passar do tempo, as revistas passaram a aprimorar-se visualmente já que houve um progresso da indústria gráfica e estas passaram a inserir ilustrações, gravuras e finalmente, a fotografia que passou a ser utilizada nos periódicos na década de 1840 na Europa. Os periódicos tinham as fotografias estampadas pelo processo de xilogravura, depois de copiadas minuciosamente à mão nas matrizes de madeira por hábeis artesãos.

O uso das fotografias nos impressos pretendia inicialmente, dar ainda “mais veracidade, mais autenticidade, mais objetividade à narrativa visual dos fatos”⁴⁸, entretanto as imagens estampadas eram inevitavelmente alteradas, uma vez que não existia ainda, um processo de reprodução de fotografias que fosse técnica e economicamente viável para a impressão.

No Brasil, como nos coloca Andrade, a inexistência de uma mão de obra local qualificada para transpor as imagens fotográficas para a matriz xilográfica retardou o florescimento de publicações onde texto e imagens dividissem a mesma página mediante impressão simultânea⁴⁹. Foi a partir de 1860 que a fotografia começou a surgir no país, principalmente nas grandes capitais. Foi no impresso *Semana Ilustrada*, de Henrique Fleiuss, que houve a incorporação de imagens copiadas de fotografias que visavam retratar acontecimentos e não apenas pessoas ou localidades.

⁴⁷DE LUCA, 2005, p. 125.

⁴⁸ANDRADE, Joaquim M. F. de. *Do gráfico ao foto-gráfico: a presença da fotografia nos impressos*. In: CARDOSO, Rafael (Org.). *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960*. São Paulo: Cosacnaify, 2005, p. 61.

⁴⁹Idem, p. 64-65.

Conforme se foi aprimorando novas técnicas de inserir fotografia nos impressos, muitos foram os editores e empresários do ramo gráfico, assim como estudiosos do assunto que iniciaram viagens à Europa em busca de atualizações tecnológicas. A partir do século XX a fotografia passou a estar cada vez mais presente nos impressos brasileiros, mostrando locais, paisagens, pessoas e até mesmo cenas de eventos políticos; a ilustração como representação de uma sociedade em pleno desenvolvimento.

As revistas tiveram uma circulação grande em todo o país, conseguindo tratar de diversos assuntos e para variados públicos, o que fez com que este impresso conquistasse um espaço de destaque no cotidiano da população.

1.4. A Revista Periódica Ilustrada Pindorama

No Rio Grande do Sul, a imprensa teve seu marco inicial no ano de 1827, com o Diário de Porto Alegre e peculiarmente devido a necessidades militares, sob a direção do major Lourenço de Castro Júnior. Assim como na Corte, havia no Rio Grande do Sul a luta entre conservadores e liberais que utilizavam a imprensa para disseminar suas ideias. O desenvolvimento desta está fortemente ligada a dois fatores, como nos apresenta Hohlfeldt:

a luta político-partidária que se desenrolou na província, inclusive com sangrentas consequências, como a Revolução de 1893, e o aporte de novas tecnologias que vão interferir diretamente na transformação da imprensa estritamente partidária numa imprensa industrial, passando-se de uma produção artesanal a impressão absolutamente mecanizada.⁵⁰

Muitos foram os jornais e revistas que circularam ao longo da história do Rio Grande do Sul. Jornais de oposição, de combate, lutando por reformas (em diversos

⁵⁰HOHLFELDT, Antonio. *A Imprensa (1870-1930)*. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (coords.); RECKZIEGEL, Ana Luiza S.; AXT, Gunter (dirs.). *República Velha 1889-1930*. Passo Fundo: Méritos, 2007, - v.3 t.2 – (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul), p. 313.

setores). A tradição de um periódico refletindo as disputas políticas do país teve vários representantes, dentre eles o jornal de Júlio Prates de Castilhos, *A Federação* (janeiro de 1884), que em suas colunas refletiam alguns dos principais episódios da Questão Militar. E foi seguindo esta tradição que a Revista Pindorama surgiu, inclusive esta faz alusão em algumas edições sobre o jornal de Castilhos.

A Revista Pindorama foi fundada em abril de 1926 e circulou até outubro de 1928⁵¹ e visava contribuir para a sociedade rio-grandense, como colocaram seus diretores-proprietários:

Irmanados no sincero desejo de concorrer para o desenvolvimento intelectual dos nossos patrícios e, simultaneamente, ilustrar nosso espírito em uma efêmera mais ampla, resolvemos publicar uma modesta revista, norteada nos princípios sãos e altruísticos, que colimam o aperfeiçoamento dos povos. Convictos do relevante papel da imprensa na sociedade moderna, há muito sonhávamos com uma publicação deste gênero [...].⁵²

Os donos da revista eram o Capitão Antero Marcellino da Silva Júnior⁵³ e o Tenente João Martins de Oliveira⁵⁴. Em algumas edições houve o apoio de um

⁵¹Após a revista Pindorama, diversas foram as publicações que surgiram dentro da BM, a cerca de 30 anos circula na instituição uma revista de nome “Unidade”, destinada aos assuntos de Polícia Militar. Esta segue os moldes das revistas militares, que são criadas pela oficialidade e a instituição apoia e em muitos casos assume o produto. Na década de 50 circulou uma revista denominada de Brigada Gaúcha, que reeditou as ações da Pindorama, esta não obteve os mesmos resultados, mas alguns bem próximos. Ela estava voltada para a nova realidade do policiamento. Também encontramos o jornal Correio Brigadiano, que circula há 20 anos, desenvolvido por um grupo de oficiais. Entretanto muitos policiais militares, acreditam ser um veículo do comando militar conforme relato de Vanderlei Martins Pinheiro, tenente coronel da Reserva da BM; autor de obras técnicas; editor do jornal Correio Brigadiano e idealizador e autor do projeto que deu origem ao Instituto de Pesquisas da Brigada Militar.

⁵²PINDORAMA. *Pindorama*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, abril de 1926.

⁵³Nasceu em setembro de 1895 e ingressou na BM em 1913. Suas promoções foram constantes: alferes em 1920, tenente em 1925, capitão em 1928 e em 1932 atingiu o posto de tenente-coronel. No ano de 1938 exerceu o cargo político de prefeito da cidade de Passo Fundo, entretanto ficou no cargo apenas dois meses. Por duas vezes foi nomeado Presidente da Corte de Apelação (1941 e 1947), ou seja, foi Juiz Militar do Tribunal Militar Estadual.

secretário de redação, Aldo Ladeira Ribeiro, que posteriormente ficou conhecido como historiador da Brigada Militar, e de um encarregado da seção de anúncios, o Tenente Francisco Pinto de Aquino. Os colaboradores que escreviam na revista eram geralmente integrantes da Brigada: “um seleta corpo de colaboradores”⁵⁵.

De acordo com Barboza,

[...] cooperar com os moços da “Pindorama” n’alguma cousa de útil, sem todavia me julgar entre aqueles que, pelo fulgor da inteligência e brilho do talento, ilustram as páginas da novel revista com formosas colaborações. Entre os Estados do nosso vasto e amado Brasil, o Rio Grande do Sul, ocupa lugar saliente no tocante ao pendor de seus filhos pela carreira das armas, como está evidenciado pela história pátria.⁵⁶

Os diretores da Pindorama:

⁵⁴Nasceu em fevereiro de 1902 e ingressou na BM em 1919. No ano inicial de publicação da revista, era auxiliar direto do Assistente de Pessoal da BM. Ao todo foram 32 anos de serviço na BM.

⁵⁵PINDORAMA. *Pindorama*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, abril de 1926.

⁵⁶BARBOZA, A. F. O recrutamento de oficiais e o Município de Santiago de Boqueirão. *Pindorama*, Porto Alegre, v. 1, n.4, julho de 1926.



Na primeira imagem, temos Antero Marcellino da Silva Junior seguido de João Martins de Oliveira, ambos tenente de acordo com a foto.

Fonte: Pindorama, Porto Alegre, v.1, n.1, abril de 1926.

Os diretores da Pindorama faziam parte da alta cúpula da Brigada Militar conforme podemos observar a partir das informações que constam no Almanaque da BM e no relato do coronel Pinheiro:

O almanaque é um dos instrumentos mais importantes do mundo militar. Revela quem é quem e, os mais importantes, independentes de posto, os define publicamente. Assim, a página 43 do Almanaque de 1926 inicia a relação de quem compõe o comando da Brigada Militar, se estendendo pelas páginas 44 e metade da 45. Pois das pessoas citadas nas páginas 43 e 44, encontram-se em cada uma delas, dois dos mais importantes membros da cúpula da revista. Portanto, dos 15 brigadianos relatados, nessas duas páginas, sabendo-se que aí estavam, também, o comandante-geral e os

equivalentes aos atuais Subcomandante-geral, Chefe do Estado Maior e Chefe de Gabinete do comandante, ou seja, a cúpula de quatro autoridades principais, estavam também, quatro tenentes seus auxiliares, os operadores (executivos) da revista Pindorama. Se somarmos com as quatro autoridades, seus auxiliares, teremos metade do comando formal da instituição Brigada Militar e do efetivo relatado nas duas páginas.⁵⁷

A revista era financiada pelos tenentes, que investiam dinheiro próprio para a publicação desta, também contavam com financiamentos de publicidade e apoio de amigos, o que indica que até mesmo, o Comando Geral da BM enviava contribuições para a efetivação da mesma, já que ao longo de algumas edições, havia o agradecimento ao comando e ao presidente do Estado. Esta era uma publicação particular, não oficial, porém, ficava evidente seu caráter de fundo institucional: uma revista da Brigada Militar do Rio Grande do Sul: “Pindorama que nasceu no seio da Brigada Militar, animada dos sentimentos de patriotismo, de apoio ao regime da ordem e das leis e de aplausos aos grandes vultos que honram a Nação [...]”⁵⁸. Ao observarmos as funções desempenhadas pelos proprietários da revista, no ano de 1926, conseguimos evidenciar que a revista contava com o aval, apoio e talvez, um suporte cultural, para as finalidades estratégicas da BM, já que o cenário político era incerto e a decadência do PRR se fazia presente.

Ao todo foram editados 31 volumes da revista, que circularam entre os integrantes da polícia brigadiana de todo o Estado, assim como entre amigos, anunciantes e comandos dos demais Estados brasileiros. O nome da revista foi uma homenagem:

à nossa querida Pátria, demos à nossa revista o nome de “*Pindorama*”. Nome singelo e ameno, buscado no poético idioma dos naturais da nossa gleba. Vocábulo despido de vaidade, lembrando a beleza da “terra das palmeiras”, será ele uma palavra de conforto, a encorajar-nos na difícil senda que nos propomos trilhar.⁵⁹

⁵⁷PINHEIRO, Vanderlei Martins. Depoimento escrito a partir do Almanaque da Brigada Militar de 1926, analisando a revista Pindorama, contribuindo assim para a pesquisa em desenvolvimento.

⁵⁸Ao vulto Emérito. *Pindorama*, Porto Alegre, v. 1, n. 2, maio de 1926.

⁵⁹PINDORAMA. *Pindorama*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, abril de 1926. Grifo do autor.

A revista sempre fazia alusão ao passado glorioso da Instituição que atuou como braço armado ao lado do governo republicano. A periodicidade era mensal, a revista era impressa em folha off set 70 gramas, media 19 cm de largura e 27 cm de altura, sendo editada em preto e branco, com um total de páginas entre 12 e 18, variando em cada publicação.

PINDORAMA

REVISTA PERIODICA ILLUSTRADA

Anno I	PORTO ALEGRE, Abril de 1926	Num. 1
Assignatura annual: 15\$000	Directores-proprietarios: Tenente Antero Marcellino da S. Junior Tenente João Martiņs de Oliveira	Numero. avulso: 1\$500

„PINDORAMA“

Imanados no sincero desejo de concorrer para o desenvolvimento intellectual dos nossos patricios e, simultaneamente, illustrar nosso espirito em uma esphera mais ampla, resolvemos publicar uma modesta revista, norteadá nos principios sãos e altruisticos, que collimam o aperfeioamento dos povos.

Convictos do relevante papel da imprensa na sociedade moderna, ha muito sonhávamos com uma publicação deste genero, destinada a circular no mundo civil e no seio das classes armadas, visando contribuir para o preparo mental dos nossos leitores, proporcionando-lhes paginas a um tempo agradaveis e instructivas, nas quaes incluíssemos assumptos de litteratura, arte, sciencia, technica militar, religiáo, etc., e tratando dos factos da Brigada militar, suas forças auxiliares, Exercito e demais forças militares da União e dos Estados, emfim, de todos os acontecimentos que interessarem á collectividade, reservando logar de honra aos vultos postos em destaque por seus serviços á Patria ou á Humanidade.

Longo tempo meditamos sobre as multiplas responsabilidades de uma tal iniciativa, mas, embora ardua a tarefa, triumphou o nosso ideal, e hoje, cheio de fé, apresentamos aos nossos amigos, o primeiro numero da revista que delibéramos offerecer-lhes.

Para attingirmos esse objectivo, solicitamos o concurso de illustres amigos que, gentilmente, se dignaram colaborar connosco, emprestando-nos o valioso auxilio de suas pennas fulgurantes.

Contando, pois, com um selecto corpo de collaboradores, nossa revista acha-se á altura de emprehender a trajetoria que lhe indicamos, desempenhando, com brilho, a missáo a que se propõe—instruir e recrear.

Não pouparemos esforços para a realisáo desse desideratum, amparados pelo auxilio moral, intellectual e material dos nossos amigos. Trabalharemos sem esmorecimentos, arrostando todos os obstaculos que se nos antepuzerem. Olhos fitos em nosso programma, delle jámais nos afastaremos, sejam quaes forem as vicissitudes da nossa existencia.

Como homenagem á nossa querida Patria, demos á nossa revista o nome de «Pindorama». Nome singelo e ameno, buscado no poetico idioma dos naturaes da nossa gleba. Vocabulo despido de vaidade, lembrando a belleza da «terra das palmeiras», será elle uma palavra de conforto, a encorajar-nos na difficil senda que nos propomos trilhar.

Ave! «Pindorama». Ante o teu natal, quantas emoções nos empolgam!

Evocas o magnifico scenario deste jardim delicioso, deste recanto soberbo, collocado ao occidente do Atlantico, em cuja superficie levemente encrespada espelham-se, como donzellas vaidosas, lindas palmeiras plenas de graça e vida,

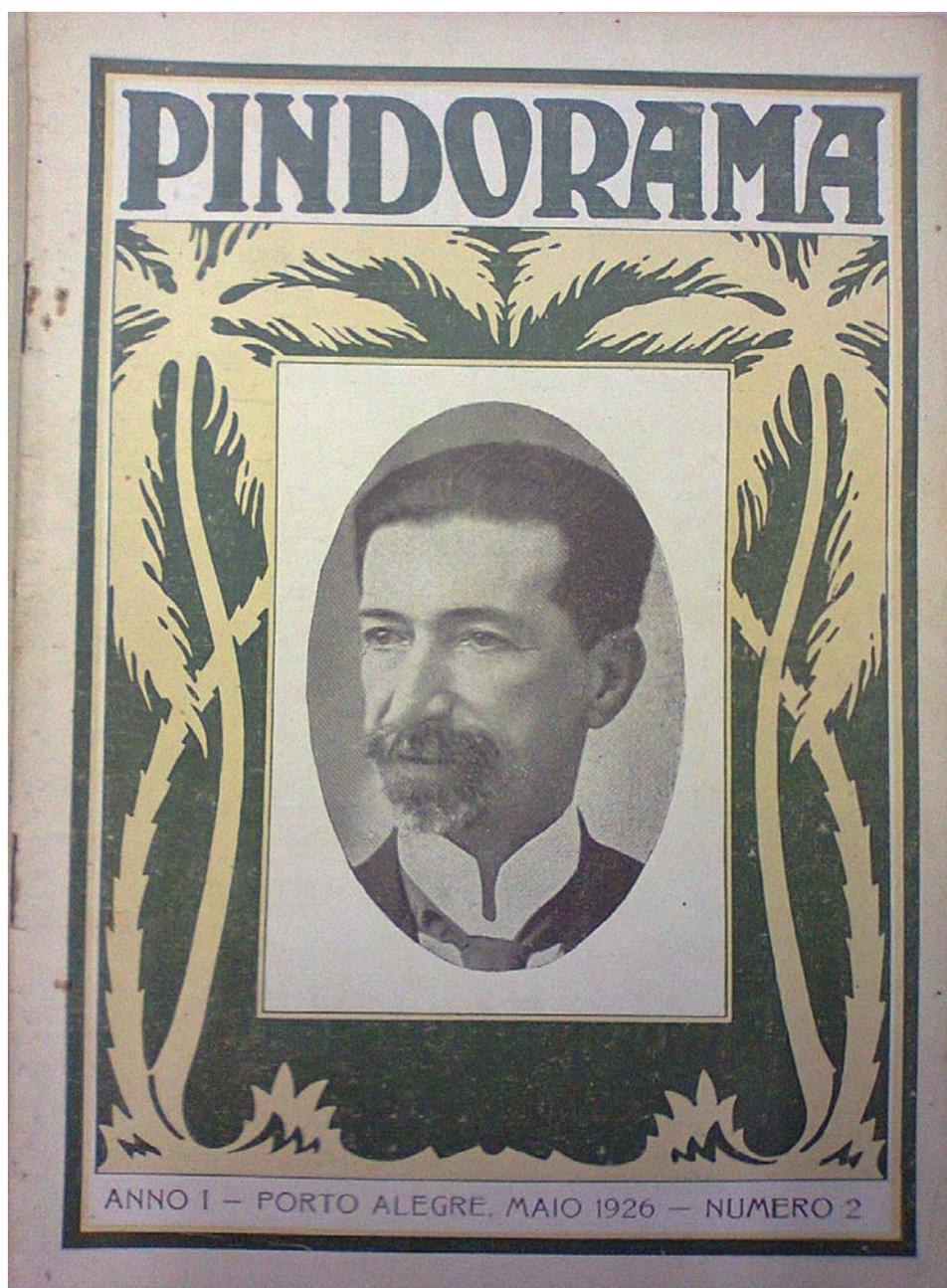
«Palmeiras da minha terra
Onde canta o sabiá!»

Cantas, com a simplicidade encantadora do idioma selvagem, que fez vibrar o estro de Alencar, todo o fausto do nosso opulento paiz — seus prados intermi-

Esta era a primeira página (infelizmente a capa do volume número 1 perdeu-se no tempo) que trazia os fatores que levaram à motivação de criação da revista, assim como explicava qual era sua função social perante a Brigada Militar.

Fonte: *Pindorama* Abril de 1926, número 1.

A capa da Pindorama era colorida com a imagem de um homenageado da edição⁶⁰, como podemos observar na edição de maio de 1926, que traz Borges de Medeiros na capa e no artigo *Ao Vulto Emérito*, que exalta Borges e a Brigada Militar.



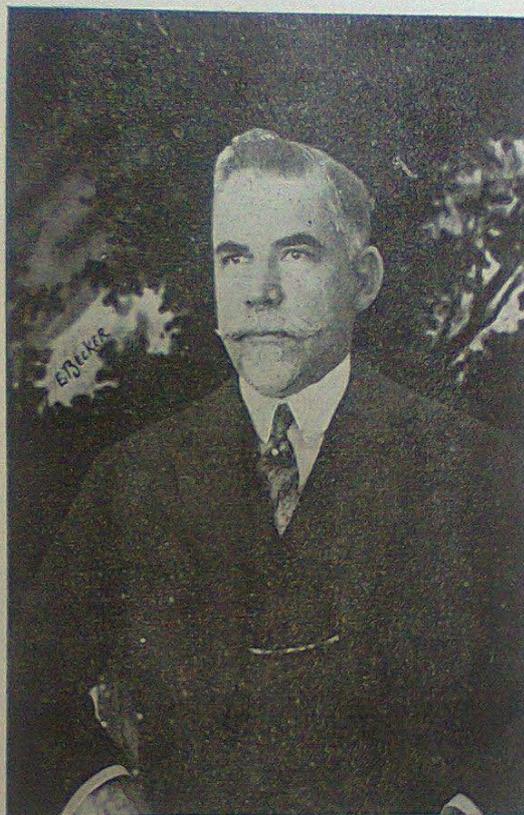
Fonte: *Pindorama de Maio de 1926, número 2.*

⁶⁰Evidencia-se na maioria das edições, entretanto, algumas trazem na capa personagens que não são citados em nenhuma matéria da revista e não fazem parte dos homenageados, como as edições de outubro e novembro de 1927. Uma traz Getúlio Vargas (candidato à presidência do Estado) e na outra João Neves da Fontoura (candidato à vice-presidência do Estado).

A revista continha uma crônica que por vezes apresentava o homenageado da capa, outras vezes falava sobre o desenvolvimento da Capital ou até mesmo visitas importantes que o Estado recebia. Exemplo foi quando o Presidente Washington Luiz visitou Porto Alegre, fato que mereceu destaque devido a este ser o primeiro presidente eleito da República a visitar o Estado em vinte anos, pois como salienta Boris Fausto, “mais do que isso, seu programa de estabilização financeira era bastante compatível com os princípios do PRR [...]”⁶¹.

⁶¹FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 32.

Aspectos da visita do dr. Washington Luiz a esta capital



S. Exa., o sr. dr. Washington Luiz Pereira de Souza.



S. Exa. acompanhado dos drs. Borges de Medeiros e Octavio Rocha, agradece os aplausos da multidão, no Cais do Porto.

Na imagem encontramos: Aspectos da visita do dr. Washington Luiz a esta capital. Logo abaixo da foto segue a legenda: S. Exa, o sr. dr. Washington Luis Pereira de Souza. A segunda foto traz a legenda: S. Exa. acompanhado dos drs. Borges de Medeiros e Octavio Rocha, agradece os aplausos da multidão, no Cais do Porto.

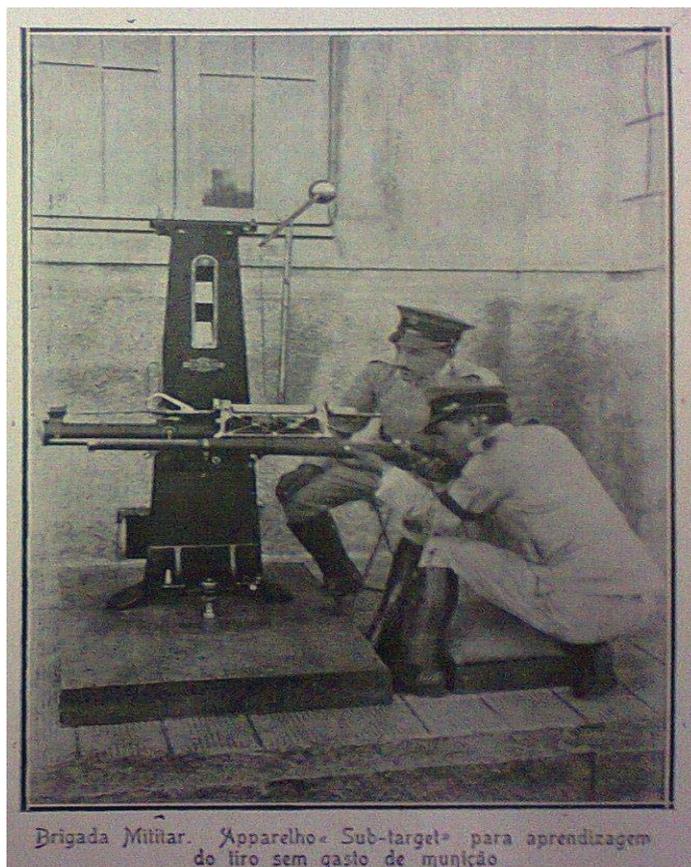
Fonte: Pindorama de Junho de 1926, número 3.

Observa-se que praticamente todas as edições homenageavam um personagem de destaque político ou militar, destacando sempre para seus integrantes os grandes nomes do PRR, como Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, como podemos observar na edição de julho de 1926, onde o homenageado foi Castilhos, denominado como O Patriarca

“Júlio Prates de Castilhos, o imortal Patriarca, que legou à sua terra a obra monumental do seu grande saber e do seu alto patriotismo, a Constituição do Estado, promulgada em 1891 [...] eminente homem de estado que foi um dos mais lídimos batalhadores e representantes do regime republicano que pregou com os arroubos de sua palavra evangelizadora e com os lances magníficos de sua pena brilhante e convincente. No Rio Grande, Júlio de Castilhos tornou-se o Messias da idéia republicana e em torno da sua figura empolgante de homem condutor congregaram-se outros vultos do seu quilate, conseguindo preparar a opinião pública e arregimentá-la para o advento do novo regime. [...] Julio de Castilhos, o batalhador glorioso, o organizador clarividente e patriótico, revive no coração do Rio Grande, como um dos seus vultos beneméritos, pois que conquistou na sua vida imaculada e dedicada ao bem público, a gratidão, o respeito e a veneração dos filhos desta terra a que deixou tão precioso legado”⁶².

A revista trazia muitas imagens de soldados, de seus familiares, de batalhões, assim como de construções que tinham como fins ser quartel da Brigada ou repartições desta, bem como de brigadianos em treinamento, como mostra a foto abaixo.

⁶²AO PATRIARCA. *Pindorama*, Porto Alegre, v. 1, n. 4, julho de 1926.



Sob legenda: Brigada Militar. Aparelho “Sub-target” para aprendizagem do tiro sem gasto de munição.

Fonte: Pindorama de Abril de 1926, número 1.

Ela comercializava seus espaços publicitários ou de propagandas, encontramos em todos os exemplares, espaços destinados à publicidade em geral como anúncios de advogados, de confecções de paramentos militares, de carros, pneus, entre outros, como demonstrado no anúncio que seguia geralmente no final da revista.

Alfaiataria Soares

Militar e Civil

— Unica no Estado —

Confeção a capricho e com presteza.

Soares, Irmãos & Cia.

429 - Rua dos Andradas - 429

Araujo Vianna

Fabrica de Bonets Militares

Fundada em 1865

*Completo sortimento de artigos
para militares*

*Fabrica de bandeiras e estandartes,
miudezas.*

Bordados a OURO e a SEDA.

Casa das linhas.

Remette qualquer encomenda pelo Correio.

PORTO ALEGRE, Andradas, 425

Phone. 4073

Etzberger Irmãos & C.

Succ. de Santos Rocha & Cia.

Porto Alegre - Rua Mal. Floriano ns. 106 e 108

Deposito: Rua Vigario José Ignacio ns. 51 e 55

Endereço telegraphico: „Etzberger“ - Telephone N. 4710



Ferragens, Tintas, Miudezas,
Trens de Cozinha, Artigos de Metal,
Artigos Sanitarios, Machinas Agrarias,
Maçames, Lonas, etc. etc.

Estopas, Oleos, Explosivos

—
Armas e Munições.

Fonte: *Pindorama de Julho de 1927, número 16.*

A revista tinha como função informar sobre questões militares, assim como ser de cultura e diversão. Inclusive, algumas edições da revista contavam com um encarte

destinado a diversão, denominado como suplemento humorístico de Pindorama, o Espalha Brazas:

ANNO I NUM. 7

Porto Alegre (Rio Grande do Sul), Julho de 1928

O ESPALHA BRAZAS

SUPPLEMENTO HUMORISTICO DE "PINDORAMA"

DIRECTOR:
CARO VELHO





Tristeza

Para o A. M.

Manhã fria p'ra burro. A chuva cahia com intensidade. Do sôl «nem nada». Enchentes em toda a parte. O Riacho estendia «seu branco lençôl d'agua» pelas zonas circumvisinhas. Os bondes da inesquecível Força e Luz, conforme seu velho costume, andavam atrasados por causa da... chuva, que amolecera os «trios». O trem, levando o «amor della» partira «silenciosamente, cortando os ares com seus forte, apitos». Ella, sentada em um canto da casinha, soluçava, seu peito refolegava como fole de ferreiro. A saudade já invadira seu terno coração, o qual batia como relógio «Roskopf», de 2.ª mão. De repente ribomba um «baito» trovão; ella, acoitada, que estava acotada, deu um formidável pulo, um verdadeiro salto da morte, sem publica assistencia e sem intervenção da Assistentia Publica, levantou-se, enchugou as lagrimas, ergueu o braço direito, coçou a cabeça — foi tomar café. Eram 8 horas cessara seu «pranto de chôro».

Lá fora a chuva continuava a cahir. O vento soprava.

Ella tinha razão de ficar triste, porque

Dr. Pitanga Verde



UM "PROFESSOR" EXTEMPORANEO

Aos meus collegas do C. P. M.

«Tenho bofiado por noites inteiras, Tirando, da cachôla, explicações. Os alumnos que tenho são toupeiras. Mas já 'stão adiantado nas lições.

A's vós, analysam: de Vieira, Todas as minucias dos «SERMÕES»; O «MARDITO OTOMOMI» do Ferreira; E beliscam nos cantos de Camões.

Sô mesmo vendo se pôde avalecá, Como são ligeiros a modi decorá!... São bãos nos cárcus. Da cabeça aos pés

Conhecem o Celestino. Côbro pouco. Pois avaloem que, de cada um louco, Barrendo eu vou, por méis, só déz merrés».

Sargento ALPHA.

Ten. Olympio Pereira Gomes



El' calma, é lida, é doce, é tão serena a vida deste allivo figurão, que jamais abandona a sua penna e a cuia do gostoso chimarrão!

O matte espanta a magoa que se peña, nos dá vigor, nos dá consolação! E entre o matte gaúcho e sua penna faz o Tenente um traço de união!

mesa do Café Paulista, quando se acercaram delle o Zigomar e o Dr. Raf.

— Ferreira Brito é um portento! Ten «Maldito automovel!» é analysado como os «Sermões» do P. Antonio.

Enquanto o Zigomar tomava folago, o Dr. Raf acrescentou:

— E comparavel aos canções sublimes do immortal Camões?

— Nada disse — respondeu-lhes o Ferreira. — Eu sei ao que vós quereis referir-se: é ao soneto do sargento Alpha. Sim, sim, aquelle maltrado transformou

o «Buick» elegante do meu sonho num «Ford» sem pneus, com as molas frouxas...

Uma gargalhada estridente feriu os ouvidos dos circunstantes, e o Brito ficou mais vesgo do que realmente o é...

«Espalha Brazas» social

ANNIVERSARIOS

Os nossos amigos e leitores que nasceram em julho de qualquer anno, festejam neste mez, o seu anniversario natalicio.

Pelas despezas que terão com esse festajo, apresen-

tamos sentidos pezames ás algibeiras esgotadas.

FALECIMENTO

Falleceu, em Lisboa, no anno automatico de 1576, o nosso apreciado collaborador, sr. Luiz de Camões.

Camões, como era conhecido na intimidade aquelle nosso amigo, deixou muitos sonetos esparços e um bella poesia épica — OS LUNIADAS.

Enabris tardiamente, porque antes tarde do que nunca, deploramos esse infatigable acontecimento e apresentamos cherosas condolencias á sua inconsolável familia.

Fonte: Pindorama de Julho de 1928, número 28.

Existia uma preocupação com os fatos ocorridos em todo o país, e ainda visualizamos uma preocupação com os fatos históricos de relevância para os editores da revista. Estes definem a função da revista como

[...] destinada a circular no mundo civil e no seio das classes armadas, visando contribuir para o preparo mental dos nossos leitores, proporcionando-lhes páginas a um tempo agradáveis e instrutivas, nas quais incluíssemos assuntos de literatura, arte, ciência, técnica militar, religião, etc., e tratando dos fatos da Brigada Militar, suas forças auxiliares, Exército e demais forças militares da União e dos Estados, enfim, de todos os acontecimentos que interessem a coletividade, reservando lugar de honra aos vultos postos em destaque por seus serviços à Pátria ou à Humanidade.⁶³

Muitas foram as páginas dedicadas à tradução de romances, como por exemplo, *Entre demônios*, um romance sul-americano de Leopoldo Gheri, traduzido pelo Dr. Manoel de Queiróz Mattoso Ribeiro. Também, poemas de poetas consagrados, como Olavo Bilac, que se destacou como poeta e como defensor da República, ao lado dos militares. Olavo Bilac visita as instalações da BM em 1916, deixando registrado no livro de visitas sua percepção sobre a Força:

“Causou-me intenso prazer a minha visita aos quartéis e à maravilhosa linha de tiro da Brigada Militar do Rio Grande do Sul. A higiene e a consciência dos oficiais, e o adestramento e a disciplina da tropa deram-me uma profunda e inapagável impressão de verdadeiro entusiasmo. Partindo, com a mais viva saudade da gloriosa cidade de Porto Alegre, hoje deixo neste livro o testemunho da minha ardente admiração”⁶⁴.

Os responsáveis por grande número de artigos na sua maioria são os próprios diretores-redatores, que se intitulavam também como jornalistas-soldados. A revista tinha um custo anual para assinantes de 15\$000, com telefone e sede provisória na rua Andradas, 18 em Porto Alegre, a duas quadras do comando geral da corporação. A revista contava com o apoio do governo estadual, como verificamos em nota na

⁶³PINDORAMA. *Pindorama*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, abril de 1926.

⁶⁴MARIANTE, Hélio Moro. *Crônica da Brigada Militar Gaúcha*. Porto Alegre: Editora e Distribuidora POL OST, 1972, p. 144.

Pindorama⁶⁵, assinada por Borges de Medeiros: “merece amparo a iniciativa, que só poderá produzir bons frutos”⁶⁶. Também recebia o apoio Comando Geral da BM, na figura do coronel Claudino Nunes Pereira e logicamente de toda a cúpula do PRR, que de alguma maneira apoiavam ou eram solidários com o veículo de comunicação social.

A Revista Pindorama seguia a linha das publicações de revistas ilustradas que surgiram no Brasil no início do século XX. Poderíamos até mesmo dizer, que esta publicação inspirava-se na revista do Exército, *A Defesa Nacional*, que surgiu em 1913 para a divulgação das ideias dos jovens turcos⁶⁷ e difusão dos conhecimentos adquiridos na Missão Instrutora Alemã, a revista como salienta Carvalho,

era exclusivamente técnica e dedicou-se a traduzir regulamentos do Exército alemão, a difundir seu sistema de treinamento, suas práticas e costumes, e a lutar por medidas como o sorteio, a educação militar, o afastamento da política, a defesa nacional.⁶⁸

Evidenciamos que o grupo de oficiais que idealizou e criou a revista Pindorama, inspirou-se nos jovens turcos, já que a publicação tinha como um dos principais objetivos relembrar a história da Instituição, principalmente através das participações bélicas desta e debater sobre a organização da BM. A revista tinha grande preocupação em debater algumas questões como armamentos, inovações tecnológicas, crescimento

⁶⁵Ao analisar a nota que traz o despacho de Borges sobre a revista, fica evidente o apoio de divulgação da revista, assim como até mesmo, apoio financeiro para que o projeto se realize e alcance o objetivo: informar os membros da BM sobre os diversos assuntos.

⁶⁶Honroso despacho referente à Pindorama, do boletim do Comando da Brigada Militar nº 82 de 10 de abril de 1926. *Pindorama*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, abril de 1926.

⁶⁷Os jovens turcos foram os jovens oficiais do Exército brasileiro, enviados para servirem arregimentados no Exército alemão, entre os anos de 1906 e 1912, já que o Exército alemão era considerado um dos mais bem organizados na época para que se recebesse formação militar. Foram três turmas de oficiais: 1906, 1908 e 1910, cada turma serviu por dois anos. Esses jovens oficiais foram fortemente influenciados pela cultura, organização social e militar alemã. Quando estes voltaram para o Brasil, iniciaram uma campanha em prol da profissionalização dos militares e aparelhamento do Exército brasileiro utilizando-se de uma revista própria, *A Defesa Nacional*, que foi inspirada em uma revista militar alemã.

⁶⁸CARVALHO, José Murilo de. *Forças Armadas e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p.27.

da capital e desenvolvimento das cidades do interior do Estado. A Brigada Militar era, na visão da Pindorama a garantia do poder dos republicanos no Rio Grande do Sul.

No seguinte capítulo abordaremos o processo histórico-político que levou à criação da BM, assim como se deu o processo de ascensão política dos republicanos que chegaram ao poder, se instalaram nele e a partir daí, muitos foram os movimentos armados no Rio Grande do Sul, já que os republicanos gaúchos se apoderaram do comando político não permitindo que outra facção política pudesse estar à frente do estado. Sendo assim, veremos que os movimentos armados em busca de maior espaço se fizeram constantes, como a Revolução Federalista, a Revolta de 1923 e o movimento dos tenentes em 1924.

CAPÍTULO II:

BRIGADA MILITAR: O BRAÇO FORTE EM DEFESA DO IDEÁRIO CASTILHISTA

Criada por Fernando Abbott⁶⁹ Secretário dos Negócios do Interior e Exterior, em exercício do cargo de Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, no lugar de Júlio de Castilhos e aos moldes deste, a Brigada Militar foi a grande força bélica do Rio Grande do Sul, “[...] Brigada Militar, que é uma muralha humana inderrocável e capaz de conquistar, pelas armas vitórias inconcebíveis [...]”.⁷⁰ Reorganizada nos moldes do Exército, a Brigada Militar tinha como principais objetivos, segundo Moacyr Flores, “zelar pela segurança pública, manutenção da República e do governo do Estado, fazendo respeitar a ordem e executar as leis”⁷¹.

Contando com dois Batalhões de Infantaria e um Regimento de Cavalaria, além de inúmeros Esquadrões e Corpos Provisórios, a Brigada Militar era uma instituição secularizada, organizada militarmente e apresentava características próprias fundamentadas num regime jurídico com um Regimento Disciplinar e Processual que versa sobre as regras gerais de comportamento e condutas militares, bem como as sanções e punições aos faltosos.

Conforme relatava Pindorama:

A Brigada Militar foi criada por Decreto do Governo do Estado, de 15 de outubro de 1892, do teor seguinte:

Decreto nº 357, de 15 de Outubro de 1892

Criando a Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul.

O Dr. Fernando Abbott, Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior, no exercício do cargo de Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, resolve criar a Brigada Militar do mesmo Estado.

⁶⁹Médico, político, jornalista e diplomata. Foi redator d’A Federação e como vice-presidente, assumiu a presidência do Estado no período de 1892-1893. Lutou na Revolução Federalista no posto de coronel contra os opositores do PRR.

⁷⁰*Pindorama*, Porto Alegre, v. 2, n. 21, dezembro de 1927.

⁷¹FLORES, Moacyr. *Dicionário de História do Brasil*. 2ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001, p. 107.

A referida Brigada terá um estado-maior que se comporá de um comandante, com graduação de coronel, um capitão-assistente, servindo de secretário, um dito quartel-mestre geral, dois ajudantes (alferes ou tenentes tirados dos corpos).

[...] Formar-se-á a Brigada Militar de três corpos, sendo dois batalhões de infantaria e um regimento de cavalaria [...] A mesma Brigada compor-se-á de mais três corpos de reserva [...] que serão desde já organizados para entrarem em serviço, quando as circunstâncias o reclamarem.

Até a expedição do regulamento para a mesma Brigada, reger-se-á esta pelas práticas seguidas nos regulamentos militares.

Fica extinta a atual Guarda Cívica. Façam-se as devidas comunicações.

Palácio do Governo, em Porto Alegre, 15 de outubro de 1892. **Dr. Fernando Abbott.**⁷²

Quando da sua organização, a Brigada Militar visava fazer frente ao iminente conflito armado que se anunciava: a Revolução Federalista (1893-1895). Desde então a Brigada estaria envolvida em todos os acontecimentos políticos/bélicos importantes na história do Rio Grande do Sul e até mesmo em nível nacional. Atuou na Revolução de 1923, na Coluna Prestes, na Revolução de 1930 e na Revolução Constitucionalista de 1932, a última, antes da sua federalização e desarmamento bélico em 1937.

A Brigada Militar estava sobre a égide da influência positivista. Como o positivismo “pretendia dar uma ordenação lógica à sociedade procurando eliminar os elementos anárquicos e desagregados que impedia a sua evolução”⁷³, logo os indivíduos que ingressavam na BM estariam longe de se tornarem possíveis “indesejáveis”, passando a ser “elementos de ordem, e não de perturbação social”, como salienta Sandra Pesavento na obra *República velha gaúcha: Estado autoritário e economia*.

O positivismo seguido por Júlio de Castilhos era uma versão pragmática da ideologia comtiana, entretanto, assumiu algumas peculiaridades locais. Vélez Rodriguez indica as principais diferenças entre o castilhismo e o comtismo, insistindo em que o primeiro tendeu a destacar, sob todos os aspectos, o poder de Estado, numa medida que jamais figurou nos projetos de Comte, e que o aspecto da liberdade de consciência e de opinião, sagrado para o filósofo francês, foi frustrado no Rio Grande castilhistas pelo

⁷²*Pindorama*, Porto Alegre, v. 2, n. 19, outubro de 1927. Grifos do autor.

⁷³PEREIRA, Maristela Silva. *Os corpos provisórios da Brigada Militar: seus aspectos sociais e utilitários (1923-1927)*.1993. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

“favorecimento da doutrina estatal através da imprensa do Partido” e pela “perseguição encarniçada aos jornais da oposição”⁷⁴.

Ser brigadiano proporcionava ao indivíduo um status e poder perante a sociedade. Este incorporava e assumia a filosofia da instituição como sua própria filosofia de vida. Seus princípios eram disciplina, organização e poder. Agiam a serviço da cidadania, visando a proteção do direito de todos, a preservação da ordem e da segurança pública da sociedade.

A importância do militar pode ser evidenciada em Pindorama:

O militar, com as suas múltiplas obrigações sociais imprescindíveis, além do nobre desempenho da carreira das armas, já de si tão complexo, que lhe impõe estudos demorados e profundos para cumpri-la á preceito, precisa cultura geral, fora d'essas fronteiras especializadas.

Frequente chamado a desempenhar comissões civis de alta relevância, obrigado a discutir os mais variados assuntos que interessam a Pátria, tem de mostrar real erudição e ciência perfeita daquilo que se debater e constituir a matéria de sua deputação, encargo ou embaixada.

No próprio seio da força, ou entre outros elementos graduados da sociedade, quando, como é corrente, se ocupar não só da vida íntima do seu país, mas também da vida externa de qualquer povo [...].

A obrigação porfiada de estudar, de ler muito, lhe constituirá necessidade imprescindível. Este labor que, de principio, parece difícil e menos atraente, logo depois de alguns exercícios continuados, se transforma em hábito agradável [...].

Por certo, o individuo necessita de atividade física para o equilíbrio da saúde e reforço da resistência humana [...].⁷⁵

O retorno à história é constante nas páginas da revista. Seguidamente ela ressaltava a criação dos Batalhões de Cavalaria e de Infantaria, marco da criação da Brigada Militar, que inicialmente contou com a formação de dois batalhões de Infantaria e um batalhão de Cavalaria, assim como tinha três corpos de reserva para entrarem em serviço assim que fosse necessário.

De acordo com o relato de Miguel Pereira⁷⁶ havia “um investimento do governo para o desenvolvimento intelectual de seus integrantes através de escolas regimentares e

⁷⁴RODRIGUEZ, Ricardo Vélez. *Castilhismo: uma filosofia da República*. Brasília: Senado Federal, 2010, p. 273.

⁷⁵PEREIRA, Miguel. Aptidão profissional. *Pindorama*. Porto Alegre, v. 2, n.13, abril de 1927.

aulas preparatórias”, assim como um investimento na remuneração dos integrantes, o que fazia com que esta fosse “visada por jovens de boas famílias”. É visível nos artigos que encontramos na Pindorama, que o governo investia gradativamente no aumento do número de soldados da Brigada, assim como os distribuía nos locais ao qual considerava de mais fácil mobilização, estando sempre prontos para agir, já que

Instituída para conservar a ordem, a segurança e a integridade do território Rio-Grandense, não vive na inércia enervadora dos quartéis, onde, aliás, as exigências da instrução e da disciplina não sofrem mais passageira quebra. Os destacamentos enviados frequentemente a várias regiões do Estado em perseguição de criminosos ou em auxílio do policiamento local, determinam a movimentação contínua e parcial de toda a força pública.⁷⁷

Como salientado, existe uma preocupação dos redatores da revista em resgatar e enaltecer a história da corporação, muitas serão as páginas dedicadas a busca histórica da BM, assim como a lembrança daqueles que foram os “heróis” da Instituição e que, logo, seriam heróis rio-grandenses. Para o capitão Antonio Dias de Oliveira, em artigo da Pindorama:

Reviver o passado é volver as páginas da história, abrindo caminho para a investigação da mocidade que anseia por conhecer e divulgar as tradições e as glórias de seus antepassados; é recordar a história dos homens que tiveram proeminência na vida gloriosa de um povo.

Portanto, inspirado nesse sentimento cívico que enobrece e incentiva a todos os homens que amam verdadeiramente a sua pátria, vou reviver não a história de um povo, mas a atuação viril de uma plêiade de cidadãos ilustres que constituíram a Velha Guarda da gloriosa força republicana do Rio Grande do Sul.

Cheio de fé e de saudade, eu relembro os vultos e fatos da Brigada Militar porque assim, invoco épicas tradições lendárias, glórias e civismo dessa força invicta que esculpiu no solo da pátria dos heróicos bandeirantes o maior dos poemas guerreiros da história revolucionária do Brasil, batendo-se com uma bravura leonina em defesa da Pátria e da República.⁷⁸

⁷⁶PEREIRA, Miguel. *Esboço Histórico da Brigada Militar*. Porto Alegre: Livraria Americana de Cunha, Rentzsch e C., 1917. Vol. I, p. 120.

⁷⁷*Pindorama*, Hoje e Sempre. Porto Alegre, v. 3, n. 31, outubro de 1928.

⁷⁸OLIVEIRA, Cap. Antonio Dias de. A Velha guarda da Brigada Militar. *Pindorama*. Porto Alegre, v. 2, n. 21, dezembro de 1927. Artigo escrito em novembro de 1927, na cidade de São Borja.

Nas páginas da Pindorama evidenciamos a defesa da causa dos republicanos⁷⁹ rio-grandenses, principalmente pelas edições que homenageiam Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros, Flores da Cunha, Getúlio Vargas, Pinheiro Machado, dentre outros.

Assim como também integrantes da própria BM que estavam à frente da polícia ou vieram a falecer em momentos de atuação bélica, como no caso do Coronel Affonso Emilio Massot, patrono da Brigada Militar, que foi o primeiro comandante da Força que não pertencia ao Exército. Este se destaca por sua atuação na revolta de dezembro de 1892, ano da criação de 17 Corpos Provisórios que foram organizados em diferentes pontos do Estado, de acordo com a necessidade e principalmente nas cidades mais próximas de divisa com o Uruguai, onde se encontravam os revoltosos.

Em 1909 Massot, então tenente-coronel, assumiu o Comando da Brigada, ficando provisoriamente no comando. Em março de 1909, o coronel Cipriano da Costa Ferreira, oficial do Exército Nacional, assumiu o comando da Força, destacando-se pelo empenho à instrução militar da Brigada, que era um dos temas frequentes nas reportagens da Revista, como atesta o trecho abaixo:

Tiveram início, a 1º do corrente, na Força Estadual, os trabalhos de instrução militar, que obedecem ao programa que a seguir publicamos enquanto não for ultimado o respectivo regulamento que está em elaboração, conforme consta em Boletim nº 143, de 25 de junho, do Comando Geral [...] ⁸⁰.

⁷⁹O movimento republicano no Rio Grande do Sul apresentou muitas particularidades. Além de ter se organizado tardiamente (1882), como salienta Beatriz Weber, seus fundadores tinham características distintas das elites políticas da época: eram jovens, com instrução superior e sem experiência partidária anteriores. Ao contrário dos demais partidos republicanos e monárquicos, não defendiam a doutrina liberal como base de sua luta, mas se declaravam positivistas e organizaram um programa muito próximo das propostas de Augusto Comte. Apesar de pertencerem à elite econômica vinculada à pecuária, não compunham a tradicional elite da campanha gaúcha, que, em quase sua totalidade, formava o Partido Liberal. Eram provenientes, em sua maioria, da região norte do Estado. (Cf. *As artes de curar: Medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense (1889-1928)*. Santa Maria: UFSM; Bauru: EDUSC, 1999).

⁸⁰Pindorama, Ano I, Número 04, Julho de 1926.

O coronel Cipriano ficou no comando até março de 1915, quando novamente assumiu o comando Affonso Emílio Massot. Este assumiu o cargo sob temores de revoltas, pois neste momento havia muitos protestos políticos devido à indicação do marechal Hermes da Fonseca a senador do Rio Grande. O cenário político foi assim descrito por Mariante:

Num dos comícios realizados na capital gaúcha, ao atingir o local da manifestação um contingente policial constituído de elementos da Brigada Militar foi recebido à bala, caindo, de imediato, morto um soldado. Com a reação do piquete policial, estabeleceu-se sério conflito, do qual resultou a morte de 3 civis e 2 praças da Força, com um saldo ainda de 15 feridos, dos quais 8 civis e 7 policiais-militares.⁸¹

Foi no comando de Massot, que a Brigada Militar solicitou ao governo do Estado a instalação de uma Escola de Aviação para treinamento dos seus integrantes. Em agosto de 1915 “encaminhou uma proposta que lhe fora apresentada pelo aviador John Barrow, acompanhada de um estudo procedido pelo engenheiro-aviador Evaldo Pedro Blauth”⁸².

Entretanto a proposta não foi aceita, devido à magnitude desta e por ser uma função das Forças Armadas. Contudo em 1923 quando estourou a revolta, o governo através de um decreto criou este serviço, comprando na Argentina dois aviões com “a missão do Serviço era de observação, reconhecimento e informação, a respeito dos movimentos de tropas do Estado”⁸³. Este serviço durou pouco tempo, até janeiro de 1924. Também foi o momento de cursos de formação, como o Curso de Ensino, conhecimentos teóricos e gerais, destinado a oficiais e sargentos, e Curso Prático de Enfermeiros e Padioleiros, curso técnico profissional.

Nas páginas da revista encontramos informações para os integrantes da BM sobre as atuações da polícia, assim como seu apoio ao governo e a relação com o Exército Nacional, com quem a Brigada tinha estreita aproximação, visto que a preocupação com a instrução, armamento e disciplina foi fator que levou a uma missão

⁸¹MARIANTE, Hélio Moro. *Crônica da Brigada Militar Gaúcha*. Porto Alegre: Editora e Distribuidora POL OST, 1972, p. 141.

⁸²Idem, p. 142.

⁸³Idem, p. 150.

de treinamento do Exército à força brigadiana. Tão estreita era esta relação que o primeiro comandante geral da BM foi o major do Exército Joaquim Pantaleão Teles de Queiroz.

Pindorama incluía acontecimentos sociais, crônicas, poesias, fatos curiosos, humor, jogos, etc; um vasto cardápio que representava querer agradar a diferentes leitores. A revista seguia o modelo de trazer variedades. Apesar de ser uma revista de circulação entre determinado meio (Brigada Militar) Pindorama trazia nas suas páginas informações que tinham capacidade de agradar um público maior, assim como as diversas revistas que circulavam no país neste período.

Não se evidenciou um debate político declarado nas matérias da revista. Entretanto é inquestionável a defesa da causa do governo Republicano, sendo que grande parcela dos colaboradores que escreveram as matérias, geralmente refletiam sobre aspectos políticos, que não tinham como serem deixados de fora, já que a revista fazia parte de um grupo politizado. A maioria dos colaboradores que escreviam para a Pindorama eram integrantes da própria Brigada, mas também havia artigos escritos por integrantes do Exército Nacional, como na edição de maio de 1926 que contava com a publicação especial para a Revista: “O rio Gy-Paraná” escrito pelo coronel Amílcar A. Botelho de Magalhães, falando sobre as pesquisas realizadas pela Comissão Rondon⁸⁴ da qual o coronel fazia parte, assim como era responsável pelos relatórios para o governo federal.

No ano de 1917, a Brigada passou a ser considerada força auxiliar do Exército. A ligação das duas forças militares é evidente, pois em 1918 chegou a primeira turma de sargentos brigadianos do Curso de Aperfeiçoamento da Instrução de Infantaria do Exército, formada no Rio de Janeiro.

⁸⁴A comissão Rondon (1917-1930) foi criada para estudar as possibilidades para a construção da linha telegráfica entre Cuiabá e Corumbá, alcançando as fronteiras do Paraguai e Bolívia. Essa linha foi a primeira a alcançar a região amazônica. Entre os anos 1915-1920 se fez o levantamento de diferentes rios, entre eles o Ji-Paraná. As atividades de Rondon (nome do comandante responsável) privilegiaram o estudo e mapeamento da região, uma espécie de desbravamento do território nacional.

Fortalecida, desde sua criação em 1892, por constantes contatos e cursos ministrados pelo Exército, a Brigada enfrentou a guerra civil de 1923⁸⁵. Imediatamente a Brigada Militar saiu em defesa do PRR, que neste momento representariam a legalidade, como podemos observar na afirmativa de Artur F. Filho “o alto comando governista foi exercido pelo presidente Borges de Medeiros, com a assistência do Comando Geral da Brigada Militar, cel. Affonso Emílio Massot, e vários superiores do Exército”⁸⁶.

Terminado o conflito no Estado em 1923, a Brigada Militar foi convocada para auxiliar o governo federal em São Paulo contra o movimento que tinha a frente o general Izidoro Dias Lopes. Logo após formou-se a Coluna Prestes e a atuação da Brigada se fez em defesa do governo federal. Em outubro de 1925 morreu o coronel Massot e o comando da Força passou para o coronel Claudino Nunes Pereira, membro atuante no setor de assistência social da BM.

Evidenciamos nas páginas da Pindorama o apoio da BM aos pleitos do PRR, como por exemplo, um artigo publicado na edição de janeiro de 1927, no qual colocavam Assis Brasil e seus seguidores, como os males da nação brasileira. Intitulado “Façanhas de Canibais”, o artigo dizia o seguinte:

Repercutiu dolorosamente no coração rio-grandense, a notícia dos crimes bárbaros e covardes, praticados por bandidos, na sua quase totalidade uruguaios, incorporados às hordas revolucionárias de Zeca Neto, ao aceno do

⁸⁵Quando Borges de Medeiros se reelegeu para seu quinto mandato consecutivo, Assis Brasil, opositor que concorreu às eleições de 1922 e denunciou fraude no resultado eleitoral iniciou uma revolução para depor Borges. A revolta foi, de acordo com Carone, uma surpresa para Borges, o que possibilitou uma ação mais fácil para os assististas, deixando o governo numa posição defensiva. Entretanto, “*Borges logo reforça suas tropas criando mais três corpos de Provisórios na Brigada Militar, compra armamentos na Argentina e contrata mercenários no Uruguai*”. Artur Bernardes tentou realizar um acordo entre os revolucionários para dar fim ao movimento armado, entretanto, devido a vitórias militares, Borges não aceita um acordo, que somente será assinado em outubro de 1923 na fazenda de Assis Brasil, Pedras Altas (nome que levou o Tratado). Com o fim da revolta Borges prosseguiu na presidência do estado, entretanto, não poderia se candidatar em futuras eleições. CARONE, Edgar. *A República Velha II – Evolução Política (1889-1930)*. 4ª ed. São Paulo: Difel, 1983, p. 375-378.

⁸⁶FILHO, Arthur F. *Revoluções e Caudilhos*. Porto Alegre: Querência, 1963, p.148.

Snr. Assis Brasil, o principal responsável pelos males que afligem o Brasil desde 1923.

[...] Os seus atos canibalescos, contam-se e, grande número. Entram em localidades desguarnecidas, saqueiam os bancos e casas comerciais, roubam os bens particulares, depredando o que não podem levar; assaltam a bala trens repletos de passageiros, entre os quais mulheres e crianças, despojando-os até da própria roupa; destroem a riqueza pública, incendiando os viajantes, os funcionários municipais, os prisioneiros que lhes caem às mãos e até os míseros feridos, que encontram no campo da luta, onde tomaram com lealdade e valor.

[...] Á vista de todos esses atos miseráveis, de todos esses crimes hediondos, a alma gaúcha, ferida em sua nobreza, em seu cavalheirismo e na sua honra, treme de indignação, e volta os olhos com repulsa e piedade, para a figura criminosa de Assis Brasil, o brasileiro desalmado, que aproveitando a hospitalidade de um país amigo, não tem medido esforços para hostilizar sua terra, e que é o maior responsável por todos esses crimes hediondos, que vem sendo praticados em seu nome.

Esse patricio degenerado e mau, com seus perversos companheiros é, na verdade, merecedor de compaixão. Jamais sua consciência encontrará tranquilidade, porque sobre ela cairão o sangue das vítimas, as lágrimas da orfandade e a maldição das mães.⁸⁷

Joaquim Francisco de Assis Brasil foi figura de grande relevância no cenário da política nacional, principalmente na carreira diplomática e nos estudos sobre a política e sua organização. Foi em 1885 o primeiro deputado republicano pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, destacou-se por ser contra o golpe do marechal Deodoro da Fonseca, que acabou por proclamar a República no Brasil. A partir de 1910 passou a ter uma atuação forte ao lado dos chefes locais rio-grandenses, que se opunham ao castilhismo.

Assis Brasil foi o responsável pelo planejamento e construção da Granja de Pedras Altas que anos mais tarde seria o local de assinatura do tratado de paz entre republicanos rio-grandenses e assisistas. Na luta que travou contra a política castilhista, acabou por se aliar aos chefes maragatos que lutaram e sobreviveram à revolta de 1893.

Após a revolta de 1923, exilou-se no Uruguai e tornou-se um grande apoiador dos revolucionários paulistas de 1924 e da Coluna Prestes, na qual recebeu o cargo de Chefe Civil do movimento. No ano de 1927, Assis Brasil, foi eleito deputado federal

⁸⁷J.M.O. Façanhas de canibais. *Pindorama*. Porto Alegre, v. 1, n. 10, janeiro de 1927.

pela Aliança Libertadora, momento no qual organizou o Partido Democrático Nacional. Assis Brasil se definiu, pouco antes de sua morte, como “um pregador da liberdade”.⁸⁸

Entretanto, os movimentos no meio militar federal continuaram e em 1926, parte das guarnições de Bajé, Santa Maria e São Gabriel revoltaram-se. Em Santa Maria o levante se fez sentir de maneira mais forte, devido ao número de adeptos, quase toda a guarnição. No final deste mesmo ano, ocorreu um levante no quartel do Exército em São Leopoldo e o governo contou com o apoio militar da Brigada para conter estas rebeliões.

Dentre todas as atuações da Brigada Militar, um grande destaque deve-se aos Corpos de Reserva, Provisórios e Auxiliares, pois estes atuaram em grande número na Revolução Federalista (1893) e na revolta de Assisista (1923). Os Corpos Provisórios eram rapidamente mobilizados, estes somados com os efetivos formavam uma força maior da que a do Exército que se encontrava no estado (III Região). Pinheiro nos relata que:

o próprio general Dutra, em suas memórias expressa que no Rio Grande do Sul, o processo de aplicação tática da segurança interna estava invertido. O domínio e predominância operacional da Força Terrestre naquela época eram da BM. O governo estadual tinha a capacidade de em poucos dias instalar uma unidade nova em uma localidade distante e os comandantes da Região Militar e das unidades do Exército viviam preocupados com a localização das novas tropas brigadianas.⁸⁹

Segundo Mariante,

a existência de tais unidades, malsinada por uns, endeusada por outros, muito colaborou para a manutenção da ordem legal no país e era uma necessidade na época, pois que não podiam os governos manter, permanentemente, um exército numeroso, capaz de fazer face às constantes agitações do tempo, valendo-se da criação dessas forças que, findo o motivo de sua criação, eram extintas.⁹⁰

⁸⁸AITA, Carmen S. A. *Liberalismo e República: O pensamento político de J. F. de Assis Brasil*. 2006. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006, p. 142.

⁸⁹PINHEIRO, depoimento enviado em maio de 2013.

⁹⁰MARIANTE, op. cit., p. 170.

Desde a sua criação, a Brigada atuou como um exército estadual, ou seja, com um caráter mais militar do que policial, como atesta Mariante: “seus efetivos permaneciam quase que integralmente nos quartéis, sujeitos a uma instrução que dizia respeito mais às coisas da guerra, com exercícios e manobras essencialmente militares”⁹¹. Love assinala que a Brigada possuía “mais rifles que as outras polícias militares estaduais e que somente após 1930 o Exército nacional passou a ser mais bem equipado que essa força”⁹², o que ressalta a potência militar da BM do Rio Grande do Sul. O policiamento não condizia com o que deveria ser, isto é, um policiamento preventivo, e, na maioria das vezes era repressivo.

Os integrantes da Brigada Militar se viam como fiéis defensores do governo castilhistaborgista, enfrentando tanto as desobediências internas do PRR, quanto a oposição. Também intimidavam os adversários do PRR na política nacional, ou seja, qualquer tentativa de intervenção do governo federal, ou até mesmo, o apoio de outros Estados aos opositores republicanos rio-grandenses, iriam enfrentar a BM.

A Brigada garantia que não houvesse nenhuma tentativa de intervenção militar na presidência do Rio Grande do Sul e por este motivo, havia um cuidado do governo federal em manter uma boa relação entre Brigada e Exército, o que nem sempre se tornou possível. Como verificamos na edição de novembro de 1926, na qual o capitão Augusto C. Lima, escreveu sobre a importância da saudação militar: a continência. O capitão ressaltava uma divergência entre os integrantes da Força estadual e integrantes do Exército em relação à saudação e também quanto à questão hierárquica

Temos encontrado inúmeros militares do Exército que, erradamente, se julgam sem obrigação hierárquica de espécie alguma para com os superiores da Polícia. É absolutamente errado tal ponto de vista.

A polícia é uma força auxiliar do Exército, como tal há e deve haver, em seus regulamentos moldados nos nossos, a subordinação hierárquica para com o Exército.

Assim estabelecido, não pode haver mais dúvida quanto a reciprocidade desta subordinação hierárquica.

Oficiais do Exército servem na Polícia, debaixo do comando de oficiais da polícia, portanto subordinados hierarquicamente [...]. Este mal está tão

⁹¹MARIANTE, 1972, p. 178.

⁹²LOVE, Joseph. *O Regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Perspectiva, 1975, p. 123.

generalizado que temos visto soldados do Exército deixarem de cumprimentar oficiais da Polícia [...].⁹³

Os integrantes da BM se viam como militares na sua mais pura e real formação, com uma tradição a ser honrada e como merecedores de respeito por tudo o que significavam diante da manutenção da ordem política do estado, assim como por seu poder bélico. Em uma conferência o capitão Horizonte Luiz Fernandes salientou o que para ele era a “Mentalidade da Época”⁹⁴:

Somos ou não somos portadores de uma tradição, que justifique nossas aspirações militares? [...] De direito, pairam dúvidas em determinadas épocas. De fato, quer queiram ou não, somos soldados, a despeito das ciúmeiras que causamos aos que se julgam os cristais do idealismo indígena e que sempre nos olharam com o desprezo correspondente aos entraves que, também, sempre, objetamos aos seus apetites políticos desenfreados e absurdos. Não são miragens visionárias que nos levam a forjar tal afirmativa. Os fatos estão aí, claros, meridianos, inconfundíveis. 93, 23, 24, 25, 26 [...] são marcos gloriosos onde se vai buscar a argamassa da nossa formação. A nossa estrutura de soldado não é alimentada exclusivamente pelo desejo vaidoso qual seja o uso de uniformes. Ela decorre de circunstâncias poderosas e jamais de uma penada, poderá ser eliminada do substratum dos nossos seres.⁹⁵

Os militares no Brasil exerceram influência política decisiva em diferentes momentos. Da mesma forma, a Brigada, que desde o seu surgimento, participou de movimentos políticos armados. A afirmação do coronel e ex-presidente dos Estados Unidos Theodore Roosevelt de que a história militar está intimamente ligada à história nacional,⁹⁶ encontra eco no caso do Rio Grande do Sul, onde se evidenciou que o desenho da política estadual, no período que abordamos, esteve intrinsecamente ligado à atuação da Brigada.

⁹³*Pindorama*, Porto Alegre, v. 1, n. 8, novembro de 1926.

⁹⁴Este foi o título dado pelo então Capitão Horizonte Luiz Fernandes, a conferência na qual se pronunciou. FERNANDES, Horizonte Luiz. *Conferências*. Porto Alegre: Tip. BM, 1946, p. 102.

⁹⁵FERNANDES, Horizonte Luiz. *Conferências*. Porto Alegre: Tip. BM, 1946, p. 102.

⁹⁶CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrick. *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 12.

2.1. Missão formadora da BM: o Exército Brasileiro

Durante a Primeira República o estado de São Paulo e Rio Grande do Sul destacaram-se na sua organização militar, já que eles investem em missões formadoras para suas polícias, que acabam tornando-se exércitos estaduais, muitas vezes tão bem treinados e equipados como o Exército Nacional, com funções repressivas para manter a ordem, assim como manter os governos constituídos.

São Paulo, como salienta como salienta Nelson Sodré⁹⁷, montou seu próprio “exército particular” através da Força Pública, que teve processo de formação semelhante com o de formação da BM, diferindo na ideologia e missão formadora. São Paulo contratou uma Missão Francesa para instruir profissionalmente sua polícia em 1906. Processo à frente do próprio Exército, que contratou uma missão militar estrangeira francesa apenas em 1918.

A Brigada Militar, desde a sua criação, foi pensada como um “exército regional” que iria garantir a permanência dos castilhistas no poder. Esta foi criada aos moldes do Exército Nacional, tendo como seu primeiro comandante o major do exército Joaquim Pantaleão Teles de Queiroz, inclusive, muitos foram os integrantes das fileiras do Exército que ingressaram na BM no período de sua organização. A preocupação de Júlio de Castilhos ao pensar a formação desta Força, foi de que ela recebesse a mesma instrução, armamento e disciplina que aquele que era o grande responsável pela garantia da ordem e segurança nacional.

Ao criar a Brigada Militar o discurso era de que esta teria como missão primeira o serviço de policiamento, entretanto este nunca foi realizado, já que esta função ficou para a Polícia Judiciária, que contou com o apoio da BM em algumas situações, conforme salienta Romeu Karnikowski:

A Brigada Militar não tinha incumbência de polícia, embora realizasse alguma atividade de polícia e quando era solicitada, por autoridade competente, para reprimir tumultos e distúrbios que perturbassem a ordem

⁹⁷SODRÉ, Nelson Werneck. *História Militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, p. 188.

pública, ou reprimir distúrbios e motins [...]. Mas desde a sua criação, a Brigada Militar estava posicionada como exército estadual, adestrada para a guerra, armada com equipamentos bélicos equivalentes ao do Exército: fuzis *Mannlichers* e dos bons fuzis *Comblains* que o Exército Nacional havia adotado em 1872 como arma padrão.⁹⁸

A Brigada não tardou para tornar-se uma tropa temida e respeitada, já que seu treinamento e trajetória bélica eram conhecidos por todo o país, tanto que por mais de uma ocasião, o governo federal não interviu nos conflitos políticos dentro do estado, para não precisar enfrentar a força da BM. O oficialato da Força, contou nos primeiros anos, com grandes nomes do Exército nacional, como salientou Cabeda⁹⁹, entre eles podemos destacar os coronéis: Joaquim Pantaleão Teles de Queiroz, José Carlos Pinto Junior, Cipriano da Costa Ferreira, João de Deus Canabarro Cunha e Fabrício Batista de Oliveira Pillar.

A BM recebeu a Missão de Instrução do Exército a partir de 1909, marcando o início de uma aproximação das duas forças e o que poderíamos denominar de início de uma longa parceria e apoio militar. Foi através da expedição do Aviso nº 971, de 10 de julho de 1909, pelo então ministro de Guerra, general Carlos Eugênio de Andrade Guimarães, que teve início a Missão Instrutora do Exército na Brigada Militar do Rio Grande do Sul, no governo de Borges de Medeiros, tendo como instrutores Ruy França e Francisco De Lorenzi, ambos no posto de capitão.

Inicialmente, em 1910, escreveram um manual de Instrução de Infantaria que trazia informações para as tropas com táticas dessa arma. O armamento se comparava com o do Exército: fuzis Comblains, Mannlicher e Chassepot, posteriormente à Primeira Guerra, a BM ainda adquiriu metralhadoras pesadas, ou seja, estava acompanhando as tendências armamentistas militares mundiais. O armamento da Brigada era realmente forte, entretanto, a potência desse “exército regional” estava na sua forte experiência bélica, já que seus integrantes tinham grande qualidade militar,

⁹⁸KARNIKOWSKI, Romeu Machado. *De exército estadual à polícia-militar: o papel dos oficiais na “policialização” da Brigada Militar (1892-1988)*. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010, p. 148.

⁹⁹CABEDA, Coralio B. Pardo. *A Missão de Instrução do Exército na Brigada Militar do Rio Grande do Sul (1909-1932)*. In: Revista Defesa Nacional, out/dez, 1991, p. 102.

melhor que o Exército Nacional, que tinha falta de treinamento adequado¹⁰⁰ e de material bélico. A organização foi semelhante com a do Exército, dividida em corpos de batalhões e regimentos, o que ressaltava sua característica militar, voltada para atuação bélica e não policiamento.

A BM preocupou-se em investir na formação de líderes de campo de batalha, um oficialato aperfeiçoado no sentido técnico e também disciplinado. A Missão Instrutora sedimentou o *ethos militar*¹⁰¹ do oficialato, Pindorama salienta para seus integrantes e leitores os princípios da disciplina e da educação militar, o que reforça que a Brigada era realmente, militar:

A disciplina é a base de toda e qualquer força armada.
O valor, a coragem e tantas outras virtudes que pode possuir uma tropa, seriam prejudicadas em grande parte se não fosse a disciplina que a mantém coesa, forte e sempre pronta para obedecer a direção geral de um só chefe.
Os soldados agrupados na caserna e sem disciplina, seriam bandos perigosos que constituiriam uma ameaça e até o terror à ordem pública, tornando-se, portanto, incapazes da defesa da Pátria, da ordem e das leis.
A educação militar, em outros termos, é a própria disciplina, porque nela repousa tudo quanto concerne à dedicação, ao afeto e aos bons propósitos de que se deve revestir o soldado para com a Pátria, a Bandeira e o Hino.
[...] o militar disciplinado não só atrai o respeito dos seus camaradas, como a simpatia de seus superiores, porque a disciplina é a virtude mais alevantada do soldado, da qual não se pode prescindir nem mesmo no interior do lar doméstico.¹⁰²

A Missão Instrutora também organizou os regulamentos, selecionou e decidiu sobre o armamento a ser usado, comandou forças em campanha, instruiu e preparou quadros para estar à frente da força.

Desde a sua criação, os investimentos bélicos foram constantes, como foi possível observar, cabe ainda, salientar a importância da criação dos Corpos Provisórios

¹⁰⁰A Brigada foi forjada num momento de “pegar em armas”, e por ter desempenhado bem sua função, ou seja, garantir a manutenção do PRR no poder do estado ganhou fama por sua atuação: invencível e logo, destaque, já que seu “treinamento” foi num momento decisivo. Conforme podemos observar no livro de Miguel Pereira.

¹⁰¹Na formação do *ethos militar* é imprescindível o profissionalismo (carreira) e a doutrina militar. Ainda percebemos o discurso de superioridade moral dos militares.

¹⁰²MARQUES, Olivio de Carvalho. Princípios de disciplina e educação militar. *Pindorama*. Porto Alegre, v. 2, n. 16, Julho de 1927.

ou forças auxiliares, que eram mobilizados com rapidez e tinham treinamento e sentimento de pertencimento à BM. Seguidamente se deslocavam para alguma região do estado para lá ficarem instalados e realizando treinamento militar, conforme podemos observar na nota sobre o 27º corpo auxiliar:

As forças auxiliares da Brigada Militar, embora preocupadas com serviços especiais de vigilância, não descuram, todavia, da instrução militar, que praticam com particular interesse.

Agora mesmo, disso nos dá prova o galhardo 27º corpo auxiliar, acantonado em Santa Rosa, município de Santo Ângelo, inaugurando uma linha de tiro, para que seus soldados possam praticar esse ramo da instrução, aliás o mais importante.

A Brigada Militar desde sua criação e posteriormente com a Missão Formadora do Exército teve vultosos investimentos bélicos, dentre eles, a criação do seu quartel general e o hospital da Brigada. As forças auxiliares, organizadas e estacionadas em diferentes cidades do Rio Grande do Sul, contribuía com o grande e expressivo número de integrantes da BM, apesar de não desempenharem o mesmo papel que os oficiais da força, estes eram indispensáveis e tiveram papel fundamental nas conquistas bélicas da Brigada.

2.2. Os Republicanos rio-grandenses no poder

A instalação da República no Brasil ocorreu através de um golpe militar, o qual, de acordo com Emília Viotti da Costa:

[...] resultou da conjugação de três forças: uma parcela do exército; fazendeiros do oeste paulista; e representantes das classes médias urbanas, que para a obtenção dos seus desígnios contaram indiretamente com o desprestígio da Monarquia e o enfraquecimento das oligarquias tradicionais.¹⁰³

¹⁰³COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. 8ª ed. rev. e ampliada. São Paulo: Unesp, 2007, p. 491.

Ainda segundo Costa¹⁰⁴, não podemos superestimar o papel do Partido Republicano na proclamação da República, pois, embora difundido por todo o país, ele não contava com um grande número de adeptos (com exceção dos núcleos de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul). No entanto, também não podemos negar que os republicanos tiveram um papel significativo nesse processo, na medida em que as propagandas – desenvolvidas pelo partido em comícios, conferências e principalmente através da imprensa – contribuíram para criar, particularmente nos meios intelectuais, uma opinião pública favorável à ideia republicana. Ademais, como lembra-nos Celi Regina Pinto,

[...] o processo que transformou o Brasil de uma Monarquia em uma República correspondeu ao momento de ascensão política de uma elite agrária exportadora, que teve sucesso em liderar um pacto onde, ao mesmo tempo, assegurou sua reprodução no poder e no fundamental apoio estratégico das elites agrárias dos demais estados do Brasil. A luta pela federação teve sucesso e o regime liberal, presidencialista-federalista, se concretizou através de uma república oligárquica e coronelista.¹⁰⁵

Entretanto a propaganda republicana havia começado no Brasil em 1870 com a publicação do Manifesto Republicano, assinado por 58 pessoas, entre elas destacamos Aristides Lobo, Saldanha Marinho, Ferreira Viana e Quintino Bocaiúva. Este manifesto foi publicado no jornal carioca A República e trazia uma declaração de princípios ideológicos que serviu de inspiração para os primeiros republicanos rio-grandenses.

Evidenciamos que:

No Rio Grande, a propaganda republicana começou sob a direção de Francisco Xavier da Cunha e dos dois Porto Alegre, Apolinário e Apeles. Seus esforços pioneiros foram coroados com a fundação de um Clube Republicano na capital da Província, em 1878, e a eleição dos vereadores republicanos para a câmara municipal, em 1880.¹⁰⁶

¹⁰⁴COSTA, 2007, p. 491.

¹⁰⁵PINTO, Celi R. J. *Positivismo: um projeto político alternativo (RS: 1889-1930)*. Porto Alegre: L&PM, 1986, p. 07.

¹⁰⁶RODRIGUEZ, Ricardo V. *Castilhismo: Uma filosofia da República*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: UCS, 1980, p. 22-23.

Esses jovens fundadores do PRR haviam estudado Direito no centro do país, e estavam contaminados pelo desejo de mudanças no regime político, como salienta Reckziegel¹⁰⁷, Entre os fundadores encontramos Joaquim Francisco de Assis Brasil, Antonio Augusto Borges de Medeiros, José Gomes Pinheiro Machado e Júlio Prates de Castilhos, que depois se tornou o grande nome do Partido Republicano Rio-grandense. Sem dúvida, a forte influência do positivismo sobre os republicanos rio-grandenses foi uma das, senão a principal, peculiaridade política do Rio Grande do Sul em comparação ao restante do país. Com a queda da Monarquia, os republicanos rio-grandenses pretendiam entregar o governo provisório ao chefe do partido Júlio de Castilhos, que recusou o cargo. Este ofereceu o governo ao marechal José Antônio Correia da Câmara, o visconde de Pelotas, que embora não fosse republicano, era grande amigo de Deodoro da Fonseca, além de ser um respeitado herói da Guerra do Paraguai. Castilhos se utilizou dessa estratégia política, pois estava consciente de que os republicanos rio-grandenses dependiam do apoio militar.

Com o Visconde de Pelotas na presidência do Rio Grande do Sul, os republicanos passaram a ocupar os cargos-chaves na administração estatal. O primeiro ato do governo provisório foi nomear Castilhos para o cargo de Secretário do Governo Estadual. Dessa maneira, segundo Moacyr Flores¹⁰⁸, Castilhos montou sua máquina política baseada no Partido Republicano monolítico, na fidelidade de funcionários públicos e na força da Guarda Cívica (instituída pelo Ato nº 31, no final de 1889), depois chamada de Brigada Militar.

Pindorama recupera este período no seguinte texto:

Proclamada a República no Brasil e promulgada sua Constituição, trataram os Estados desde logo, em conformidade com os preceitos da lei fundamental do País, de organizar as suas forças armadas para garantir a ordem nos respectivos territórios, a estabilidade de seus governos e as instituições republicanas nascentes e ainda não consolidadas e, auxiliando, ao mesmo tempo o Exército Nacional a manter a integridade da Pátria. O Rio Grande do Sul foi um dos primeiros Estados que trataram da organização de sua milícia.

¹⁰⁷ RECKZIEGEL, Ana Luiza S. *1893: a Revolução além fronteira*. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (coords.); RECKZIEGEL, Ana Luiza S.; AXT, Gunter (dirs.). *República Velha 1889-1930*. Passo Fundo: Méritos, 2007, - v.3 t.1 – (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul), p. 24-25.

¹⁰⁸FLORES, op. cit., p.123-124.

Para isso lançou mão da *Guarda Cívica* [...] e a transformou em dois batalhões de infantaria e um regimento de cavalaria, com a denominação de *Brigada Militar do Estado*, não lhe dando, porém, função policial, que passou a ser desempenhada pelas *policias administrativas*, organizadas e mantidas pelos municípios.¹⁰⁹

Júlio de Castilhos expurgou dos cargos públicos os funcionários que pertenciam aos partidos Liberal e Conservador, permitindo que apenas os que fizeram campanha de propaganda republicana durante o Império integrassem a administração estadual. Ademais, Castilhos foi praticamente o único autor da Constituição Estadual de 14 de julho de 1891, nela se estabelecia a presença de um legislativo estadual com poderes limitados a questões orçamentárias e de um executivo forte com poderes de legislar por decreto sobre matérias não financeiras, esta também garantia que o presidente estadual nomeasse seu vice e se reelegesse.

A ação de Castilhos era, em 1928, retratada pela *Pindorama* nos seguintes termos:

essa lei básica do nosso Rio Grande, segundo vários tratadistas insignes, entre os quais sobreleva-se o notável jurista R. de Monte Arraes, não tem similar em todo o mundo, dada a fecunda inteligência do saudoso Patriarca – o excelso Dr. Júlio de Castilhos, que a elaborou com tal descortino que se revelou um estadista clarividente e emérito, atraindo as simpatias gerais desta opulenta Nação Brasileira.

Graças às cláusulas doutrinárias da nossa carta política e á sábia e fecunda orientação do insigne Chefe do Partido Republicano, o continuador imperterrito da obra do genial Castilhos, o Rio Grande do Sul, impelido pelo braço forte do seu atual Presidente, Dr. Getúlio Vargas, marcha impavidamente, qual sentinela avançada da República, indicando a senda do progresso e sugerindo a prática da Moral e da Razão aqueles outros povos que queiram penetrar a história á caminho da imortalidade.

Inspirada na doutrina política da formosa Carta de 14 de Julho, surge uma legião de filhos desta gleba heróica, honrando, sobremodo, o berço varonil de Pinto Bandeira, Osório Bento Gonçalves e Pinheiro Machado.¹¹⁰

O governo do Visconde de Pelotas não durou três meses. Castilhos foi então nomeado para o cargo de Presidente do Estado por Decreto do dia 9 de fevereiro de 1890. Mas Castilhos declinou do cargo e indicou o general Júlio Anacleto Falcão da

¹⁰⁹*Pindorama*, Porto Alegre, v. 2, n. 16, julho de 1927. Grifos do autor.

¹¹⁰OLIVEIRA, Dias de. 14 de Julho. *Pindorama*, Porto Alegre, v. 3, n. 28, julho de 1928. Escrito em homenagem a data histórica para os franceses e para os gaúchos.

Frota para a presidência do governo, ficando como Primeiro vice-governador. Com maior liberdade para se movimentar, os republicanos puderam progredir ainda mais na conquista do poder durante a administração de Júlio Frota. Dentre as primeiras ações, mudaram os comandos da Guarda Nacional, já que sua manipulação assegurava o controle das eleições. Administrativamente, Castilhos se preocupou em dar maior organicidade ao Governo e ao mesmo tempo, conseguiu:

Empobrecer a autoridade do Governador, através da formação do Conselho Superior da Administração, espécie de Colégio formado pelo Governador e Superintendentes e que constituía o tribunal de última instância para as decisões destes; anulava assim a possibilidade de o Governador invalidar as determinações dos Secretários.¹¹¹

Era evidente a preocupação de Júlio de Castilhos em moralizar e reformar o governo do Estado, fortalecendo a burocracia, um dos aspectos que será característica do sistema castilhista, tanto no governo do próprio Castilhos, como no de Borges de Medeiros. Em 6 de maio de 1890, o general Frota renunciou devido a desacordos em relação a “política emissionista do ministro Rui Barbosa e temendo que o Banco Emissor do Sul fosse entregue à oposição”¹¹². Deodoro da Fonseca designou para presidente estadual o general Candido Costa e como primeiro vice-presidente, Francisco da Silva Tavares.

De acordo com Vélez Rodriguez:

O clima político no Rio Grande do Sul se acirrava, tendo inclusive alguns órgãos de imprensa suspenso suas publicações [...]. Castilhos permaneceu na Secretaria do Interior e Justiça, dando seguimento ao aparelhamento da máquina pública por partidários do PRR.¹¹³

Com a situação tornando-se cada vez mais tensa, em 14 de maio, Castilhos e Homero Batista articularam um golpe que derrubou Silva Tavares, o que demonstrou a força que tinham os republicanos gaúchos. O novo governador do Rio Grande do Sul

¹¹¹RODRIGUEZ, op. cit., p. 33.

¹¹²RECKZIEGEL, op. cit., p. 26.

¹¹³RODRIGUEZ, op. cit., p. 33.

chamou os “republicanos históricos” para formar o seu gabinete: Júlio de Castilhos, Fernando Abbott, Antão de Faria e Homero Batista. Júlio de Castilhos era a grande liderança do Partido Republicano e quando foi comissionado pelo governador Candido Costa para elaborar o Projeto da Constituição Estadual, acabou por realizar o trabalho sozinho. Em março de 1891, Cândido da Costa exonera-se do cargo, assumindo a presidência o então vice-presidente Fernando Abbott.

Castilhos, juntamente com Borges de Medeiros e Pinheiro Machado, participou da Assembleia Constituinte da República, da sua atuação durante os trabalhos da Assembleia pode-se destacar três pontos fundamentais: a defesa do federalismo radical; a defesa do sistema unicameral e a extinção do senado; o combate e várias restrições que o projeto fazia aos direitos civis e políticos dos religiosos. Em maio de 1891 o Partido Republicano disputou uma eleição bastante agitada, onde todos os seus opositores se uniram, sob a legenda de Partido Republicano Federal, uma oposição ao autoritarismo castilhista. Os resultados desta disputa eleitoral foram, de acordo com Vélez Rodriguez, mais uma fraude na interminável cadeia de violações aos direitos civis e políticos dos cidadãos rio-grandenses¹¹⁴. Diante deste contexto, a oposição se revelou muito forte, sendo fácil prever a aproximação de um movimento insurrecional.

A partir do momento em que assumiu a presidência do Rio Grande do Sul em 15 de julho de 1891, Castilhos “montou a máquina política e administrativa com pessoal de sua absoluta confiança, preferindo à sisudez e prudência a altanaria corajosa de partidários exaltados, que se entregaram à prática de atos abusivos e violentos, especialmente contra os adversários de maior prestígio”.¹¹⁵

Mesmo assim, em novembro de 1891, a oposição rio-grandense, liderada por Joca Tavares, Assis Brasil, Barros Cassal e Luís Osório depôs Castilhos e teve-se início o período que ficou denominado de “Governicho”. Este contexto foi interpretado pelo capitão Antônio Dias de Oliveira, em artigo publicado em Pindorama, no ano de 1926:

[...] Castilhos, como verdadeiro homem de Estado, que o foi, fitou serenamente a comissão, dirigiu-lhe a palavra franca e irreduzível, valente e

¹¹⁴RODRIGUEZ, 1980, p. 33.

¹¹⁵Idem, p.43.

destemida, produzindo um discurso magistral em que disse que, para evitar efusão de sangue de seus compatriotas, entregava o governo à anarquia, porque, entre os membros da comissão não via a quem pudesse fazê-lo. Abandonando, de fato, o palácio governamental, apesar do apoio decisivo da guarda cívica e do 29 batalhão do glorioso exército nacional que era comandado pelo venerando e austero militar Marechal João Cezar Sampaio, retirou-se o Dr. Castilhos [...] e publicou um manifesto patriótico no acatado órgão republicano “A Federação”. Começaram daí outras dissensões políticas entre os federalistas. Nenhum chefe dessa facção política conseguiu sustentar-se na *curul* (grifo nosso) presidencial, ocasionando-se a esse tempo, várias substituições de governo, fatos esses que se immortalizaram como “Governicho”.¹¹⁶

Serenidade e valentia eram alguns qualificativos atribuídos a Castilhos, sem dúvida o grande ícone da Brigada Militar. Em fevereiro de 1892 na cidade de Bagé, foi lançado oficialmente o Partido Federalista, que tinha como líder Silveira Martins e que planejavam a volta ao governo do Rio Grande do Sul, o mesmo planejavam os Castilhistas, de acordo com Reckziegel,

Naquela oportunidade, todos tramavam. Os federalistas teciam estratégias para serem reconhecidos como força política, a fim de disputar o mando no estado, e esforçavam-se para se defenderem das acusações que lhes associavam aos monarquistas – aliás, o principal argumento dos castilhistas para a sistemática perseguição aos federalistas. Os castilhistas, por sua vez, arquitetavam a derrubada do *governicho*, pretendendo a recondução do PRR ao poder [...]¹¹⁷.

Havia a certeza de um golpe e em março de 1892, na Argentina um grupo de republicanos decidiu que iriam iniciar um movimento revolucionário contra a presidência do estado. A situação ficava cada vez mais difícil para o Governicho, já que castilhistas pressionavam pela sua derrubada e federalistas organizavam-se em um partido próprio. A revolta ultrapassava a fronteira e, conforme Reckziegel:

A instabilidade política no Rio Grande do Sul repercutia no país vizinho, estando as autoridades uruguaias atentas aos acontecimentos gaúchos. Este

¹¹⁶Pindorama, Porto Alegre, v. 1, n. 4, julho de 1926.

¹¹⁷RECKZIEGEL, 2007, p. 28.

fato estava estreitamente ligado com o envolvimento de lideranças políticas uruguaias na contenda gaúcha¹¹⁸.

O Governicho não resistiu ao golpe, que acabou por reconduzir Castilhos no poder em junho de 1892, possibilitado devido ao PRR ter realizado aproximações vantajosas com o Exército e com Floriano Peixoto. Assim os republicanos rio-grandenses voltaram ao poder, como nos coloca o capitão Antônio de Oliveira no seu artigo comemorativo ao dia 17 de Junho:

[...] 17 de junho de 1892 o Dr. Castilhos [...] na presidência do Estado como representante legítimo da vontade soberana dão povo Rio-grandense, dando-se, *dest'arte*, (grifo nosso) a queda do “Governicho”.
O invencível partido republicano sufragou nas urnas eleitorais, instrumento pelo qual se pode deduzir a vontade triunfal de um povo consciente de seus deveres para com a pátria, o nome do genial Estadista Dr. Júlio de Castilhos, filho dileto dessas plagas hospitaleiras que são o berço fecundo de tantas glórias imorredouras [...]. Salve o 17 de Junho!¹¹⁹

Gaspar Silveira Martins ainda propôs uma partição do poder entre republicanos e federalistas, porém a proposta foi rejeitada por Castilhos que assumiu o poder. Pouco tempo depois começou a ofensiva federalista, dentre as reivindicações estava, a exigência da volta ao estado de direito no Rio Grande do Sul: restauração da lei, da justiça e da segurança para a liberdade, os bens e a vida de todos os cidadãos. Assim como a suspensão da Constituição estadual, a deposição de Júlio de Castilhos. Desde o começo da guerra civil, Castilhos concentrou esforços na tarefa de fundamentar legalmente uma intervenção federal no Rio Grande e o fez com base no artigo 6º, inciso 3º da Constituição da República: “O Governo Federal não poderá intervir em negócios particulares aos Estados, salvo [...] para restabelecer a ordem e a tranquilidade nos Estados, à requisição dos respectivos governos”.¹²⁰

Os federalistas esperavam que o movimento insurrecional trouxesse aqueles grupos descontentes que conspiravam no Exército, na Marinha e entre civis que queriam

¹¹⁸RECKZIEGEL, op. cit., p. 28.

¹¹⁹*Pindorama*, Porto Alegre, v. 1, n. 4, julho de 1926.

¹²⁰RODRIGUEZ, op. ct., p. 55.

depor Floriano Peixoto. Castilhos já esperava por um conflito armado, e sua força bélica, a BM iniciou a ofensiva contra os revoltosos, atuação que sempre foi mencionada com muito orgulho pela força e que contou com o apoio dos Corpos Provisórios:

“O 1º Batalhão de Infantaria [...] Organizado as vésperas da revolução de 93-95, entrou em seguida [...] em operações de guerra contra os revolucionários, tendo dado vários combates, em que sempre se portou com galhardia e verdadeiro heroísmo”¹²¹.

O Rio Grande do Sul neste período tinha a maior parte da sua população concentrada na área rural, assim como era pequeno o número de alfabetizados. Logo a principal atividade econômica do Estado era a agropecuária; a zona colonial não tinha participação ativa na política e de acordo com Flores, estes colonos sempre apoiavam o governo “porque os colonos, sem vivência política, saíram da Europa na miséria e aqui se tornaram pequenos proprietários”¹²².

O clima de terror no Estado aumentava gradativamente com as execuções de desafetos políticos pela degola e fuzilamento realizados por ambas as partes, tanto federalistas quanto republicanos. Assim, quando Castilhos foi reeleito, prometeu uma série de ações para manter a segurança e a tranquilidade da sociedade através de extensas medidas repressivas. Neste contexto, mais de 10 mil rio-grandenses opositores se refugiaram na República Oriental do Uruguai.

2.3. O poder em disputa: a Revolução Federalista retratada por Pindorama

Em fevereiro de 1893 o Rio Grande do Sul foi invadido por quase 5.000 federalistas, muitos destes eram grandes estancieiros do sul do estado e da serra, que traziam consigo seus agregados e peões. Eram comandados por Gumercindo Saraiva, principal comandante militar maragato e estavam divididos em corpos de 300 a 400 homens, que entraram no Estado por diferentes pontos.

¹²¹*Pindorama*, Porto Alegre, v. 2, n. 20, novembro de 1927.

¹²²FLORES, op. cit., p. 131.

Estes revoltosos, além de trazerem mercenários para lutarem na revolta instaurada, também tinham a simpatia de alguns imigrantes alemães, devido à defesa de Silveira Martins em relação ao direito ao voto dos não católicos e pelo fato do líder liberal Karl Von Koseritz ser perseguido pelos republicanos.

A diferença dos “exércitos” era gritante, pois os republicanos contavam com militares regulamentares, oficiais de carreira, treinados para combater profissionalmente. A primeira batalha ocorreu no dia 11 de fevereiro e ficou conhecida como “combate do Salsinho”, os rebeldes federalistas lutaram contra a coluna do coronel Antonio Adolpho da Fontoura Mena Barreto, composta pelo 1º e 2º batalhão de reserva da Brigada Militar e forças cívicas, que estavam sob as ordens do coronel Manoel e Antero Pedroso de Oliveira. A coluna de Gumercindo acabou por ser derrotada e conforme iam ocorrendo os confrontos bélicos e era percebido a necessidade de aumento das forças militares, o governo do Estado as criava, como no caso do 3º Batalhão de Infantaria. Eis como Pindorama retrata estes acontecimentos:

[...] Julho de 1893. Nessa época achava-se o Estado na iminência de uma revolução promovida pelo Partido Federalista chefiado pelo tribuno Gaspar da Silveira Martins. Exacerbados como estavam os ânimos dos federalistas, desejosos de galgarem o poder, não tardou em se tornar realidade a revolução que se anunciava. Com o fim de jugular o movimento sedicioso ainda em início, o Governo do Estado, a cuja frente se achava o saudoso Júlio de Castilhos, de acordo com o Governo da República, determinou, em fevereiro de 1893, a formação de corpos provisórios da Guarda Nacional.¹²³

Logo as forças militares começaram a espalhar-se pelas cidades do Rio Grande do Sul, enfrentando os rebeldes federalistas. Dentre as variadas batalhas, outra que foi marcante foi a batalha do Inhanduí, em maio de 1893 na cidade de Alegrete, na qual os defensores do Governo encontraram forte resistência nas tropas de Joca Tavares. Há relatos de que as forças legais somavam 4.000 homens e as rebeldes eram superior a 6.500¹²⁴, o que justificou o apoio do Exército¹²⁴ que lutava ao lado da Brigada Militar.

¹²³Pindorama, Porto Alegre, v. 2, n. 16, julho de 1927.

¹²⁴Estes números são bastante indefinidos, já que são baseados em relatos de soldados ou ordens do dia. Conforme PEREIRA, Miguel. *Esboço Histórico da Brigada Militar*

Após o combate os federalistas atravessaram novamente a fronteira para o Uruguai, somente retomando a ofensiva em setembro. Nesta batalha do Inhanduí também esteve à frente dos republicanos o senador José Gomes Pinheiro Machado, que anos mais tarde foi assassinado no Rio de Janeiro, tornando-se um dos heróis republicanos gaúchos, denominado, por Pindorama, de:

[...] patriota eminente, que tanto enobreceu sua terra, deixou, após si, um lugar difícil de preencher. Para verificar a extensão da perda que sofreremos com a sua morte, basta atentar nos acontecimentos que sobrevieram, desde o seu desaparecimento, na vida política do Brasil.

Cidadão de elevados sentimentos cívicos, ninguém jamais o excedeu na dedicação ao serviço da Pátria, de cuja honra e integridade foi sempre um defensor fiel e valoroso, quer entre os clarões dos campos de batalha do Paraguai, em que se bateu com raro denodo, quer nos sangrentos e inglórios combates de 93, nos quais se revelou inexcelsável condutor de homens.

No Senado da República, sua atuação foi brilhantíssima e, á frente do Partido, foi o sustentáculo máximo do regime, no seu tempo, o que provocou a convergência para a sua eminente personalidade, do olhar odioso e feroz dos implacáveis inimigos da grandeza da Pátria, os quais viam no intemerato gaúcho, a sentinela sempre alerta das nossas instituições, um entrave perene aos seus ignóbeis projetos de demolição.

Possuidor de coragem proverbial, Pinheiro Machado nunca cedeu um passo, sequer, no posto de sacrifícios e glórias, a que se viu elevado pela confiança dos seus concidadãos. Nem mesmo a previsão do assassinio vil e covarde com que o ameaçavam, fez-lo recuar. Com a nobreza de caráter e fortaleza de ânimo, que lhe eram peculiares, prosseguiu na sua retilínea, em bem da Pátria e da República, de que se não afastou até a morte.

[...] O seu túmulo, que se ergue na necrópole da capital do Rio Grande, que ele tanto amou e dignificou, é um luzeiro brilhante de sãos ensinamentos cívicos, para onde se voltam todos os olhares, quando dias sombrios sobrevêm para a Pátria.¹²⁵

Pinheiro Machado desde muito jovem demonstrou interesse em relação à política e à carreira militar, tanto que lutou na Guerra do Paraguai e envolveu-se posteriormente na revolução de 1893, já como aliado político de Castilhos. Como senador da República, sempre demonstrou preocupação com o tesouro público e por diversas vezes tentou moralizar a política nacional de acordo com suas concepções positivistas. Observamos na homenagem acima, que Pinheiro Machado ao ser assassinado tornou-se um herói da república, devido à sua trajetória política, pois

do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Livraria Americana de Cunha, Rentzsch e C., 1917. V. I.

¹²⁵OLIVEIRA, João Martins de. Pinheiro Machado – Á propósito do 12º aniversário do seu covarde assassinio. *Pindorama*, v. 2, n.18, setembro de 1927.

mesmo pressentindo que seus inimigos políticos tentariam uma ação contra sua vida, não mudou sua forma de agir politicamente. Sua mitificação foi fortalecida com o mausoléu construído em sua homenagem em Porto Alegre, na qual seria um local onde nos momentos incertos seria lembrado e guiaria para o futuro com os ideais defendidos pelo PRR.

Florian Peixoto decidiu declarar estado de sítio, assim foi possível sustentar o governo de Júlio de Castilhos, que ficou fortalecido após o combate de Inhanduí: “a memorável batalha de Inhanduí, entre as forças legais, ao mando do bravo e experimentado general Hypólito Antonio Ribeiro, e as revolucionárias, às ordens do general João Nunes da Silva Tavares, coronel Oliveira Salgado e Gumercindo Saraiva”¹²⁶. Esta fora o marco de uma revolta que teria diversos combates e que se prolongaria até junho de 1895 na cidade de Osório. De Artigas vinham informações sobre os federalistas que para lá haviam se deslocado. Em 20 de maio um jornal de Rivera publicou a seguinte afirmação:

a chefatura do departamento dispôs, por ser conveniente, que sejam escrupulosamente desarmados os grupos de *federaes* que desde alguns dias a esta parte estão passando para o nosso território [...]. A debandada das forças revolucionárias tem tomado proporções desoladoras. Por Manguera tem cruzado mais de 1.500 fugitivos, divididos em pequenos grupos [...] Contudo a perda do armamento é considerável em relação, e a continuar a dispersão e o desarmamento pelos demais pontos da fronteira, como por aqui, a revolução toca a seu fim. As forças de Tavares que tinham ficado reduzidas a 400 homens estão hoje sitiadas pelo exército legal na Serrilhada [...] ¹²⁷.

Entretanto, Pereira¹²⁸ salienta que as notícias publicadas na imprensa Uruguaia seriam falsas pelo fato de que se realmente houvesse colaboração e lealdade do governo uruguaio, os federalistas nunca teriam lá se armado e vindo instaurar a revolução no Rio Grande do Sul. As incursões de federalistas armados acabavam por atrair cada vez mais

¹²⁶RIBEIRO, Ten. Aldo. Combate do Ibirapuitan: 19 de junho de 1923. *Pindorama*, Porto Alegre, v. 1, n. 3, junho de 1926.

¹²⁷PEREIRA, op. cit., p. 220-221, grifo nosso.

¹²⁸Idem, p. 222. A pesquisa utilizou o Esboço da BM como um guia de informações que possibilitem chegar a outras fontes de pesquisa. Já que ao analisar a obra, é possível compreender o significado e importância histórica da Brigada Militar.

revoltosos para a causa federalista e quando não cooptados os integrantes da região ocupada, estes eram executados.

Em junho de 1893 a tropa de Gumercindo Saraiva chocou-se com as forças republicanas da coluna de Mena Barreto, composta do 1º e 2º batalhão de reserva da BM, um contingente do 1º regimento de cavalaria da BM e das forças civis de Manoel e Antero Pedroso, e Manoel Luiz Madruga. O combate foi rápido e dispersou a tropa de Gumercindo. Três dias depois ocorreu outro combate entre as forças de Mena Barreto e Gumercindo Saraiva próximo a Guabijú.

Neste mesmo mês chegaram informações de que os rebeldes estariam se encaminhando a cidade de Rio Grande em direção ao vapor Itália, que trazia munição para reforçar os republicanos, entretanto este navio foi assaltado e tomado por federalistas, chefiados por Affonso da Silveira Nunes e Laurentino Pinto Filho, que havia chegado de Montevideú a poucos dias para conferenciar com correligionários de Rio Grande.

O Itália fez companhia ao Júpiter, procedente da capital Uruguaiana, e a cujo bordo vinha o almirante reformado Eduardo Wandenkolk, cercado de alguma força, pretendendo apoderar-se daquela cidade. As duas embarcações rebeldes entraram á Barra e foram tomando conta dos rebocadores e pequenos vapores que se lhes iam deparando [...]. Logo depois o Itália partiu para São José do Norte e lá desembarcou armamento, munição e pessoal, caindo a vila em poder dos federalistas.¹²⁹

Quando percebido a ocorrência com o Itália, o coronel João Cesar Sampaio comandante da guarnição, tomou providencias para que vários pontos do litoral fossem guarnecidos e artilhados, a fim de evitar o desembarque dos revoltosos. Encaminhou-se a canhoneira Camocim para combater com Wandenkolk, porém este chegando a Barra passou a apoiar os revoltosos, aprisionando os oficiais que não o apoiaram, havendo um aumento considerável no número de revoltosos e crescendo a agitação e temor na cidade tomada por estes.

Os revoltosos foram derrotados, após os republicanos receberem mais tropas e Wandenkolk fugiu no Júpiter, se entregando prisioneiro no dia 15 de julho ao vapor

¹²⁹PEREIRA, 1917, p. 244-246.

República em Santa Catarina. As tropas movimentaram-se por muitos dias, até que em setembro encontraram-se com Gumercindo e os rebeldes nas margens do rio Ibicuí, que trocaram tiros, porém se afastaram.

Datando 1º de novembro de 1893 a Divisão legalista acampou nas proximidades de Santa Catarina, onde o inimigo se encontrava, entretanto neste momento já se sentiam as perdas materiais, como fardamento, cavalos, etc. Notava-se o prolongamento da campanha, pois de acordo com relatos¹³⁰ faltava coesão, harmonia e havia dependência do exército republicano, que ao ver de Pereira era “desligado, partido, mal apercebido dos fatores essenciais a uma luta armada” como a federalista, que se desenrolava em vasta campanha aberta, com saídas francas para o Uruguai ou matas espessas e serras complicadas.¹³¹

Ambas as partes já estavam desgastadas com tanta perseguição e os soldados já passavam necessidades, como podemos observar no relato de Claudino Nunes Pereira ao prestar informações sobre o 1º regimento:

As forças revolucionárias, perseguidas de perto desde 15 de setembro, resolveram passar para o Estado de Santa Catarina, na esperança talvez de que cessaria a tenaz perseguição. Entretanto, assim não aconteceu, pois o comandante da Divisão do Norte e o grande patriota senador Pinheiro Machado, que dela fazia parte, também resolveram se dirigir para ali, com a sua coluna (...). Desse momento em diante, os acontecimentos, determinando a mudança do teatro da revolução para outro Estado, impunham-lhe novos e pesados sacrifícios. E se até aí as privações assim se fizeram sentir, Dora em diante se tornavam duras e mais difíceis de suportar. Péssima daí se tornaria, desde então, a continuidade da longa perseguição que já se calculava feita em percurso superior a duzentas léguas.¹³²

¹³⁰Relatos estes que foram organizados pelo major Miguel Pereira no *Esboço Histórico da Brigada Militar*, são relatos dos comandantes da Força e relatos descritos nas Ordens do Dia. Esta obra foi escrita a partir da solicitação do então comandante da BM, o coronel Afonso Emílio Massot em 1917 em comemoração aos 25 anos da Força. Inicialmente o livro traça a história do Rio Grande do Sul e um breve relato sobre a Guarda Cívica, que deu origem à Força em 1892. Muitos são os quadros contendo as nomeações dos membros da BM, assim como a disposição de suas tropas. O autor se baseia nas ordens do dia, decretos, relatórios do Estado e reportagens d'A Federação para sua análise histórica.

¹³¹PEREIRA, op. cit., p. 261.

¹³²Idem, p. 264-265.

Muitos eram os desertores, assim como os que não mais tinham condições de prosseguir. Cavalos eram poucos, logo os trajetos passaram a ser feitos a pé, como por exemplo, quando entraram em Santa Catarina que por não haver estrada que ligasse os dois Estados, as carretas e demais veículos tiveram de ser abandonados e o material que carregavam teve de ser colocado em cargueiros. Com o passar dos dias, tornava-se cada vez mais penosa a revolução, tanto para os federalistas quanto para os legalistas.

A ação das degolas foi exaustivamente aplicada nesta revolução e praticada por ambos os lados, como podemos observar nas Cartas do general Arthur Oscar¹³³ datadas de final de novembro e início de dezembro, que noticiavam a degola de mais de trezentos republicanos que haviam se rendido no Rio Negro com promessa de garantias de vida, após três dias de resistência armada.

O ano de 1894 no Rio Grande do Sul prosseguiu com a intensa marcha bélica dos republicanos contra os revoltosos federalistas. As brigadas contavam com o apoio do governo federal que tinha a frente o Marechal Floriano Peixoto, este encaminhava recursos financeiros, assim como munições e demais suprimentos. A Brigada Militar ainda contava com o apoio das forças do Exército.

Neste mesmo ano as forças republicanas contavam com o apoio do senador Pinheiro Machado, que se incorporou às forças da Divisão do Norte, coluna até então com poucas baixas e que mais eficaz se apresentava na perseguição dos federalistas. No final de maio esta coluna se dividiu e Pinheiro Machado, assim como os corpos da BM prosseguiram comandados pelo coronel Manoel do Nascimento Vargas (pai de Getúlio Vargas). Neste momento as forças republicanas estavam mais fortalecidas, devido ao recebimento de vencimentos, fardamento e materiais que necessitavam para prosseguirem os embates contra os revolucionários federalistas, que se encontravam fora do território do Rio Grande do Sul.

No início de junho as forças do governo sob o comando dos generais Arthur Oscar e Mena Barreto estavam localizadas em Passo Fundo combatendo os inimigos revolucionários. No dia 25 de abril de 1894 ocorreu a Batalha de Passo Fundo, tendo praticamente todas as brigadas governistas, ou seja, tanto a BM como também as forças

¹³³PEREIRA, op. cit., p. 305.

organizadas por particulares. Os revolucionários que eram comandados por Gumercindo Saraiva após forte ataque, foram obrigados a abandonar a luta. Algumas das forças governistas se puseram em marcha de volta a Porto Alegre no dia 25 de julho.

Em 05 de agosto de 1894 a Brigada Militar recebeu de presente do Governo de São Paulo mil armas “Mannlicher” e 500.000 cartuchos. E neste momento os federalistas reuniram mais tropas, alcançando um total de 4.000 homens. Também ocorreu o Combate de Carovy no município de São Francisco de Assis, sendo protagonistas as forças da Divisão do Norte e os federalistas liderados pelo seu principal líder, Gumercindo Saraiva, que acabou morto neste combate, em 10 de agosto, como referido na ordem do dia nº 167 do Comando da Brigada Militar do Estado:

Camaradas! Estão afinal coroados de maior brilhantismo os heróicos esforços que tendes feito para a debelação da anarquia, implantada no solo do nosso caro Estado, pela horda vandálica que o invadiu em fevereiro do ano findo. Depois de haver percorrido todas as direções, sempre fugitivos da vossa constante e terrível perseguição; depois de levar o luto, a desolação e o saque até os Estados de Santa Catarina e Paraná, sempre corridos por vós, acabam de tombar para sempre a hidra federalista. Gumercindo Saraiva, o bandido, terror de Santa Vitória, o audacioso caudilho da revolução, caiu traspassado pelas balas das carabinas dos soldados da Brigada Militar. [...].¹³⁴

Podemos observar que a morte de Gumercindo foi exaltada como um ato heroico da BM, que lutava em defesa da ordem e da liberdade dos rio-grandenses. Através desta ordem do dia, documento oficial da força, salientou-se o mal que representavam os federalistas, as desgraças que promoviam e que os rumos da revolta mudariam significativamente, já que o grande líder dos revoltosos teria sido derrotado pela briosa Brigada Militar.

Com a morte de Gumercindo Saraiva começava a desenrolar-se o fim da revolta. Os federalistas não conseguiam mais manter suas tropas, pois cada vez era maior o reforço para o governo republicano e as tropas legalistas. Neste episódio grande destaque teve o 1º Regimento de Cavalaria da Brigada Militar que, para a revista Pindorama,

¹³⁴PEREIRA, op. cit., p. 532 – 533.

[...] tantos e tão assinalados são os feitos militares desse valente regimento. Como as demais unidades da Brigada Militar, a sua atuação na revolução de 93-95 foi eficiente e brava, abnegada e tenaz, tendo tomado parte em vários e cruentos combates [...] os valentes soldados do 1º regimento derrotaram a coluna de Gumercindo Saraiva, matando esse temível chefe revolucionário e com ele a revolução.¹³⁵

Em 06 de outubro de 1894 a Brigada Militar encontrava-se acampada em Santa Maria, onde receberam materiais e vencimentos. De acordo com a ordem do dia nº 172 publicada neste dia, o ministro de Guerra havia concedido as honras de general de brigada para Júlio de Castilhos e de tenente-coronel ao comandante do 2º Batalhão de Infantaria de reserva a Affonso Emílio Massot. Neste momento, as perseguições aos revoltosos seguiram e estes por muitas vezes acabaram por se refugiar novamente no Uruguai.

Em 22 de novembro, Júlio de Castilhos decretou e promulgou a lei de orçamento da receita e despesa do Estado para o ano de 1895, onde de acordo com o Art. 4º o governo deveria pagar o meio soldo às viúvas, filhos ou mães dos oficiais da BM tanto da ativa como da reserva, mortos em combate ou em resultado de ferimentos.

Em 1895 a Brigada Militar foi incorporada à 5ª Divisão do Exército e prosseguiu-se a perseguição aos revoltosos, que estavam sendo comandados por Aparício Saraiva. Também foi o ano em que se iniciaram as tentativas de assinatura da paz, sendo o general Inocêncio Galvão de Queiroz, comandante do 6º Distrito Militar e de todas as forças em operações no Rio Grande do Sul o nomeado para tal ato, este iniciou os acordos com o general João Nunes da Silva Tavares, chefe dos revolucionários, que aceitou a assinatura da paz, nos termos propostos pelo governo federal, dentre eles a garantia de liberdade e nenhuma espécie de punição por ter lutado contra o governo de Júlio de Castilhos.

Havia um grande interesse do então presidente Prudente de Moraes de dar fim aos combates no sul, assim como em diminuir a força do militarismo no país, e este, por isso, tentou colocar fim na guerra civil. Em 23 de agosto foi assinada a Ata de Paz, em Pelotas, e a partir desta data, os corpos da BM concentraram-se em Porto Alegre como

¹³⁵*Pindorama*, Porto Alegre, v. 2, n. 20, novembro de 1927.

garantidores das condições assinadas em Pelotas, empenhando-se em “restabelecer a ordem em todas as localidades, fazer calar os ódios e evitar perseguições”¹³⁶.

Surgiram dentro da Brigada alguns focos de indisciplina, que foram contidos assim como se iniciou um desarmamento dos revolucionários. Em 21 de outubro, através do Decreto nº 310, foram:

anistiadas as pessoas que direta ou indiretamente se tinham envolvido nos movimentos revolucionários, ocorridos no território da República, até o dia 23 de agosto, não podendo os oficiais do Exército e Armada voltar ao serviço ativo antes de dois anos, contados da data de sua apresentação as autoridades competentes.¹³⁷

O general Galvão continuou como comandante do 6º Distrito Militar, mas devido ao fato de este ter tentado junto ao Congresso Nacional uma revisão à Constituição do Estado do Rio Grande do Sul de 14 de Julho, como queriam os revolucionários federalistas, Júlio de Castilhos rompeu as relações oficiais com este general.

A guerra civil durou dois anos e sete meses, deixando em torno de 10 a 12 mil mortos e gerando grande ódio entre as oligarquias políticas. A população civil durante estes anos de guerra, ficou à mercê de ambas as facções e sofreu duramente as consequências desta guerra e os federalistas derrotados, amargaram longos anos no ostracismo político e social. Por sua vez, a Brigada Militar,

[...] ao fim da luta armada, era ela uma força que se militarizará e organizará em plena refrega, na vigília dos acampamentos e nas privações da campanha, onde os seus oficiais haviam conquistado os seus galões a golpes de bravura, e os seus soldados tinham dado belos exemplos de valor e de civismo. Feita a paz, a força estadual entregou-se com ardor ao seu preparo técnico, ao mesmo tempo que prestava seu dedicado concurso ao Rio Grande, assegurando a ordem pública e o império da justiça em todo o seu vasto território.¹³⁸

¹³⁶PEREIRA, op. cit., p. 634.

¹³⁷Idem, p. 636.

¹³⁸*Pindorama*, Porto Alegre, v. 2, n. 19, outubro de 1927.

Foram mais de 26 anos de uma aparente tranquilidade no estado e do PRR como força política hegemônica amparado militarmente na Brigada Militar.

2.4. Ainda existe uma oposição: a Revolta de 1923

Em 1921, a oposição reorganizou-se em torno de Joaquim Francisco de Assis Brasil. O presidente do Rio Grande do Sul neste momento era o herdeiro político de Júlio de Castilhos, Antonio Augusto Borges de Medeiros. O ano de 1922 foi marcado pelas fraudes eleitorais que reelegeram Borges e pela violência para com os partidários assististas. Foi então proposto por Assis Brasil um tribunal de honra com o intuito de apurar as eleições.

Este tribunal questionava a constitucionalidade da lei eleitoral estadual e pedia a renúncia de Borges de Medeiros, assim como desejava a impossibilidade da nomeação dos prefeitos e do vice-governador. Borges não aceitou o tribunal de honra e solicitou um parecer da Assembleia, que era formada em sua maioria por deputados do Partido Republicano, assim como uma posição do presidente da República, Artur Bernardes, que preferiu permanecer neutro.

Foi então nomeada uma Comissão de Constituição de Poderes, formada por Getúlio Dorneles Vargas, Ariosto Pinto e José Vasconcelos Pinto, para apurar e recontar os votos. Esta comissão trabalhou a portas fechadas e realizou a recontagem, dando a vitória à Borges com votação de 106.319 votos contra 32.217 votos para Assis Brasil.

Com a vitória do Partido Republicano, a oposição se reuniu na denominada Aliança Libertadora e acabou por se levantar em armas em fevereiro de 1923, tendo como chefe civil Assis Brasil e diversos chefes militares locais, que agiam por conta própria, sem combates decisivos, esperando a intervenção federal. Porém, Artur Bernardes não tinha força para enfrentar a BM¹³⁹, que [...] entrou na luta de 1923 em

¹³⁹Bernardes decide por não fazer uma intervenção no estado, pois como salienta Carone, o Rio Grande do Sul era “*policidado e controlado pelo Partido Republicano Rio-grandense, não sendo possível uma atitude federal franca e aberta*”, ainda salienta que o estado estava dominado por “*um grupo aguerrido e prepotente, reforçado por um*

defesa do governo constituído e das instituições republicanas [...] ¹⁴⁰ que era bem armada e sempre fiel à Borges de Medeiros. Logo Artur Bernardes reconheceu a vitória do PRR e ainda acrescentou: “Não me é dado aceder ao honroso convite, porque, como Presidente da República, a Constituição me confere atribuições e me impõe deveres, cujo exercício pode colidir com aquela elevada incumbência” ¹⁴¹, quando solicitado que arbitrasse o escrutínio.

Juntamente com a revolta, começou uma campanha contra os revolucionários junto à população civil, que mais uma vez era assolada por uma guerra. A Brigada Militar se mobilizou rapidamente, e iniciou a formação dos grupos de Provisórios.

Mal se esboçou o movimento sedicioso de 1923, já estava a postos esta brava unidade, pois foi criada e organizada em 28 de fevereiro do mesmo ano, na cidade de Santana do Livramento [...]. Imediatamente entrou em atividade a novel corporação, sob o comando do intrépido Tenente-coronel Miguel Luiz da Cunha, e a 6 de maio dava seu primeiro combate, no lugar denominado “Passo do Guedes”, município de Livramento, pondo o inimigo em debandada. Em seguida é incorporado à invicta “Brigada d’Oste” e com ela toma parte no importante combate de Santa Maria Chica, no Caverá [...]. ¹⁴²

Houve grande rapidez na organização dos Corpos Provisórios, o que caracterizou a importante ação destes grupos ao apoiarem a BM em todas as ações que esta empregou em defesa do Partido Republicano e sua sustentabilidade no poder. Os Provisórios representavam na totalidade um número bastante superior de integrantes, do que a própria força efetiva da Brigada Militar, logo o reconhecimento à sua importância era frequentemente salientado. Para o tenente Aldo L. Ribeiro,

Os “provisórios”, como passarão eles à História, são dignos do maior apreço e da gratidão da população laboriosa do Rio Grande e do País inteiro. Sim, do País inteiro, porque não é só dentro dos limites do Rio Grande que eles tem derramado seu sangue [...].

sistema constitucional, onde a oposição é esmagada ou obrigada a emigrar. Daí a dificuldade de qualquer ato oposicionista”. CARONE, 1983, p. 375.

¹⁴⁰ *Pindorama*, Porto Alegre, v. 2, n. 21, dezembro de 1927.

¹⁴¹ MAESTRI, 2010, p. 304.

¹⁴² *Pindorama*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, abril de 1926.

O “provisório” dever ser olhado com admiração, máxima se lembrarmos-nos que esses patrícios acorreram as fileiras, prontos ao sacrifício e dispostos a afrontarem estoicamente as vicissitudes de uma campanha.

O “provisório” é a mais lidima representação do povo rio-grandense, do gaúcho de todos os tempos, sempre pronto a cerrar as fileiras na defesa de seus ideais.¹⁴³

Esta revolta que ocorreu em 1923 não foi tão sangrenta como a de 1893, provavelmente devido o tipo de ação tática por parte dos revoltosos, como observamos na análise do cap. Oliveira em artigo publicado em *Pindorama* e intitulado “A velha guarda da Brigada Militar”:

[...] os corpos de infantaria da Brigada Militar não puderam atestar perante os coevos á sua eficiência militar, a sua bravura e a sua lealdade republicana nos combates, porque o inimigo preferia a distância das forças permanentes, fato que ficou constatado na “Parada de Chagas”, quando o 2º batalhão de infantaria, á noite, sob o comando do bravo coronel Amadeu Massot o atacou.¹⁴⁴

As tropas legalistas tiveram a incorporação de mercenários uruguaiois, entretanto a mobilização de doze mil homens comprovou a superioridade bélica republicana. Este fato foi bastante significativo para desmobilizar qualquer intento de intervenção do governo federal, já que a superioridade bélica da Brigada, assim como treinamento de seus integrantes, eram sabidamente superiores ao Exército¹⁴⁵.

Veremos neste momento uma nova geração de políticos do Partido Republicano atuando juntamente com as forças bélicas, sendo eles Flores da Cunha, Oswaldo Aranha, Firmino Paim Filho, Getúlio Vargas, entre outros. Getúlio esteve à frente do 7º Corpo Provisório, conforme atesta *Pindorama*:

¹⁴³RIBEIRO, Ten. Aldo L. Provisório. *Pindorama*, Porto Alegre, v. 1, n. 11, fevereiro de 1927.

¹⁴⁴OLIVEIRA, Antonio Dias de. A Velha guarda da Brigada Militar. *Pindorama*, Porto Alegre, v. 2, n. 21, dezembro de 1927.

¹⁴⁵LOVE, 1975, p. 123.

[...] quando acesa a guerra civil no Estado [...] foi criado o 7º Corpo auxiliar em 1º de abril de 1923 [...] é uma unidade distinta pelos inestimáveis serviços que tem prestado ao Rio Grande e à República, desde a sua organização. O seu primeiro comandante foi o bravo Dr. Getúlio Vargas, digno deputado federal [...].¹⁴⁶

Com a revolta instaurada, Paim Filho comandou o 8º Corpo Provisório, ou Corpo Auxiliar, como evidenciamos na página reservada a memória histórica “As forças auxiliares da Brigada Militar”, da *Pindorama*:

Esta valorosa unidade, que tem prestado ao Estado e à República os mais assinalados serviços de defesa da ordem e da legalidade, foi organizada no início da revolução que conturbou o Rio Grande, em 1923. Com a numeração de 4ª, na extinta 4ª Brigada Provisória do Nordeste, guiada pela bravura de Paim Filho, este corpo bateu-se bravamente, em diversos encontros, com os sediciosos de Portinho e outros, mostrando sempre a inabalável fé republicana de seus oficiais e praças.¹⁴⁷

Paim Filho era general do Exército e considerado um homem ilustre e bravo pelos integrantes da Brigada, o que podemos observar na homenagem realizada pela revista *Pindorama*, em outubro de 1926:

[...] o seu nome surgiu aureolado por tantos e tão assinalados serviços à causa republicana e à legalidade que, no bravo general, tiveram um dos mais fortes esteios. Com sua valorosa coluna – a invicta 4ª Brigada Provisória do Nordeste – em lances épicos, gravou nas páginas da história republicana do Rio Grande os memoráveis feitos de Capão Bonito, Raposo, Contas e Cerquinhas, sendo que neste último, vibrou com sua espada guerreira e invencível, o derradeiro golpe que esfacelou para sempre a coluna inimiga, restituindo definitivamente as regiões assoladas ao trabalho produtor e pacífico por que tantos ansiavam.¹⁴⁸

¹⁴⁶*Pindorama*, Porto Alegre, v. 1, n. 3, junho de 1926.

¹⁴⁷*Pindorama*, Porto Alegre, v. 1, n. 4, julho de 1926.

¹⁴⁸*Pindorama*, Porto Alegre, v. 1, n. 7, outubro de 1926.

Flores da Cunha era visto pelos integrantes da Brigada Militar, como um abnegado republicano e grande patriota, que atuou em 1923 ao lado da 2ª Brigada Provisória. As páginas de Pindorama relatam o seguinte:

[...] o ilustre republicano há reafirmado a sua inquebrável fé política [...] quando a avassaladora guerra civil invadiu, em 1923, o nosso caro torrão, veio encontrá-lo como edil de Uruguaiana.

A sua ação, enérgica e valorosa, quando aquela cidade foi posta em sitio por elementos sediciosos, é de sobejo conhecida.

Pode-se dizer seguramente que a direção vigorosa imprimida por Flores da Cunha, na sua defesa, foi quem vibrou o primeiro golpe mortal no movimento recém iniciado. [...]

Comandante da 2ª Brigada Provisória do Oeste, cobriu-se de glórias em vários encontros com o inimigo [...] ¹⁴⁹.

Esta nova guerra civil aprofundava ainda mais a crise econômica sulina, o que levou com que o presidente da República interviesse, depois de muita pressão sobre ele. Em maio de 1923 ele propôs que o mandato de Borges de Medeiros fosse reconhecido, assim como uma reforma da Constituição estadual, na qual fossem ampliadas as atribuições do Legislativo e se colocasse fim à reeleição do governador do Estado.

Após grande relutância, Borges, aceitou algumas mudanças, dentre elas o fim à reeleição. Em novembro os assististas examinaram as propostas e, após muitas divergências, acabou por assinar em dezembro, no castelo da Granja de Pedras Altas a Ata de Pacificação. A partir daí os corpos provisórios da Brigada passaram a prestar outros serviços no Estado: “Pacificado o Estado, em dezembro de 1923, entregou-se o corpo ao serviço de policiamento e vigilância, dedicando-se também a prática da instrução militar [...]” ¹⁵⁰.

Borges de Medeiros continuaria à frente do governo do Estado, porém ao final de seu mandato não haveria mais reeleição para a presidência do Estado e nem mesmo para os cargos executivos dos municípios. Entretanto era evidente a hegemonia do PRR, já que com as mudanças na Constituição e o fim do conflito, quando ocorreu à eleição

¹⁴⁹ *Pindorama*, Porto Alegre, v. 1, n. 5, agosto de 1926.

¹⁵⁰ As forças auxiliares da Brigada Militar. *Pindorama*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, abril de 1926.

para o Senado o candidato republicano obteve o dobro de votos que Assis Brasil, 40 mil votos.

O ano de 1923 possibilitou que a Brigada Militar realizasse um antigo sonho, uma aviação própria, a garantia de segurança e poder bélico, pois no pós-grande guerra, estar preparado militarmente significava ter um corpo de Aviação.

2.5. Escola de Aviação da Brigada Militar

Desde o comando do coronel Massot em 1915 que a Brigada Militar desejava ter uma aviação própria, chegou-se a realizar um estudo pelo engenheiro e aviador Evaldo Pedro Blauth.

No projeto de Blauth para a criação da escola, havia explanações pormenorizadas sobre todos os aspectos a serem observados, com análises claras e fundamentadas sobre as características de um campo de aviação considerado bom, sobre as instalações necessárias, serviços de apoio, socorro e comunicações. E ainda se estendia em comentários sobre os próprios aviões de instrução, a aquisição deles e respectiva estimativa de preços. Finalmente oferecia sugestão de um currículo escolar, nominando assuntos teóricos e prevendo exercícios práticos.¹⁵¹

Havia ainda um forte debate nacional sobre a importância da aviação para as ações militares, assim como se salientava que esta era sinônimo de modernidade, como salientava Noemio Ferraz que fez parte deste serviço, para a *Pindorama*: “[...] A aviação é mais que ideia, é ideal. Ela coloca-se entre o saber e a existência. Ela nasce da ciência e da arte, indica progresso, engrandece a raça, a Pátria, sublimando a humanidade. Sorri entre as auroras da mocidade e fulgura entre as sombras sepulcrais”¹⁵².

Quando Massot decidiu criar uma aviação própria, este levou em conta as vantagens que um serviço aéreo possibilitava nas atividades de reconhecimento e

¹⁵¹INCAER. *História Geral da Aeronáutica Brasileira*. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1988, p. 110.

¹⁵²FERRAZ, Noemio. Aviação: Aos heroicos tripulantes do Jahú. *Pindorama*. Porto Alegre, v. 1, n. 8, novembro de 1926.

observação para as tropas em combate, já que na Primeira Guerra Mundial a aviação havia trazido eficientes resultados.

Este sonho de a Brigada Militar ter uma aviação para uso bélico se concretizou em maio de 1923, quando estourou a revolução assisista e através de um decreto o governo estadual decidiu criar tal serviço, entretanto teve curta duração. Foram comprados da Argentina dois aviões velhos, tipo Breguet com 300 HP cada um, foram denominados de BM-1 e BM-2 e criado um campo de aviação na Várzea do Gravataí, local que mais tarde sediou as instalações da Varig (aviação rio-grandense, que faliu há alguns anos).

Essa aquisição foi cercada de comentários pela Imprensa, na qual se afirmava que os aviões visavam o combate aos insurretos assisistas. Até mesmo o Exército se interessou pelo fato, tendo o Comandante da Região Militar designado uma comissão para verificar se os aparelhos eram ou não de guerra.¹⁵³

Entretanto o comando da Brigada Militar garantia que estes aviões haviam sido comprados apenas para reconhecimento e visualização de tropas rebeldes e não como armas bélicas, mas quando foram vistoriados pelo Exército, estes eram equipados com metralhadoras, fuzis e lançadores de bombas. As metralhadoras foram guardadas no Campo da Várzea, as bombas, que eram construídas pela própria BM¹⁵⁴, apenas tinham efeito moral, já que “seus lançamentos não seriam feitos diretamente sobre os insurretos; destinavam-se a espantar-lhes as montarias, provocando estouro da cavallhada, deixando-os confusos e a pé, na perseguição aos animais”¹⁵⁵.

Foram construídos dois hangares, alojamento, escritório e oficinas. Tinha como função realizar a observação, reconhecimento e informação sobre as tropas em combate no estado. Teve como alferes-aviador um integrante da Escola de Aviação do Exército Nacional. Dentre os registros das ações destes aviões, encontramos relatos de missões nas cidades de Caxias do Sul, Venâncio Aires, São Sepé e Cachoeira do Sul.

¹⁵³INCAER, 1988, p. 110.

¹⁵⁴Idem, p. 111.

¹⁵⁵Idem.

Também ocorreram sabotagens a este serviço, como um galpão que foi explodido após um desconhecido deixar uma lata, provavelmente de graxa, assim como tiros desconhecidos em direção às instalações da escola e o desaparecimento das metralhadoras que haviam sido guardadas no depósito depois de serem retiradas dos aviões. Estas situações começaram a gerar inquietações, assim como tensões.

Entretanto mesmo com as diversas dificuldades que se apresentavam, a que foi decisiva para o fim deste serviço, foi a queda de um destes aviões em agosto de 1923 devido à antiguidade destes. Após o avião incendiar no ar, o piloto conseguiu aterrissar e se salvar, tendo algumas queimaduras no corpo, mesma sorte não teve seu colega de voo, que morreu na explosão. Em janeiro de 1924 o serviço de aviação da BM foi suspenso.

Fora curta a duração do Serviço de Aviação da Brigada Militar do Rio Grande do Sul. Também fora pequena sua equipe de pessoal, onde mais se destacaram o Alferes Ferraz e o infelizmente Ozório. Contudo, numa época em que a maior segurança de voo era paradoxalmente o regresso das frágeis rodinhas do avião ao solo do campo de pouso, o exemplo de Ferraz e Ozório foi grande e ficou perene, pelo desprendimento e pela coragem com que, pioneiramente nos pagos gaúchos, elevaram-se ainda mais o valor da aviação, que a visão acurada do Coronel Massot soubera divisar para a Brigada.¹⁵⁶

A Brigada Militar sempre esteve observando as inovações militares e por vezes a força foi bastante audaciosa, já que por muito tempo chegou a ser superior na força bélica em relação ao Exército nacional, com quem ao longo da Primeira República teve contato estreito e de apoio, mantendo vivo o debate sobre os investimentos do governo nas Forças Armadas, como podemos observar no artigo sobre a Aviação,

Até que afinal, graças ao espírito progressista e empreendedor de S. Excia. o senhor General Ministro da Guerra, conforme disseram os telegramas, voltará à atividade a escola de aviação militar, do campo dos Afonsos no Rio. Só esse ato do novo Ministro, procurando reviver entre os brasileiros o mesmo entusiasmo e o mesmo progresso da aviação que parecia extinta, vale por uma apoteose ao brilho de sua administração ora iniciada. E quão significativo se torna para os que militam nessa exuberante invenção patricia, o se ter a convicção de que pulsa ainda nos corações brasileiros, afeição de glórias pela conquista do ar.

¹⁵⁶INCAER, 1988, p. 112.

E qual de nós não sente reviver em si próprio uma grande simpatia por esse empreendimento tão necessário aos civilizados.

Esse empreendimento que reduz distâncias levando quase que de hora em hora, de um extremo ao outro de um país, outrora intransponível, sem as fastidiosas travessias Ferro-Viárias, notícias frescas, mor das vezes interessantes, quando não ao desenvolvimento materio-economico dos povos, pelo menos aos corações apaixonados ansiosos pelas novas de seus entes queridos.

[...] Excia. sabiamente encaminhará a aviação para uma nova era, era de conquistas e de estímulos, coisas essas desaparecidas há anos da ideia de nossos patrícios que se iniciaram na aviação.

[...] Fazer reviver a aviação – para a glória da Brasil.

[...] Parabéns, pois, ao Exército que vê sair do marasmo profundo em que se achava, a futura determinadora de todas as conquistas – a aviação.

Parabéns aos aviadores nacionais que se sentiam já, na iminência de um fracasso na carreira que abraçaram e, que veem na mesma surgir agora cheia de vida e de esperanças, graças à orientadora nova administração da pasta da guerra, em boa hora confiada ao Sr. General Nestor Passos.¹⁵⁷

Mesmo a BM não tendo mais um serviço próprio de aviação, seus integrantes, devido a relação de proximidade com o Exército e o interesse nos assuntos militares de segurança nacional debatiam e preocupavam-se com os investimentos e desenvolvimento militar do país. O grande debate militar neste período era o atraso militar do Brasil em não ter um serviço de aeronáutica organizado, assim como a inexistência de uma indústria de base para tal feito, este assunto era o centro das discussões da revista *A Defesa Nacional*. O serviço aéreo não era visto apenas como um componente militar, também significava reduzir as distâncias dentro do país devido a sua extensão geográfica, assim como um sinônimo de desenvolvimento.

Aparentemente após a revolta de 1923 a paz estava instaurada, porém as atuações da BM não estariam acabadas, já que esta teve de conter pequenos levantes locais, assim como atuou ao lado do governo federal contra os movimentos tenentistas.

[...] Nessa situação, veio encontrá-lo o movimento subversivo que irrompeu em São Paulo, em julho de 1924. E quando se cogitou de enviar nova expedição de tropas da milícia gaúcha aquele Estado, o corpo recebe ordem de aprestar-se para fazer parte da nova coluna que deveria seguir sob o comando do Sr. Coronel Claudino Nunes Pereira. Imediatamente seu

¹⁵⁷FERRAZ, Noemio. Aviação. *Pindorama*. Porto Alegre, v. 1, n. 9, dezembro de 1926.

comandante telegrafou ao saudoso coronel Massot, declarando que a unidade se achava pronta para embarcar a qualquer momento [...].¹⁵⁸

Levantes dos tenentes do Exército ocorreram em todo o país e por vezes, também repercutiram no Rio Grande do Sul. Foi inevitável que as fileiras aquarteladas em algumas cidades do interior do Rio Grande, aderissem ao movimento paulista e o governo estadual não só mandou a Brigada Militar conter estes revoltosos nas cidades rio-grandenses, como também contribuiu com sua força bélica para que o governo federal pudesse conter os tenentes em outros territórios do Brasil, como abordaremos a seguir.

2.6. Descontentamento nacional: os tenentes agitam o ano de 1924

Contra a posse de Artur Bernardes em julho de 1922, um grupo de jovens tenentes do Forte de Copacabana levantou-se e foi dizimado pelas forças governamentais, num episódio que ficou conhecido como os “Dezoito do Forte”. Dois anos após este mal sucedido levante dos Tenentes, novamente estes decidiram iniciar outro movimento militar para depor o então presidente e levar Assis Brasil, líder da Aliança Libertadora, que era formada por federalistas e republicanos históricos, a substituí-lo, já que em março de 1924 Nilo Peçanha morreu.

O movimento de 1924 eclodiu em São Paulo e contou com o apoio de diversas unidades do Exército, assim como da Força Pública. No Rio Grande do Sul várias unidades do Exército aderiram à rebelião, sendo elas Santo Ângelo, São Luís, São Borja, Itaqui e Uruguaiana. Imediatamente, foram sufocadas pelo coronel Claudino Nunes Pereira e por Flores da Cunha.

Recordando os eventos daquele momento, Pindorama pronunciava o seguinte:

¹⁵⁸As forças auxiliares da Brigada Militar. *Pindorama*, Porto Alegre, v. 1, n.1, abril de 1926.

Mal se retemperara das agruras da luta de 1923, já a legalidade reclamava, novamente, seus serviços. E colocando-se á frente de seus valorosos homens, pôs-se, outra vez, em campo o heróico rio-grandense, que prestou assinalados serviços no combate de Guassú-Boi e os continuou prestando, abnegadamente, até a rendição de Honório Lemes, nas margens do Vacaquá, onde, a par da bravura nunca desmentida, Flores da Cunha demonstrou a grandeza de seu coração e a nobreza de seu caráter, abraçando, comovidamente, o caudilho que, humilde, depunha em suas mãos a espada vencida.¹⁵⁹

Claudino Nunes Pereira foi um dos grandes comandantes da Brigada Militar. O mesmo veio a substituir o coronel Affonso Emílio Massot, patrono da BM, quando da sua morte, tendo grande destaque no setor de assistência social¹⁶⁰.

Traçando o perfil do coronel Claudino, Pindorama escreve:

Personalidade de inconfundível destaque, pelas altas qualidades de administrador, que pôs em evidência como intendente de vários municípios do Estado, e pela sua grande competência profissional, posta a prova nos prélios cruentos de 1923-24-25, em que se salientou como perfeito chefe militar, de tenacidade inquebrantável e valor espartano [...].

Longa e brilhante é a sua carreira na milícia gaúcha, na qual ingressou em julho de 1893, fazendo toda a campanha de 93-95.

Galgou, sucessivamente, todos os postos da hierarquia militar, desempenhando importantes cargos e comissões, com tal correção e inteligência, que se viu cercado de grande prestígio no seio da corporação e do mais elevado apreço dos seus chefes.

Comandava o 1º regimento de cavalaria, com notável proficiência, quando, rebentado o movimento sedioso de 1923, foi designado primeiramente, para comandar uma coluna que operou na região da serra, e, posteriormente, a 2ª Brigada d'Oeste e 5ª Brigada do Centro, respectivamente.

Da sua atuação no comando dessas unidades não são necessárias grandes explanações, porque ainda estão na memória de todos, os fatos então desenrolados [...].¹⁶¹

Conseguiu, desse modo, o leal e experimentado chefe atingir o mais alto objetivo militar na missão que lhe foi confiada, executando tão importantes e decisivas operações com aquela grande modéstia e simplicidade que lhe são características.

Veio, depois, a sedição militar de 1924 colocá-lo em maior destaque [...]. Continuando em operações contra os rebeldes, passou o Sr. Coronel Claudino a comandar um destacamento que, iniciando sua ação na região serrana, perseguiu a coluna rebelde comandada pelo capitão Prestes até os estados de Santa Catarina e Paraná [...].

¹⁵⁹ A nossa Homenagem. *Pindorama*, Porto Alegre, v. 1, n. 5, agosto de 1926. Dedicado a José Antonio Flores da Cunha.

¹⁶⁰ MARIANTE, Hélio M. *Crônica da Brigada Militar Gaúcha*. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1972, p. 159.

¹⁶¹ *Pindorama*, Porto Alegre, v. 1, n. 3, junho de 1926.

Sob o comando do coronel Claudino, a Brigada Militar seguiu em direção a São Paulo para apoiar a contrarrevolução. Novamente a Brigada pode contar com o apoio das suas forças auxiliares, segundo indica Pindorama:

Previdente, como sempre, o Governo do Estado determinou a 5 de setembro de 1924 a reconstituição do 5º Corpo, designado para comandá-lo, interinamente, o então major Servulo Nicolau de Souza, que, a 6 de novembro do mesmo ano, foi nomeado tenente-coronel comandante do Corpo.

Em consequência da rebelião de algumas unidades federais aqui aquarteladas, auxiliadas pelos rebeldes de 1923, o 5º corpo foi posto, com todas as demais unidades auxiliares, ao serviço do Governo Federal e á disposição do comandante da 3ª Região Militar. ¹⁶²

Em uma estratégia denominada de “Guerra de Posições”, o 5º corpo encurralou o tenentismo entre o Rio Paraná e a serra do Medeiros. A coluna paulista permaneceu por seis meses tentando opor uma resistência estática “convencional” ¹⁶³ aos exércitos governamentais, acabando assim com o armamento trazido de São Paulo, e perdendo muitos homens.

No Rio Grande do Sul a conspiração tenentista contou com o apoio da oposição consolidada em 1922-23, pela unificação de maragatos, assististas e republicanos dissidentes, desgostosos com Artur Bernardes, que não se posicionou efetivamente contra Borges em 1922. O tenentismo e seu grupo de apoio no Rio Grande do Sul acreditava que ao depor o presidente, logo conseguiriam depor Borges de Medeiros. Em artigo intitulado “A eficiente cooperação das forças estaduais”, Pindorama menciona este contexto:

[...] Vem, após o período de alarmes no Estado, com a agitação nos países vizinhos Uruguai e Argentina, de elementos da passada sedição rio-grandense. É com a intensificação da vigilância nos principais pontos da fronteira [...]. Posteriormente, com o levante de diversas guarnições federais, que tiveram o auxílio dos elementos revolucionários civis de 1923 [...]. ¹⁶⁴

¹⁶²Pindorama, Porto Alegre, v. 1, n. 2, maio de 1926.

¹⁶³MAESTRI, op. cit., p. 306.

¹⁶⁴FEIO, Agenor Barcellos. A eficiente cooperação das forças estaduais. *Pindorama*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, abril de 1926.

O ano de 1923 foi marcado pelo destaque de Getúlio Vargas na Câmara Federal, devido ao sucesso deste em aproximar o governo do Rio Grande e o presidente da República, Artur Bernardes. Preenchendo o vazio político deixado desde 1915, quando ocorreu o assassinato do senador Pinheiro Machado, um dos principais políticos da Primeira República, Getúlio alça-se à condição de articulador entre o governo federal e o estadual.

Quando em setembro de 1924 a Brigada Militar foi enviada para São Paulo com a missão de conter os rebeldes tenentistas, encontrou resistência forte devido ao farto armamento e munição que permitia que os revoltosos pudessem descarregar “formidável fogo sobre a força atacante. Os gaúchos avançavam, avançavam sempre, heroicos e sublimes na grandeza do seu sacrifício [...] combates da capital paulista, onde se haviam batido como leões, conquistando, em feitos homéricos, os louros da vitória”¹⁶⁵.

Rememorando o feito, Pindorama destaca a ação da Brigada:

[...] Mais uma vez, estavam face a face com o inimigo, novo tributo de sangue se lhes exigia. Uma onda de entusiasmo, esse entusiasmo que inflama a alma generosa do pampa, fazendo-a aos cometimentos mais altos, perpassa pelas fileiras legalistas.

[...] sem vacilar os soldados do Rio Grande iniciam o avanço [...] a metralhadora crepita, a fuzilaria é medonha! Vidas se extinguem, feridos gemem em meio de dores lancinantes!

O momento é solene e grave! – “Para a frente! só para a frente!” comanda Crystalino. Para trás era a covardia, a desonra, e o gaúcho não recua nunca! Para a frente era a vitória ou a morte, mas, de qualquer maneira, a glória, a imortalidade, a honra de seus lares, a dignidade de sua terra! Cada um sentia, na viração do Sul, impelindo-o ao cumprimento do dever, as auras do seu pago, deste Rio Grande querido, sempre pronto a sacrificar a vida para manter a liberdade e a honra.

[...] vitória dos legalistas, anunciou que as armas rio-grandenses haviam restabelecido o império da lei naquele pedaço de terra paulistana.¹⁶⁶

Tão rápido como se organizou o movimento tenentista, foram também a incorporação de maragatos e assististas, acompanhados de gaúchos armados, as fileiras

¹⁶⁵ OLIVEIRA, J. Martins. A morte de um bravo. *Pindorama*, Porto Alegre, v. 1, n. 6, setembro de 1926.

¹⁶⁶ Idem.

dos militares rebeldes rebelados. No sul do estado ocorreram alguns levantes, assim como invasões desde o Uruguai.

Com o passar do tempo o lenço maragato se tornou o símbolo da Coluna Prestes. Assis Brasil foi, ao ver do PRR, o grande responsável pela não pacificação no Estado e o grande causador dos distúrbios políticos que desembocavam em rebelião.

Pindorama nomeia Assis Brasil nos seguintes termos:

Passamos, há bem pouco, o dia destinado a pensarmos na paz universal. No dia 1º de janeiro comemorou-se a confraternização da humanidade. Este dia do ideal que é, hoje, uma aspiração ardente de todos os bons brasileiros, talvez, tivesse passado despercebido a alguma gente. Infelizmente, dos que não perceberam a passagem desta data magna, a maioria são rio-grandenses. É Assis Brasil, esse armazém de vaidades, de ambições descabidas, de ódios, de vinganças, de toda sorte de maldades [...]; o mandatário da chacina em nosso amado Rio Grande [...].¹⁶⁷

A revolta no sul do estado em novembro de 1924, foi facilmente debelada, restando apenas sufocar o movimento no noroeste do Rio Grande do Sul. Em dezembro 14 mil soldados marcharam sobre São Luís Gonzaga, onde estavam concentrados os 1.500 rebeldes, mal armados, mas dispendo de grande cavalaria. Os soldados federais e a Brigada estavam organizados em sete colunas, o que o faz também Prestes com seus soldados.

[...] A Brigada Militar representada por suas unidades permanentes e pelos valorosos e abnegados corpos auxiliares, á disposição do Governo Federal, batia-se denodadamente, em memoráveis ações, para assegurar o império da Lei, auxiliando eficazmente a ação das tropas do Exército.¹⁶⁸

Em fins de dezembro, Luís Carlos Prestes conseguiu escapar com suas tropas para o norte do Estado, o que configurou a antiga tática dos “caudilhos rio-grandenses

¹⁶⁷SILVA, José Rodrigues da. *A Paz. Pindorama*. Porto Alegre, v. 1, n. 11, fevereiro de 1927.

¹⁶⁸FEIO, Agenor Barcellos. *A eficiente cooperação das forças estaduais. Pindorama*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, abril de 1926.

ao transformar as tropas rebeldes em colunas guerrilheiras móveis”¹⁶⁹ que se negavam a travar combates com os destacamentos militares maiores e mais bem equipados. Logo após abandonarem o Rio Grande do Sul, a coluna de Prestes se uniu com tropas que estavam estacionadas na Foz do Iguaçu, sendo que neste momento muitos já haviam abandonado a luta. Que evidenciava ser difícil. A coluna percorreu diversos territórios do país, na tentativa de conquistar adeptos, percorrendo 25 mil quilômetros. Entretanto esta continuou sempre perseguida e, combatida pelas tropas federais e estaduais.

Ainda no ano de 1924, Honório Lemos tentou uma nova rebelião, porém foi vencido e preso por Flores da Cunha no Passo da Conceição.

Aludindo ao 3º aniversário do combate da Conceição, o tenente Florestano Guterres escreve nas páginas de Pindorama, em 1927:

[...] combate do “Serro da Conceição”, que sustentou contra as forças revolucionárias ao mando do caudilho Honório Lemos, com o efetivo de 1.000 homens aproximadamente, o Destacamento Cel. Januário Correia, constituído pelo 2º regimento de cavalaria da Brigada Militar, 15º corpo auxiliar e um esquadrão de civis do Rosário.

[...] O vulto empolgante e varonil de Januário Correia, impávido, sereno, dirigindo a luta até o sacrifício; a confusão natural da surpresa, os apuros da refrega... e, logo após, patentear-se a heroicidade de uma unidade (2º R. C.), que se aferra ao terreno, rebate as arremetidas do inimigo impenitente e encarniçado e restabelece, por fim, a ordem de batalha, destruindo o plano do inimigo;

[...] enfim, o inimigo, desiludido, capitula [...] Louvores, hinos de glória e gritos de entusiasmo saudavam á República apoiada no valor da gloriosa Brigada Gaúcha.

Rememoremos, portanto, esse episódio importante, que há de viver, sempre, empolgando a nossa alma para as arremetidas do futuro. Lamentemos, porém, que tanta bravura, tanto denodo e sacrifício, fossem postos á prova em uma luta inglória, contra irmãos transviados – vítimas de sua ambição e fanatizados pela paixão incontida dos seus falsos ideais.¹⁷⁰

Em 1926 teremos a última tentativa dos tenentes do Exército em sublevar-se contra o governo, realizando ao mesmo tempo, levantes em diferentes cidades.

J. Martins de Oliveira, em “A propósito da defesa de Santa Maria”, registra:

¹⁶⁹MAESTRI, op. cit., p. 308.

¹⁷⁰GUTERRES, Florestano. 3º aniversário do Combate da Conceição. *Pindorama*, Porto Alegre, v. 2, n. 21, dezembro de 1927.

Mais uma vez, o sopro da rebeldia impenitente, passa sobre a terra legendaria do Rio Grande. Mais uma vez, elementos maus conturbaram a normalidade em algumas unidades do Exército brasileiro, que tantas glórias e responsabilidades herdou de um passado não mui remoto, em que suas hostes aguerridas e coesas, buscaram para a Pátria, nos confins do território inimigo, o esplendoroso rosário de vitórias, que é seu justo orgulho.

As sublevações de 15 e 16 do corrente mês, são páginas sombrias e tristes da nossa história militar. São lances imperdoáveis de tresloucados, que, esquecidos da grandeza do dever, sem um motivo bastante forte que os amparasse, faltaram á palavra de honra empenhada em momento soleníssimo, ante o pavilhão nacional e, com as mesmas armas que deviam garantir a autoridade, o trabalho pacífico e a propriedade, destroem os lares, tornam-se fratricidas e põem em sério risco a vida de populações inermes.¹⁷¹

Percebe-se o tom condenatório do artigo refletindo a posição legalista da BM. Em Santa Maria, os tenentes Alcides e Nelson Etchegoyen foram derrotados pela Brigada Militar, como atesta o mesmo artigo:

Na populosa e bela Santa Maria, os rebeldes, empregando, desumanamente, artilharia, investem contra a cidade, defendida por um punhado de bravos, quatro vezes inferiores em número, destruindo edifícios, sem poupar mesmo os colégios povoados de crianças indefesas.

[...] Grande era o número dos revoltosos, superior e mais abastecido o seu aparelhamento bélico. Mas, não reside ai o segredo da vitória [...]. É o valor, o estoicismo, a consciência da magnitude de uma causa, que conduzem os exércitos aos píncaros da glória.

E a prova disso ai está, nessa pequena guarnição de heróis. Esse pugilo de soldados da Brigada Militar, cujas almas se acrisolam, constantemente, no fogo sagrado do amor pátrio, deram provas exuberantes da sua fé cívica, do seu denodo, do seu espírito de sacrifício, combatendo com ardor, sustentando suas posições, com admirável galhardia.

[...] os gloriosos defensores de Santa Maria, lutam sem desfalecimento, dispostos ao sacrifício extremo da vida, com tal coragem que apavora o inimigo, fazendo-o recuar em alguns pontos, até abandonar completamente e em desordem, a zona que ocupavam nos arredores da cidade.¹⁷²

O texto reflete que a vitória militar esteve atrelada ao caráter de fidelidade cívica da BM, grande mobilizador das ações da força, num flagrante exagero do relator. No entanto, para fim deste trabalho, o artigo constituiu atestado de como Pindorama idealizava as ações da Brigada Militar.

¹⁷¹OLIVEIRA, J. Martins de. A propósito da defesa de Santa Maria. *Pindorama*. Porto Alegre, v. 1, n. 8, novembro de 1926.

¹⁷²Idem.

Da mesma forma que em Santa Maria, concomitantemente as guarnições de Bagé e São Gabriel também tentaram um levante, sendo estes rapidamente sufocados, conforme relata o artigo da revista Pindorama, “Movimentos Subversivos”:

No corrente mês, foi perturbada a ordem pública no Estado, com o levante de algumas unidades do Exército.

No dia 15, houve uma tentativa de revolta numa bateria de artilharia da guarnição federal de Bagé, sendo prontamente sufocada pela ação enérgica de seus oficiais, tendo á frente o ilustre comt. da praça, Cel. Jeronymo Furtado do Nascimento [...].

Insurgiu-se, também a 15, parte da guarnição federal de S. Gabriel, que foi batida pela tropa legal e obrigada a deixar a cidade [...].¹⁷³

O ano de 1926 foi marcado pela oposição do Partido Libertador à candidatura de Washington Luís, entretanto este recebeu o apoio do Partido Republicano Rio-grandense. Em retribuição, Washington convidou Getúlio Vargas para ministro da Fazenda. Neste momento, o Rio Grande do Sul, ocupava o terceiro lugar como estado na federação e crescia economicamente, assim como o país, que se encontrava em boa situação econômica, devido ao crescimento do café.

Acreditava-se que a paz agora estava instaurada, depois de tantos anos seguidos de conflitos políticos-bélicos, como salientou o editorial da Pindorama em janeiro de 1927:

Iniciou-se um novo ano cheio das melhores esperanças. O Rio Grande do Sul, que tem sido o Estado mais sacrificado pelas revoluções, que nos vêm afligindo desde 1923, começa a entrar em sua vida normal.

Reintegrado na sua atividade pacífica, o Estado vai marcar uma grande etapa de progresso, mercê das nossas incalculáveis possibilidades e da alta capacidade administrativa de seu benemérito governo. Para isso, muito contribuirá, também, o temperamento laborioso e empreendedor do povo rio-grandense.

Já se nota por toda a parte, o bulfício do trabalho, num ambiente de paz, despertando a alegria consequente ao barateamento da vida, que torna menos penosa a existência da população, principalmente das classes proletárias.

[...] É preciso que cessem de vez, essas perturbações da ordem, que andam a entravar o nosso progresso. E isso certamente, acontecerá, porque nenhum cidadão de responsabilidade, se ilude mais com a palavra capciosa dos arautos da guerra civil, que, como a experiência o tem demonstrado, só espalha a miséria, o luto e todos os males que se possa imaginar.¹⁷⁴

¹⁷³Movimentos subversivos. *Pindorama*. Porto Alegre, v. 1, n. 8, novembro de 1926.

¹⁷⁴*Pindorama*. Crônica. Porto Alegre, v. 1, n. 10, janeiro de 1927.

Mudanças estavam por vir e o bom momento do Rio Grande do Sul refletiu o pleito para governador do estado, tendo sido eleito, em novembro de 1927, Getúlio Vargas, num pleito sem candidatos opositores. Deve-se ressaltar que Borges gostaria que Firmino Paim Filho tivesse sido o candidato dessa eleição, porém Vargas contava com o forte apoio de Washington Luís e da própria oposição.

Em Bagé, no ano de 1928, a Aliança Libertadora se transformou em Partido Libertador, unindo aqueles republicanos históricos dissidentes e a militância federalista. O projeto do Partido Libertador defendia a eleição indireta do presidente e dos governadores, o voto secreto, a representação proporcional, assim como o parlamentarismo. À frente do novo partido tinha-se Assis Brasil e Raul Pilla.

Este momento de distensão política no Rio Grande do Sul, liderado por políticos de nova geração, certamente refletir-se-ia no teor dos artigos de Pindorama. Com a pacificação do estado, a Brigada Militar decresceria em visibilidade, se não em importância. Manter o passado de glórias e sucessos na memória dos brigadianos e da sociedade em geral, pareceu ter sido missão dos editores da revista, como veremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO III:

A TRAJETÓRIA DAS LIDERANÇAS DA BRIGADA MILITAR

No presente capítulo, serão analisados os grandes nomes da BM: coronel Emílio Affonso Massot, primeiro comandante brigadiano à frente da força e patrono da instituição, assim como o coronel Claudino Nunes Pereira que substituiu Massot e que é lembrado como zeloso com a assistência social das famílias brigadianas. Atualmente é o patrono do 6º BPM em Rio Grande e da policlínica IBCM em Porto Alegre. Assim como estes militares, será observada a construção do mito em torno das figuras de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, os comandantes maiores da BM, assim como a trajetória política destes e a ligação com a Brigada Militar.

3.1. Mitos e Heróis na manutenção do poder

Sabemos que para manter viva a memória é imprescindível ter a construção de um mito e no Rio Grande do Sul a partir da ideologia positivista impregnada naqueles que representavam o poder não foi diferente em relação a Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros. Para garantir a hegemonia e solidez do PRR no Rio Grande do Sul foi de extrema importância a construção em torno da figura de Castilhos, de um mito/herói, já que o entorno do poder político é construído por representações coletivas e como nos coloca Baczko:

o domínio do imaginário e do simbólico é um importante lugar estratégico, onde se dá a dominação efetiva pela apropriação de símbolos e garante-se a obediência pela conjugação das relações de sentido e poderio. Os bens simbólicos que qualquer sociedade fabrica, nada tem de irrisório e não existem, efetivamente, em quantidade ilimitada, razão pela qual se constituem em objeto de lutas e conflitos.¹⁷⁵

¹⁷⁵BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. Enciclopédia Einaudi. Porto: Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1986, p. 297 e 299.

Ocorre que assim é produzida uma legitimação de determinada ordem que necessita de defensores que se utilizam de representações e símbolos. Estes “defensores” aproveitam-se dos momentos oportunos, que geralmente ocorrem em situações de crise que levam a rupturas históricas, e que por consequência, abrem precedentes da necessidade de um novo líder, ou seja, alguém que possa guiar este novo momento que se apresenta.

Este novo líder deve apresentar dentre suas características o “dom da fala”, sendo por excelência ótimo orador e a capacidade de “construir em torno de si um imaginário político que permita a inteligibilidade histórica perdida”¹⁷⁶ preenchendo o espaço então aberto e exercendo o que Girardet denominou de função explicativa¹⁷⁷, fornecendo assim elementos para a compreensão deste presente e servindo como alavanca para que grupos minoritários possam emergir. “Este aspecto é particularmente interessante e corresponde ao ocorrido no Rio Grande do Sul com a subida ao poder dos republicanos de Castilhos, politicamente minoritários no Estado naquele momento”¹⁷⁸.

Ao ter um líder com estas características é possível construir e definir identidades sociais, já que como salienta Loiva Félix, o mito é sempre definidor de fronteiras, sejam elas internas e externas¹⁷⁹. Como fronteiras internas podemos entender os sujeitos identificados por uma mesma crença, harmonia e lógica “próprias ao relato/explicação em que se constitui” e fronteiras externas os excluídos, que não possuem uma memória comum e logo, não possuem a “legitimidade social do grupo em questão”.

Logo, a identidade pressupõe um elo com a história passada e com a memória do grupo na qual o novo chefe político, ungido à condição de guia, de profeta, de vidente, de ligação do grupo, desempenha o papel de iluminador da história futura [...] heroicizado e mitificado¹⁸⁰.

¹⁷⁶FÉLIX, Loiva. *A fabricação do Carisma: A construção mítico-heróica na memória republicana gaucha*. In: FÉLIX, Loiva O.; ELMIR, Cláudio P. (orgs.). *Mitos e Heróis: Construção de Imaginários*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1998, p. 143.

¹⁷⁷GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 143.

¹⁷⁸FÉLIX, 1998, p. 143.

¹⁷⁹Idem, p. 144.

¹⁸⁰Idem.

Como consciência histórica, o passado é relembado para justificar o presente, legitimá-lo e até mesmo vislumbrar o futuro, é preciso uma identificação com a história regional ou nacional, um sentimento de ligação entre os personagens, a partir desta observação o

uso da memória histórica sacralizada consolida a identidade. Gera-se a identificação entre o chefe político e a multidão, e vice-versa. Dessa forma dá-se o reconhecimento da legitimidade da ordem estabelecida chegando ao ponto de que a “manutenção das instituições estabelecidas é reconhecida como evidência fatural”¹⁸¹.

Sendo assim verificamos que o mito possibilita uma identidade, assim como uma dimensão política que tem os excluídos e as fronteiras estabelecidas entre aqueles que ocupam a posição de legítimos, como no caso dos castilhistas e aqueles que são os opositoristas, que no estado são representados pelos gasparistas e assisistas.

A construção do mito-herói está intimamente relacionada com a concepção histórica da sociedade, que visualiza através destes heróis o progresso, sendo estes os grandes líderes, os condutores que são seres dotados de algo capaz de colocar em prática anseios até então não concretizados. Burke salienta que a concepção de mito

poderia ser também definido como uma história com significados simbólico (como o triunfo do bem sobre o mal), em que os personagens, quer sejam *heróis* ou vilões, ganham dimensões maiores que na vida. Cada história se situa no ponto de intersecção entre o arquétipo e uma conjuntura, em outras palavras, entre imagens herdadas e conhecimentos específicos individuais.¹⁸²

Os heróis tem uma função de unidade/construção/mudança no meio social. Quando se elabora uma memória, reunindo símbolos e significações em momentos específicos, de incertezas, de crises e rupturas, é fundamental a existência de um herói e este se torna um mito se evocadas todas as suas “grandes ações” para guiar a sociedade

¹⁸¹GIRARDET, 1987, p. 144.

¹⁸²BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem de Luiz XV*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1994, p. 18. Grifo do autor.

neste momento conturbado, já que no “imaginário social o herói não morre! Ele transmuta-se! Passa à vida subjetiva”¹⁸³.

Por este motivo, a construção de monumentos em homenagem aos heróis é fundamental, já que estes fazem recordar, trazem à memória os que não devem ser esquecidos, como Le Goff coloca: “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”¹⁸⁴. O monumento impede o esquecimento, já que ele traz diversos elementos que trazem à tona a memória sobre o homenageado.

Da mesma forma que os diversos monumentos espalhados pelas cidades, também encontramos outro espaço que reflete muito bem sobre a importância de determinada pessoa: o cemitério, já que neste espaço cultua-se ano a ano a perda e a reverência ao que não se encontra mais no convívio humano. Os cemitérios como espaço social reproduzem como salienta Bellomo¹⁸⁵ “a geografia social das comunidades e definem as classes locais”.

Sendo assim, o governo patrocinou no cemitério da Santa Casa de Misericórdia¹⁸⁶ uma série de jazigos monumentais, dentre eles encontramos as lideranças da Brigada Militar, tendo como função: “reafirmar os valores políticos e também atendendo ao princípio positivista do culto cívico no líder e da conservação da sua memória, única imortalidade possível no ser humano”¹⁸⁷. Ainda verificamos que por muitos anos seguidos da morte destes heróis, as homenagens diante dos túmulos fizeram parte de um ritual em homenagem e lembranças, marcados por visitas, flores e discursos laudatórios, Bellomo salienta que “com o declínio do positivismo, este hábito desapareceu quase inteiramente”¹⁸⁸.

¹⁸³FÉLIX, op. cit., p. 151.

¹⁸⁴LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 1994, p. 477.

¹⁸⁵BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: Edipucrs, 2ª edição, 2008, p.13.

¹⁸⁶O cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre foi inaugurado em 1850 e é o mais antigo em atividade no sul do país. Atrás de seus muros encontramos mais de um século e meio de história, assim como obras de arte. A visita a este museu a céu aberto é uma verdadeira aula de história.

¹⁸⁷BELLOMO, op. cit., p. 20-21.

¹⁸⁸Idem, p. 21.

Castilhos tornou-se o mito necessário para legitimar o PRR e escolheu em vida, aquele que seria seu herdeiro político, Augusto Borges de Medeiros, mas para garantir a sucessão foi imprescindível a atuação da BM, que consolidou nos seus comandantes e principais benfeitores a imagem de heróis. Como seus comandantes gerais, o coronel Emílio Massot e o coronel Claudino Nunes Pereira, que foram mais do que administradores da força militar, foram os responsáveis pelas conquistas profissionais e pessoais dos brigadianos, já que se dedicaram em aprimorar a Brigada Militar.

3.2. Júlio Prates de Castilhos, o Patriarca

Júlio de Castilhos conseguiu reunir em torno de sua figura a imagem de um herói, que com o advento da sua morte, tornou-se um mito, que foi exaustivamente evocado pelos republicanos rio-grandenses nos momentos conturbados do cenário político do estado, “sendo utilizado como reforço da memória e conscientização do valor mítico [...] tendo como missão guiar os vivos”, função também adequada “à cosmovisão positivista regida pela máxima de que os vivos são guiados pelos mortos”¹⁸⁹, ideia que esta fixada no mausoléu em sua homenagem no cemitério no qual foi enterrado.

Júlio Prates de Castilhos tornou-se bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo em 1881 e após retornou para a capital gaúcha. Desde o início da sua vida acadêmica dedicou-se aos órgãos de imprensa, como o jornal acadêmico publicado em São Paulo, a República. Também participou em São Paulo do Clube Vinte de Setembro, que tinha como função primeira, estudar a revolução farroupilha e a história do Rio Grande do Sul.

Durante sua vida acadêmica e política, duas características se sobressaltaram: personalidade autoritária e pertinaz fidelidade ao programa traçado de antemão. Júlio de Castilhos tinha temperamento firme, dominante e ao mesmo tempo “revelava uma

¹⁸⁹FÉLIX, 1998, p. 149.

natureza reservada e profunda”¹⁹⁰. Os biógrafos de Castilhos concordam que estas características salientadas eram fruto de suas concepções políticas e filosóficas.

Apesar de Castilhos ter – como Assis Brasil diria depois – uma “ponderada e refletida ambição de governar e de mandar” e de não amar o poder pelo poder, buscando o controle da política na medida em que pudesse imprimir-lhe o rumo que julgava mais conveniente segundo suas convicções, o autoritarismo da personalidade chegou a criar-lhe inúmeros problemas e inimizades. Castilhos foi-se separando, progressivamente, de amigos e correligionários de valor, à proporção que se fazia impermeável às opiniões e posições políticas divergentes.¹⁹¹

O pensamento político de Júlio de Castilhos era guiado pelo Positivismo, que muito contribuiu para sua personalidade autoritária. Quando em 1883 ocorreu o primeiro Congresso do Partido Republicano Rio-grandense, Castilhos já começou a se firmar como uma das principais lideranças do partido. Em 1º de janeiro foi publicado o primeiro volume d’A Federação onde Castilhos não aceitou o cargo de redator-chefe e Venâncio Aires ficou a frente do órgão do PRR.

Ao longo de todo o ano de 1884, Castilhos desenvolveu intensa atividade jornalística e partidária. Participou, sem sucesso, de sua primeira campanha eleitoral, como candidato a deputado provincial, e desenvolveu uma radical campanha abolicionista nas páginas de “A Federação”.¹⁹²

Para Pindorama, Castilhos era inquestionavelmente um grande líder, o que contribuiu para sua mitificação, pois o consideravam um bom orador, destemido e sabia como comandar, sem ser questionado, saía-se bem nos debates políticos, podendo ser comparado com a figura do herói grego, Péricles: “demonstrava suas qualidades de grande homem e sua autoridade resultava de seu prestígio, de suas qualidades de espírito e sua integridade moral [...] o grande homem salta à frente na política, conduz

¹⁹⁰RODRIGUEZ, op. cit., p. 17.

¹⁹¹Idem, p. 18.

¹⁹²Idem, p. 24.

com mão férrea”¹⁹³, assim poderíamos denominar Castilhos ao ver de seus seguidores, principalmente, dentro da Brigada Militar.

No ano de 1889, Castilhos já exercia a liderança do PRR e ao ser proclamada a República este tinha plena consciência dos apoios que necessitava para chegar ao poder no estado, conseqüentemente indica para o cargo de Presidente do Rio Grande do Sul, o Visconde de Pelotas, amigo pessoal de Deodoro da Fonseca. Em novembro de 1891, o Marechal Deodoro da Fonseca dissolveu o Congresso Nacional e os opositores de Castilhos, que havia um no antes apoiado a candidatura do Marechal à presidência do país, constituíram uma comissão que exigiu a renúncia deste, argumentando que o presidente estadual em exercício não era confiável, tendo na figura de Assis Brasil um dos instigadores do movimento, “vendo que numerosas unidades militares tinham-se sublevado e apoiavam os rebeldes, Castilhos não resistiu e abandonou o cargo”.¹⁹⁴

Neste momento tivemos o Governicho, momento em que se passou a afirmar que eram os monarquistas tentando chegar ao poder, para logo após, instaurar a monarquia novamente, assim como revolucionários desorganizados e sem sentimentos pela pátria,

[...] os monarquistas do Rio Grande do Sul, pretextando não ser esta a republica federativa que eles sonharam, numa revira-volta de ideias, como quem busca de melhor jeito uma vitória ou a simpatia dos incautos, revestiram-se do ideal parlamentarista que seria fatalmente o primeiro passo para conseguirem a volta da monarquia ao Brasil.

À frente desse movimento restaurador, forçado, segundo dizem, pelas circunstâncias do momento, pôs-se o extraordinário e incomparável tribuno e ex-presidente do Rio Grande do Sul – o estadista imperial – Gaspar da Silveira Martins.

A face de admirável popularidade que gozava no seio da pátria, conseguiu ele levantar uma multidão de adeptos, formando então um verdadeiro exercito com que pretendeu apoderar-se do bastão governamental do Rio Grande para sustentáculo de outros Estados que quisessem acompanhá-lo nessa estupenda quão arriscada empresa.

A demagogia oposicionista chegou a tal grau de desespero que não houve, sequer, entre os agitadores, um homem capaz de conduzir suas ideias a um acordo efetivo [...].

Nem Gaspar Martins cuja palavra vibrante merecera sempre acolhimento nas plagas Rio-grandenses, não era mais ouvido.

¹⁹³OLIVEN, Ruben George. *Mitologias da nação*. In: FÉLIX, Loiva O; ELMIR, Cláudio. *Mitos e Heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998, p. 71.

¹⁹⁴RODRIGUEZ, op. cit., p. 24.

Achava-se à testa do governo do estado o insigne estadista Dr. Júlio Prates de Castilhos – patriarca do Rio Grande do Sul, de cuja terra foi excelso organizador [...].

Castilhos, como verdadeiro homem de Estado, que o foi, fitou serenamente a comissão, dirigiu-lhe a palavra franca e irredutível, valente e destemida, produzindo um discurso magistral em que disse que, para evitar efusão de sangue de seus compatriotas, entregava o governo à anarquia, porque, entre os membros da comissão não via a quem pudesse fazê-lo.¹⁹⁵

Entretanto não demorou muito para que houvesse uma reação Castilhista pela retomada do poder e devido aproximações com o governo de Floriano Peixoto e de guarnições do Exército estacionadas em Porto Alegre, o foi possível. Dentre as medidas castilhistas para evitar novas tentativas de derrubá-lo do poder, ele cria a Brigada Militar e inicia uma forte repressão contra os seus inimigos políticos, porém poucos dias após a volta de Júlio de Castilhos ao governo estadual, começou a ofensiva federalista (1893-1895).

Júlio de Castilhos foi mais que um político, ele

criou um modelo político que se perpetuou no Rio Grande mais de três décadas e que exerceu forte influxo no contexto da República Velha e posteriormente, revestido de algumas características peculiares que o diferenciavam do comtismo, provenientes, sem dúvida, das condições históricas do Rio Grande e do caudilhismo de Castilhos. Afinal de contas o *Sistema de Política Positivista* de Comte não passava de um modelo teórico, ao passo que os castilhistas realizaram na prática um regime político.¹⁹⁶

Ao final de seu governo, preocupou-se em deixar um herdeiro político, um sucessor e escolheu Augusto Borges de Medeiros. Porém continuou comandando o PRR até sua morte em 24 de outubro de 1903, devido à iminência de uma asfixia, tornando-se a partir de sua morte um mito, o grande herói da República Rio-grandense, merecedor de todo o tipo de homenagens e sendo um modelo a ser seguido. Lembrado com pesar sua morte, não apenas amigos e familiares sofreram com a perda, mas todo o

¹⁹⁵ OLIVEIRA, Antonio Dias de. *Pindorama*. Governicho – 17 de junho. Porto Alegre, v. 1, n.4, julho de 1926.

¹⁹⁶ RODRIGUEZ, p. 152-153. Grifo do autor.

Rio Grande do Sul, como podemos verificar na homenagem do coronel José Carlos Pinto Junior:

[...] A atmosfera sombria que envolveu todos os espíritos e abalou as mais equilibradas e fortes organizações, sente-se perdurar com a mesma intensidade, principalmente ao recordarmos, nesta data de luto rio-grandense, o primeiro aniversário do desaparecimento objetivo daquele que foi o portavoz convicto e denodado das mais puras e legítimas aspirações nossas.¹⁹⁷

Como o mito é uma criação que tem como função fazer lembrar e assim justificar um ideal a ser seguido, Júlio de Castilhos tornou-se o grande mito, como podemos verificar no texto em homenagem ao primeiro ano de sua morte:

Concebeu, como Danton, para a sua Pátria querida, a ordem e a mais ampla liberdade republicana, lemas pelos quais incessantemente e ardorosamente se bateu, conseguindo implantar na constituição de 24 de fevereiro os mais sãos e genuínos princípios da sua escola filosófica, que tinham sido a base de sua doutrinação, na imprensa e na tribuna das conferências, nos áureos tempos da saudosa propaganda.

[...] A contingência da inevitável morte natural, em plena paz, a hora do crepúsculo vespertino, nos arrebatou Júlio de Castilhos, o evangelizador das nossas crenças, o organizador másculo do sistema que nos felicita.

Esses dois vultos extraordinários que viveram em diferentes épocas, afastados pelas distâncias das idades e da vastidão dos mares que separam os continentes, o que não conseguiram cada qual ao seu tempo e ao seu meio em prol das respectivas nacionalidades, se tão cedo não fossem levados pela morte inclemente, ao escrínio carinhoso da história?! Os limites estreitos de documentos como este impedem considerações desenvolvidas, largos estudos historicamente comparativos, e nos limitam a homenagens justas que a Brigada Militar presta à memória do Grande Estadista, no momento em que todas as classes sociais, unidas, ligadas por laços de indissolúvel solidariedade, vão em romaria, ao túmulo sagrado que lhe guarda os restos, tributar-lhe respeitosa e sincera demonstrações de cultural apreço e inestimável consideração póstuma.¹⁹⁸

Castilhos passou a significar o grande herói republicano, sendo comparado pelo autor do texto em sua memória e homenagem ao revolucionário Danton¹⁹⁹, fazendo uma

¹⁹⁷PEREIRA, Miguel . *Esboço Histórico da Brigada Militar do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria Americana de Cunha, Rentzsch e C., 1917. Vol. 2, p. 71-72.

¹⁹⁸Idem.

¹⁹⁹Danton foi um dos nomes da Revolução Francesa, apoiou os jacobinos e como muitos integrantes da revolução, foi condenado à guilhotina.

analogia ao líder que lutou por um ideal. Percebemos que a morte de Castilhos abalou aqueles que confiavam em sua liderança, a própria Brigada Militar sofre com a perda daquele que denominam de “grande estadista”. Castilhos tornou-se um elemento de união para aqueles que apoiavam o PRR e por muitos anos, foi o nome evocado em situações de incertezas.



Túmulo de Júlio de Castilhos, no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, em Porto Alegre. Observe-se a representação da República desfraldando a bandeira do Brasil, seu rosto evidencia a tristeza pela perda do grande Patriarca e o traço positivista: Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos.

Fonte: Arquivo da autora.



Acima a República, que está sofrendo e ao mesmo tempo recordando o Herói Júlio de Castilhos. Este mausoléu encontra-se na entrada principal do cemitério, ao lado do monumento em homenagem ao senador Pinheiro Machado.

Fonte: Arquivo da autora.

A partir do mito Júlio de Castilhos, foi possível legitimar um herdeiro, no caso Augusto Borges de Medeiros, seguidor do herói da República Rio-grandense e que ficou à frente da Presidência do Rio Grande do Sul por mais de vinte anos.

3.3. Augusto Borges de Medeiros, o Herdeiro

Em 1895 recebeu de Castilhos a incumbência de comandar a Polícia do Estado como Chefe, neste tempo “o jovem advogado gozava da confiança do líder republicano; lembremos a importância que para o regime castilhista tinham os cargos relacionados com a segurança pública”²⁰⁰.

²⁰⁰RODRIGUEZ, op. cit., p. 59.

Da sua personalidade destacava-se a moralidade, o que foi bastante admirado por Castilhos e um dos fatores que levou que fosse o sucessor escolhido, João Neves da Fontoura já dizia:

Acima do que deixou – e foi imenso! – a característica dos governos do Sr. Borges de Medeiros residiu principalmente no sentido moral, com que administrou o Rio Grande, onde criou e manteve um padrão de decência, de limpeza, de retidão, de autêntica moral política [...] ²⁰¹.

Esta característica de Borges ficou evidente no final de sua vida, onde morreu modestamente, sem ter acumulado bens financeiros. Em 1898 assumiu a presidência do Rio Grande do Sul, sendo em 1903 reeleito por indicação direta de Castilhos e com a morte do grande líder, também passou a ser a principal liderança do partido.

Ao sair da presidência do Rio Grande do Sul em 1908, sendo substituído por outro republicano, ficou no comando do PRR e nos mandatos seguintes de 1913 até 1928 reelegeu-se sucessivamente, o que propiciou descontentamentos entre os opositores do Castilhismo e que levou à revolta de 1923, Rodriguez salienta que Borges conseguiu se manter no poder, “graças ao auxílio da Brigada Militar e dos Corpos Provisórios, que atuaram com perfeita fidelidade às diretrizes por ele traçadas” ²⁰².

Borges se destacou nos apoios aos presidentes nacionais durante as revoltas tenentistas, já que este mandava a BM em defesa dos governantes. Era recordado pela força militar com muito respeito devido às atenções e investimentos que fazia nesta, como salientou o comandante geral Claudino Nunes, ao frisar que “o eminente presidente do Estado a quem devia a melhor parte do sucesso da sua administração pelo honroso apoio e confiança que lhe dispensava” ²⁰³.

No ano de 1928 quando Borges estava para entregar a Presidência do estado, o comando geral da Brigada Militar, na figura do coronel Claudino Nunes Pereira,

²⁰¹FONTOURA, João Neves da. *Borges de Medeiros e seu tempo*. 1º volume. Porto Alegre: Globo, 1958, p. 02.

²⁰²RODRIGUEZ, op. cit., p. 59.

²⁰³*Pindorama*. Brigada Militar: o 2º aniversário do comando do Sr. Coronel Claudino Nunes Pereira. Porto Alegre, v. 2, n. 20, novembro de 1927.

juntamente com a oficialidade da capital e todos os comandantes de unidades da força, se dirigiram para o Palácio para prestar-lhe homenagens.

Em obediência a preceito constitucional V. Ex.^a dentro de poucos dias, isto é, a 25 do corrente mês, passará às mãos do seu ilustre sucessor a presidência do Estado.

Por tal motivo, a Brigada Militar presta a V. Ex.^a suas melhores homenagens.

Não é possível nos estreitos limites destas páginas mencionar, em todos os detalhes, os empreendimentos de vulto, a ação devotada e insuperável do governo de V. Ex.^a, consagrado com justiça, como benemérito pela clarividência, grande descortino e patriotismo com que foi realizado.

V. Ex.^a na sua longa jornada pública, devotou-se, inteiramente, ao serviço do Rio Grande e da República [...] Com relação à Brigada Militar, V. Ex.^a tem sido mais que o chefe e guia superior – o amigo carinhoso e interessado pelo seu bem estar e pelo seu progresso.

V. Ex.^a nunca regateou medidas que visassem a sua melhora material e moral: dotou-a de quartéis, instalações e aparelhamento moderno; proporcionou meios para o preparo intelectual e profissional dos seus oficiais e inferiores, o que tem cooperado grandemente para a eficiência dos quadros e da tropa; dotou-a de regulamentos administrativos e técnicos que orientam seguramente a sua administração e instrução; regulou, com justiça, vários assuntos importantes que, a cada passo, surgiam, dada a evolução da força, mormente a parte relativa à promoções de oficiais, problema delicado, que tem sido atendido com acerto e a contento.

Sempre a Brigada Militar encontrou no governo de V. Ex.^a boa vontade e o melhor apreço.

[...] Neste momento em que as armas estaduais se [...] para prestar as contingências do estilo ao novo e ilustre chefe do Estado, perpassava, em cada soldado da Brigada Militar, um tremido de emoção, traduzindo num sentimento expressivo o eloquente de saudade e de impercível gratidão ao eminente varão encanecido na ingente obra do governo, ao seu grande, dileto e respeitável amigo, que desce as escadas do Palácio cada vez mais engrandecido e prestigiado pela opinião pública do Rio Grande e do País.²⁰⁴

Quando se iniciou os preparativos para a Revolução de 1930, apesar de não concordar com a execução desta ação e ser levado a aderir devido às pressões exercidas pela ala jovem do PRR, que tinha como destaque Getúlio Vargas, Borges participou e empregou as fileiras da BM ao ato revolucionário. Ao apoiar a Revolta de 1932 em São Paulo marcou a dissolução do PRR e conseqüentemente seu domínio sobre o Rio Grande do Sul. Conseguiu se eleger para a Assembleia Constituinte em 1933 e 1934.

²⁰⁴*Pindorama*. A homenagem da oficialidade da Brigada Militar ao Dr. Borges de Medeiros. Porto Alegre, v. 2, n. 23, fevereiro de 1928.

Porém em 1937 com a instauração do Estado Novo, teve seu mandato na Assembleia anulado, fato que praticamente encerrou sua vida política, como nos coloca Rodriguez.

Ainda tentou restaurar o PRR em 1945, entretanto não obteve sucesso, o que o levou a abrigar-se na UDN. Morreu aos 97 anos de idade em 1961.



Túmulo de Augusto Borges de Medeiros no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia em Porto Alegre. Este jazigo pertence à família Dr. Sinval Saldanha. Podemos verificar que não recebeu a mesma pompa que Castilhos, já que quando morreu, já eram outros tempos políticos. A simplicidade de seu túmulo passou a justificar o mito de Borges: aquele que não enriqueceu por estar à frente do poder público e morreu na pobreza. Um exemplo de homem público.

Fonte: Arquivo da autora.

3.4. Coronel Affonso Emílio Massot, o Patrono

Nasceu na cidade de Pelotas em 16 de outubro de 1865, amigo de Castilhos e defensor do sistema republicano, conhecido como “republicano convicto, inabalável em suas ideias, inexcedível no seu ardor e lealdade. Deu arras da sua fé e do seu

destemor”²⁰⁵. Aos 24 anos ingressou na maçonaria e bastante jovem nas fileiras da Brigada Militar já como capitão, no ano de 1892, no 1º Batalhão de Infantaria. Participou da Revolução Federalista em 1893 fazendo parte de todos os combates, da Revolta do Contestado em 1914, onde um destacamento da BM dirigiu-se para proteger a fronteira do estado e evitar possíveis agitos no território rio-grandense, assim como da Revolta de 1923 onde se destacou por assessorar diretamente Borges de Medeiros e oficiais Superiores do Exército.

Assumiu o comando efetivo da BM em 1917 e sua admiração por Castilhos era tão forte, que um dos seus primeiros atos como Comandante Geral foi determinar a colocação de bustos de Júlio de Castilhos em todas as unidades da força, pois para este “não reconhecer um grande vulto da história rio-grandense, um grande administrador e político, seria falsear a história”²⁰⁶. Enfrentou ao lado do governo as greves entre os calceteiros em março e dos ferroviários em agosto, usando da força para “normalizar” a situação.

Em outubro de 1917 após o torpedeamento de navios brasileiros pelas forças alemãs, envolveu-se na defesa dos descendentes germânicos que passaram a ser atacados pela população da capital, numa série de atentados às propriedades destes. Massot preocupou-se em formar os integrantes da Brigada Militar, sendo o responsável pela criação de diversos cursos preparatórios, pois salientava que era de extrema importância os Oficiais e Sargentos terem conhecimento de diversas matérias de instrução intelectual, criando em 1918 o Curso de Preparação Militar. De acordo com Mariante, “o preparo intelectual, físico e profissional dos seus comandados sempre foi sua constante preocupação”²⁰⁷. Massot foi homenageado em diversas edições da revista, como a edição de outubro de 1926, em comemoração à data de sua morte:

²⁰⁵*Pindorama*. O 2º aniversário de falecimento do Cel. Affonso Emílio Massot. Porto Alegre, v. 2, n. 20, novembro de 1927.

²⁰⁶CORONEL, Audixford Almeida. *Sumário da vida e obra do Coronel Affonso Emílio Massot*: Patrono da Brigada Militar. Porto Alegre: Edições BM, 1987, p. 29.

²⁰⁷MARIANTE, op. cit., p. 145.

Passando a 21 do corrente, o aniversário do falecimento do Cel. Afonso Emílio Massot, saudoso Comandante Geral da Brigada Militar, a oficialidade dessa força resolveu comemorar condignamente essa data.

Na manhã desse dia, às 8:30 horas os oficiais e praças assistirão à missa mandada celebrar pela família do ilustre morto, na Igreja de Nossa Senhora das Dores e, após, em bondes especiais, irão ir ao cemitério, em visita ao seu túmulo.

Pela Brigada Militar, falará na necrópole o capitão Agenor Barcellos Feio, secretário do Comando. Uma banda tocará durante os atos.

“Pindorama” associa-se às homenagens acima referidas e, distribuirá aos romeiros, como lembrança, fotografias do pranteado chefe.²⁰⁸

Massot chegou a pedir exoneração do cargo de Comandante Geral em 1918, pedido que foi negado por Borges de Medeiros, sob a alegação de que “não podendo dispensar os bons serviços que vinde prestando no comando geral da Força Militar do Estado, em cujo exercício continuais a merecer-me inteira confiança, deixo de atender ao pedido de exoneração que formulastes em carta de hoje”²⁰⁹. Seus esforços de aperfeiçoamento dos quadros da BM chegaram até o Rio de Janeiro, quando em janeiro de 1920 retornam da Capital federal nove sargentos que haviam realizado o curso de Aperfeiçoamento de Instrução de Infantaria do Exército, fato que marcou a história da Brigada Militar, já que ficava evidente a relação entre Brigada Militar e Exército.

Quando da Missão Militar Francesa no Brasil (1919), Massot recebeu a visita do general Maurice Gustave Gamelin, herói da Primeira Guerra e que proferiu elogios a BM e sua organização. Podemos averiguar que a atuação foi além de participações bélicas, já que quando o então comandante coronel Telles de Queiróz tentou organizar uma reação ao pedido de Castilhos para que se exonerasse do cargo de Comandante Geral da Brigada Militar, através das tropas que comandava, Massot discordou da ação, assim como a denominou de criminosa insubordinação, já que respeitava e obedecia sem restrições àquele que era a primeira autoridade do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos. Chegou a receber o convite para candidatar-se ao cargo de senador, entretanto recusou o convite. Admirava Castilhos por apoiar o fortalecimento e organização da BM e, após a morte do Patriarca, salientou que,

²⁰⁸*Pindorama*. Porto Alegre, v. 1, n. 7, outubro de 1926.

²⁰⁹BRILHANTE, Ismael O. *No ápice da Glória: Heróis da Brigada Militar*. Porto Alegre: AGE, 1979, p. 51.

Não teve a Brigada Militar maior amigo do que o inesquecível morto, ninguém mais do que ele dispensou-lhe tantas e maiores provas de afeto e carinho [...]. Uma das atribuições da Brigada Militar, de acordo com o Regulamento de 22 d outubro de 1892, era o “mantenimento da República e do Governo do Estado”, o que explica os tradicionais laços de amizade que a Brigada Militar mantinha com o Dr. JÚLIO DE CASTILHOS.²¹⁰

Um dos grandes sonhos de Massot era uma aviação própria da Brigada Militar, que conseguiu realizar em 1923 devido a revolta assisista. Entretanto este serviço teve vida efêmera. Quando iniciaram as revoltas tenentistas em 1924, Massot organizou um Grupo de Batalhões de Caçadores (GBC) para atuar em São Paulo, na defesa do governo federal. Porém, mal este GBC regressou de São Paulo e encontrou no Rio Grande do Sul o movimento liderado por Luiz Carlos Prestes. Neste momento Massot ocupava o cargo de Comandante Geral da Brigada Militar, e organizou as tropas da força para auxiliarem o Exército na perseguição dos rebeldes, assim como para garantir a ordem política no estado. Morreu em 21 de outubro de 1925, sendo lembrado como um homem que dedicou os últimos anos de sua vida pública ao Rio Grande do Sul, à República e a ordem legal, zelando sempre pela Brigada Militar.

Massot tornou-se um herói para a instituição, “uma legenda histórica para a Brigada Militar, que ele amou com orgulho; a ela dedicou sua vida, esse Brigadiano filho de si mesmo; obra de sua própria força, criação de seu próprio caráter”²¹¹. Logo, passou a ser exaustivamente recordado pela força, principalmente nos momentos de dúvidas sobre os rumos políticos do estado, assim como do país, sendo a data de sua morte, um marco para recordar o grande herói e lembrar-se do legado que deixou para a Brigada Militar.

[...] E chorando a sua morte, chorou também o Rio Grande.

[...] Affonso Massot, não morreu totalmente, porque ficou para sustentá-lo a sua sombra veneranda, um passado que vale por um tesouro, um nome que vale por uma conquista.

Por seu valor, lealdade e patriotismo incorporou o seu nome à História do Rio Grande e reverenciada a sua memória.

Procuremos imitá-lo no desdobramento de sua vida como soldado, republicano e cidadão, relíquia viva de virtudes.

²¹⁰CORONEL, op. cit., p. 27. Grifo do autor.

²¹¹Idem, p. 45.

[...] Debaixo deste monumento jaz apenas a armadura do soldado. Despindo-a, Affonso Massot, alou-se espiritualizado e vive no âmago dos nossos corações.

Esta manifestação piedosa de uma eloquência muda, falará ás gerações futuras, formando-se em torno de sua imperecível memória um culto de profundo respeito, brilhando com mais vigor longe de desbotar a medida que o tempo se sucede.

[...] Vaidoso da força que comandava, orgulhoso dos seus subordinados, tinha a lhe aureolar a fronte a certeza de que a Brigada Militar não mentia à confiança do Rio Grande.

Quando foi do movimento de 23 em que a política de – pura arte de construção no vácuo – perturbou o nosso Rio Grande no seu surto imenso, na paz do seu lar, Affonso Massot, prevendo e prevenindo, foi o infatigável, o dedicado e o leal de sempre na defesa da ordem e da legalidade ele via no Rio Grande encarnado em Borges de Medeiros, - o extraordinário varão de – solidez de estrutura de caráter e grande lastro de escrúpulos na consciência.

A sua trajetória na Brigada foi uma das mais brilhante que ela há tido – A sua administração foi impecável – E, para tanto dispenso-me de apreciá-la.

Esta na consciência de todos os da Brigada Militar.

Descansa em paz – o Rio Grande e a Brigada Militar, agradecidos, estortejantes, genuflexos, a beira de tua campa, com respeito e ternura, te pranteiam vivendo o seu grande infortúnio – Se é que me ouves – Paz.²¹²

Em 20 de outubro de 1953 o então Comandante Geral da BM, coronel Venâncio Batista propôs que Massot fosse nomeado Patrono da Brigada Militar, devido a tantos serviços prestados, assim como por ter sido o primeiro comandante da força a pertencer diretamente a ela. Em comemoração ao seu 28º aniversário de morte, foi instituído por Decreto, que Massot ocuparia o posto de Patrono da Brigada Militar²¹³.

²¹²*Pindorama*. O 2º aniversário de falecimento do Cel. Affonso Emilio Massot. Porto Alegre, v. 2, n. 20, novembro de 1927.

²¹³Todos os anos, no mês de novembro data de aniversário da BM, diversas homenagens são realizadas diante do túmulo de Massot.



Túmulo do Coronel Affonso Emílio Massot – Patrono da Brigada Militar – no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia em Porto Alegre. Observem-se as características: faixas de louro e carvalho; saudade depositando flores sobre as insígnias do Cel (símbolo que foi furtado). Todas as honras que um Herói deve ter.

Fonte: Arquivo da autora.

3.5. Coronel Claudino Nunes Pereira, o Benfeitor

Nasceu na cidade de São Luiz Gonzaga, em 6 de janeiro de 1872. Serviu nas forças civis sob o comando de Pinheiro Machado em 1891 e posteriormente na coluna da Divisão do Norte, durante a revolução federalista, como ajudante de ordens e ingressando na Brigada Militar em junho de 1893, onde combateu as forças revolucionárias de Gumercindo Saraiva.

Em 1896 foi promovido ao posto de tenente; atuou na defesa das fronteiras do estado durante a revolta do Contestado (1914) e na revolta Assisista (1923) quando alcançou o posto de coronel. No ano que iniciou a Coluna Prestes, logo após o envio do GBC a São Paulo, ficou aguardando as ordens para marchar com seu comando do 1º Regimento de Cavalaria, ação que logo foi necessária.

Pindorama rememora,

perseguiu a coluna rebelde comandada pelo capitão Prestes até os Estados de Santa Catarina e Paraná, cujos sertões atravessou, suportando galhardamente, com sua tropa, disciplinada e aguerrida, as duras privações e pesados sacrifícios impostos pelo absoluta falta de recursos naquelas longínquas e impérvias regiões [...] do que foi sua ação eficiente e brava.²¹⁴

Com a morte de Massot em outubro de 1925 foi nomeado pelo governo do Rio Grande do Sul como comandante geral da Brigada Militar, devido a sua trajetória dentro da força. Para Pindorama era,

personalidade de inconfundível destaque, pelas altas qualidades de administrador, que pôs em evidencia como intendente de vários municípios do Estado, e pela sua grande competência profissional, posta à prova nos prélios cruentos de 1923-24-25, em que se salientou como perfeito chefe militar, de tenacidade inquebrantável e valor espartano – estava o sr. coronel Claudino virtualmente indicado para substituir, com justeza, o saudoso coronel Massot no alto comando da Força Estadual.²¹⁵

Uma das suas primeiras ações ao assumir o comando foi em 29 de outubro do mesmo ano, viajar até o Uruguai e Argentina para “promover” o regresso dos envolvidos nos levantes tenentistas e que estavam refugiados nestes países.

Ficou conhecido como um homem devotado ao bem comum, que tinha facilidade em fazer amigos e por eles ser admirado, conforme registros de Pindorama:

Entre as virtudes que caracterizam a sua individualidade, a nobreza do caráter e a generosidade do coração fazem dele o homem estimadíssimo na sociedade, sem distinção de credos políticos. São tradicionais os seus sentimentos de humanidade para os prisioneiros ou feridos, na guerra, e o seu cavalheirismo, na paz, para com os quais conta, até, dedicados amigos.²¹⁶

²¹⁴Pindorama. Justa Homenagem. Porto Alegre, v. 1, n. 3, junho de 1926.

²¹⁵Idem.

²¹⁶Idem.

Assim como seu antecessor, Claudino preocupava-se com o crescimento e desenvolvimento da Brigada Militar, fato que era visível no 2º ano de comando quando se iniciou a construção do Novo Quartel General, assim como as promoções que passaram a ser realizadas, os serviços de telégrafo sem fio que foram instaurados e o melhoramento do programa do curso de preparação militar,

[...] graças ao seu espírito eminentemente empreendedor e resoluto, a Brigada Militar terá, dentro em breve, o seu novo Quartel General, alteroso, solido e amplo edifício, que está sendo construído de acordo com os preceitos da moderna arquitetura, melhoramento esse que, por si só, bastaria para assinalar a benemerência da administração do sr. Coronel Claudino, se por outros tantos títulos ele já não houvesse conquistado aquele justo conceito.

[...] face do seu poderoso comando, ocorre-nos, de logo, como medida de alta finalidade, a regulamentação das promoções e graduações de oficiais, que, incontestavelmente, veio solucionar o problema transcendental da força do Estado, pois, tem, antiguidade, assim como a graduação no posto imediato quando atingiam o nº 1 de sua classe, do mesmo modo que concorrerem ao acesso por merecimento, a juízo de uma *Comissões de Promoções*, constituída de oficiais superiores, comandantes de unidades, e do chefe dos instrutores.

Voltou suas vistas, também, o infatigável comandante, para o preparo intelectual e técnico de seus oficiais e inferiores, melhorando o programa de ensino do *Curso de Preparação Militar*, com a adoção de novas matérias letivas e desobrigando os alunos das funções da caserna, para que os mesmos se dediquem exclusivamente ao estudo acurado e rigoroso de todas as disciplinas, durante os dois e meio anos de curso.

Outro importante melhoramento [...] foi a instituição do serviço de T.S.F, mandando instalar estações no Quartel do Comando, no Grupo de Metralhadoras e no Quartel do Cristal, devendo serem instaladas, ainda, dentro em breve, as estações das unidades aquarteladas no interior do Estado, assim como é pensamento do ilustre chefe distribuir, também, às unidades, estações portáteis, para os serviços de campanha.²¹⁷

Investiu no setor de assistência social da Brigada Militar, criando o IBCM, que ao olhar da instituição foi o ponto mais alto do seu comando devido à assistência prestada á família brigadiana. Atualmente este instituto oferece serviços médicos para a BM. Dentre as suas preocupações havia a questão da moradia dos oficiais e praças, tendo iniciado à construção de casas de aluguel com preços acessíveis, assim como com os salários destes,

²¹⁷*Pindorama*. Brigada Militar: o 2º aniversário do comando do Sr. Coronel Claudino Nunes Pereira. Porto Alegre, v. 2, n. 20, novembro de 1927. Grifos do autor.

[...] Não parou ai, ainda, a atividade construtora do ilustre comandante, pois S. S. cogita, - e já mandou fazer os necessários estudos -, da construção de casas para residências de oficiais, nas imediações dos quartéis da capital, ou seja na Chácara das Bananeiras, na Baronesa do Gravataí e no Cristal, melhoramentos que pretende estender, também as localidades do interior onde tem sede fixas varias unidades da Brigada Militar.

Por fim, não podemos, também, deixar de aludir ao grande interesse que o sr. Coronel Claudino dedicou ao assunto de vencimento de oficiais e praças, elaborando nova tabela que foi aprovada pelo Governo do Estado.²¹⁸

Ainda em vida, tornou-se para a Brigada Militar, um verdadeiro herói, merecedor de honras e modelo a ser seguido:

[...] um chefe militar distinto, bem intencionado, cioso do alto cargo que desempenha com superior critério; que tem pela Brigada Militar arraigado e sincero afeto, porque a ela dedicou o melhor de sua existência, entrando para suas fileiras em plena mocidade e galgando, um a um, todos os postos da hierarquia militar, desde o de simples tenente até o de coronel comandante geral, que hoje ocupa com tanto brilho e nobreza.

[...] Brigada Militar, que deseja tê-lo por muito tempo à frente de seus destinos.²¹⁹

Evidenciamos que a relação estreita e de apoio com o Exército continuou por longo tempo, já que na administração do Claudino ainda havia a

leal, inteligente e importante colaboração da missão instrutora, composta de ilustres oficiais do glorioso Exército Nacional, à cuja frente, como chefe, se acha o tenente-coronel Emílio Lúcio Esteves que, com a sua brilhante competência e grande concentração ao trabalho, lhe prestava poderosa colaboração.²²⁰

Logo quando iniciaram os levantes das guarnições do Exército, empregou as forças da BM para contê-las ao longo do ano de 1926 e 1927. Também atuou em alguns embates durante a revolução de 1930. Claudino Nunes logo se tornou um herói dentro da Brigada Militar, devido suas ações militares, como também por suas ações como

²¹⁸*Pindorama*. Brigada Militar: o 2º aniversário do comando do Sr. Coronel Claudino Nunes Pereira. Porto Alegre, v. 2, n. 20, novembro de 1927.

²¹⁹Idem.

²²⁰Idem. Trecho do discurso de Claudino Nunes em agradecimento pelas homenagens ao aniversário de seu comando.

comandante geral, sendo reconhecido e saudado pela revista Pindorama: “O Estado e a Pátria lhe devem serviços de alta valia, quer na laboriosidade fecunda da paz, como nas agruras da guerra. Pindorama sauda-o respeitosamente e com sincero afeto”²²¹.

Seguidamente era homenageado pela Pindorama, por apoiá-los, como podemos observar no trecho em comemoração ao aniversário da revista,

[...] O ilustre e honrado coronel Claudino Nunes Pereira, Comandante Geral da Brigada Militar, espírito inteligente e culto, compreendendo perfeitamente, o real valor da imprensa bem orientada, abraçou, com entusiasmo a nossa causa, e após solicitar a aprovação do Governo do Estado, o que nos valeu o despacho supra-citado, não há poupado esforços em cercar-nos do seu amparo.²²²

Quando em 1932 estourou em São Paulo a Revolução Constitucionalista, acabou por divergir do então governador Flores da Cunha, fato que o levou a afastar-se do comando da Brigada Militar, já que não concordava em a BM auxiliar o governo de Vargas em conter os revoltosos paulistas. Em setembro deste mesmo ano foi transferido para a reserva. Faleceu em Porto Alegre em 17 de junho de 1945 aos 73 anos de idade.

²²¹*Pindorama*. Brigada Militar: o 2º aniversário do comando do Sr. Coronel Claudino Nunes Pereira. Porto Alegre, v. 2, n. 20, novembro de 1927.

²²²*Pindorama*. Porto Alegre, v. 2, n. 13, abril de 1927.



Túmulo do coronel Claudino Nunes Pereira, no cemitério São Miguel das Almas – em frente ao cemitério da Santa Casa – conseguimos visualizar sua foto em destaque, entretanto as legendas praticamente apagadas pelo tempo e pela falta de conservação, com os dizeres “saudades de tua esposa e filhos”. Observa-se uma bordadura de flores em mármore nas laterais e face superior. Por ser um túmulo de gaveta, este é um pouco difícil de localizar, o que nos indica que este herói é lembrado, entretanto, não exaltado.

Fonte: Arquivo da Autora

A Brigada Militar elencou seus heróis, aqueles que deveriam ser evocados nos momentos de incerteza, nos momentos em que havia necessidade de união em nome de um mesmo objetivo. Os heróis que a revista salienta, foram os que estiveram à frente do comando desta ou do estado e seus nomes são recordados na revista, justamente num momento de incerteza e disputa política e ideológica. Castilhos tornou-se um mito, devido a todos os seus feitos como presidente do estado e por sua capacidade de moldar um pensamento político. Borges de Medeiros foi o escolhido e por dar continuidade na forma de governo castilhista e fortalecimento da Brigada, tornou-se um modelo vivo a ser seguido e honrado. O coronel Massot por seus serviços prestados e exemplo de

militar, não demorou em ter seu nome lembrado como herói e foi denominado Patrono da Brigada Militar. O então coronel Claudino Nunes, lembrado como benfeitor, destacou-se pela dedicação como comandante e passou a ser homenageado por seus colegas de farda, que o viam como alguém dedicado pelo bem comum.

Ao ter um herói para se inspirar, para lembrá-los de sua missão, Pindorama estava tentando lembrar os grandes feitos da Brigada Militar num cenário de dúvidas que permeavam a política estadual e nacional, já que o mandato de Borges de Medeiros se encaminhava para o fim e de acordo com o Tratado de Pedras Altas, teria de indicar alguém para ser seu sucessor, era muito incerto o futuro.

Buscou-se neste capítulo mostrar a trajetória das lideranças da BM, assim como de que modo estes foram transformados em heróis e mistificados pela revista ao longo de sua publicação e de que maneira, mesmo após a morte destes, continuaram vivos na memória e guiando os rumos políticos que o estado seguiria. Não restaram dúvidas sobre a importância política que desenvolveram estes líderes, assim como o papel de destaque para a Brigada Militar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste estudo foi reconstituir a história da Brigada Militar do Rio Grande do Sul a partir das páginas da revista Pindorama, que circulou de 1926 até 1928. A Brigada Militar teve papel de fundamental importância para a organização do estado, assim como para as estruturas republicanas que se consolidaram no Rio Grande do Sul. A partir das páginas desta revista foi possível observar que esta instituição exerceu uma função maior da que até então encontramos registrado nos estudos de história do Rio Grande do Sul, assim como do próprio país, já que esta atuou de maneira decisiva na revolução de 1930 e contribuiu para a defesa de Vargas na revolta Constituinte de 1932 em São Paulo.

A Brigada Militar foi criada aos moldes do Exército nacional, com o qual teve, ao longo da Primeira República, estreita relação, principalmente devido à sua Missão de Instrução, que formou a concepção do *ethos militar* na força, assim como comandou esta nos primeiros anos de sua existência. Devemos ressaltar que inúmeras foram as contribuições do Exército a partir desta missão, já que alguns princípios deste se plasmaram na cultura brigadiana e ainda perduram na instituição. A Brigada Militar foi moldada pela filosofia castilhista, que era inspirada no pensamento positivista de Auguste Comte. De acordo com o pensamento castilhista o Estado deteria todo o poder, não tendo espaço para a liberdade, ou seja, o autoritarismo guiando a política.

Para desenvolver a pesquisa foi fundamental compreender o papel da imprensa como fonte histórica, sendo assim dissertamos sobre a trajetória da imprensa, seu uso como fonte histórica, quando e como surgiu no Brasil e a influência que ela passou a exercer sobre a sociedade. Influência que consideramos bastante importante, que levou alguns membros da BM criarem periódico próprio, com caráter institucional, para circular entre a família brigadiana e amigos, debatendo sobre diferentes assuntos e retomando alguns preceitos da força.

A revista ao longo de suas 31 edições, focou na análise histórica do Rio Grande do Sul, nas disputas políticas e consequências bélicas. Verificamos que o culto aos heróis, tanto dos comandantes em chefe, nas figuras de Júlio Prates de Castilhos e Augusto Borges de Medeiros, assim como dos primeiros comandantes gerais oriundos

das fileiras da BM, coronel Affonso Emílio Massot e coronel Claudino Nunes Pereira era realizado constantemente, já que a revista considerava necessário recordar os heróis que deram a vida por um ideal e assim não permitir que se perdessem suas concepções.

A Brigada Militar foi criada antevendo um conflito armado de disputa pelo poder do governo do Rio Grande do Sul, em um momento que em todo o país, era possível observar disputas pela hegemonia política. Sendo assim, quando Júlio de Castilhos chegou ao poder, organizou uma estrutura governamental, que tinha como grande sustentador a BM, já que os integrantes desta se identificavam com o regime republicano, assim como viam na figura de Castilhos o grande líder, ou nas palavras destes, o Patriarca.

Castilhos foi considerado o Patriarca devido ter estado à frente da criação da Brigada Militar, assim como pela importância que ele deu a esta força durante seu governo. Não foram poucos os investimentos econômicos e bélicos: armamentos; formação militar e intelectual; quartéis e remuneração. Os investimentos nesta força foram constantes, conforme conseguimos observar nos relatórios de Estado, ação que fortaleceu o papel mitológico de Júlio de Castilhos, que se tornou, nas páginas da Pindorama, um verdadeiro mito na história do Rio Grande do Sul, assim como o herói que organizou e modelou o estado, a partir de suas concepções.

Sendo assim, os integrantes da BM identificavam na figura de Júlio de Castilhos e posteriormente em Borges de Medeiros, a ordem e progresso que a República se comprometera trazer para o país. Entretanto havia uma oposição ao Castilhismo, inicialmente na liderança de Gaspar Silveira Martins e posteriormente em Assis Brasil. Esta oposição viu como única forma de derrubar o governo castilhista, iniciar uma revolução, sendo assim, em 1893 ocorreu uma das mais sangrentas lutas no solo gaúcho, onde por ambas as partes usaram da degola como grande estratégia.

Ocorre que neste momento, Castilhos já tinha a máquina pública em suas mãos e contava com o apoio do governo federal – que na realidade, preferia não intervir nesta luta armada. Depois de mais de dois anos de incansáveis batalhas, os maragatos, como ficaram conhecidos estes rebeldes, acabaram por se exilar no Uruguai.

Ao sair da presidência do Rio Grande do Sul, Castilhos deixou um herdeiro político para dar continuidade ao seu projeto político e à sua obra republicana, Borges de Medeiros, que inspirado no grande mito e Patriarca, governou o estado por mais de 15 anos consecutivamente. Devido à inexistência democrática, logo uma oposição se levantou em armas novamente para tentar fazer frente à ditadura castilhista-borgista, sendo assim, em 1923 sob a liderança de Assis Brasil, iniciou um movimento armado contra o governo de Borges, que contava com o poder e organização da sua força bélica, a BM, que passou a perseguir e combater os revolucionários, dando fim a mais uma tentativa de tirar do governo das mãos do PRR.

Com o acordo de paz assinado em dezembro de 1923 ficou estabelecido que Borges não poderia mais se candidatar ao final de seu mandato, assim este também se preocupou em ter um sucessor e acabou por decisão do PRR escolhendo como sucessor Getúlio Vargas, que destoava bastante politicamente dele, já que Vargas sempre fora conciliador. Nos anos que se seguiram o estado enfrentou algumas agitações políticas dentro dos quartéis do Exército instalados no Rio Grande do Sul, devido aos movimentos tenentistas que suscitavam o pegar em armas para resgatar o ideal da República que fora proclamada em 1889 e havia sido ao ver destes militares traído.

Novamente o governo estadual se utilizou da Brigada Militar, seu braço armado e fiel para conter estas revoltas e por vezes, esta ainda prestou auxílio ao governo federal, mandando tropas para os demais estados da federação. As agitações políticas foram constantes e se instauravam incertezas sobre os rumos do país que passava por dificuldades econômicas e investia massivamente no principal produto de exportação, o café, beneficiando assim, o principal produtor, São Paulo.

Estes momentos de dúvidas foram capitalizados dentro da BM e a partir do seu periódico buscou-se recordar à força sobre sua verdadeira missão, assim como quem eram os verdadeiros heróis e modelos a serem seguidos, assim como frisavam quem era o principal inimigo da República Rio-grandense, Assis Brasil.

Ao longo do trabalho tentou-se mostrar as diretrizes que guiavam a BM, assim como o poder bélico e organizacional com que contava, mostrando que a força era um verdadeiro Exército Regional, fortemente armado e treinado, em defesa do ideário

republicano, tendo como inspiração Júlio de Castilhos e aqueles que foram seus fiéis seguidores, como Borges de Medeiros, Affonso Massot e Claudino Nunes.

Conhecemos sobre a tentativa da organização de uma aviação própria, fato que demonstra a forte organização e poder da BM no período, assim como a visão militar que tinham, já que quando se instalou no país os debates sobre a importância deste meio de transporte e arma militar, a Brigada Militar também teve projetos para uma aeronáutica, visando proteger o território, como também estar preparada com uma arma forte e moderna contra aqueles que fossem contra o regime do PRR.

Assim como politicamente se fez necessário eleger os heróis, militarmente não o foi diferente. Assim, dentro de pouco tempo, criou-se em torno da figura de Affonso Massot um modelo a inspirar a Brigada, já que este muito jovem ingressou nas fileiras da força e dedicou a ela a própria vida. Participou das principais lutas armadas e, posteriormente como comandante dedicou-se a fortalecer a instituição. Quando morreu, tornou-se um verdadeiro herói, modelo a ser seguido e venerado por todos que pertencem a Instituição.

Claudino Nunes foi o substituto de Massot à frente do comando da Brigada, dando prosseguimento aos projetos do que então futuramente viria a tornar-se o Patrono da Brigada Militar, e possibilitou um crescimento organizacional forte e visível para a instituição. Este esteve à frente do comando até o governo de Flores da Cunha, quando vai para a reserva por não concordar com ações bélicas usando a BM para garantir o governo Vargas.

A atuação política da Brigada pode ser observada pela exaltação de defesa do sistema republicano, assim como por “pegar em armas” para defender a ideologia Castilhista. Foi fundamental para que o PRR se mantivesse no poder ter tido a Brigada como defensora da ordem estabelecida. Esta, ao longo da Primeira República, exerceu função de Exército estadual e caracterizou-se por ser invicta, causando grande temor nos que pretendessem tornar-se oposição. Deste modo, a revista surgiu num contexto de declínio do PRR, já que Borges de Medeiros não tinha elegido um sucessor que seguisse sua política, como fora feito por Castilhos, assim como as mudanças políticas e econômicas no país davam indícios de fortes mudanças.

As incertezas sobre os rumos políticos do estado no final do governo de Borges ganhavam cada vez mais espaço, assim como quais seriam os rumos do PRR e conseqüentemente do país, essas dúvidas fizeram dois jovens tenentes, integrantes da cúpula militar da Brigada Militar, fundarem Pindorama e retomarem a história da instituição e reforçarem a importância bélica desta, numa tentativa de fortalecer o PRR diante dos integrantes da BM e até mesmo da população.

Conclui-se que revista foi uma operação estratégica desenvolvida possivelmente com o aval do PRR, de quem toda cúpula, era participante. Assim como, também pode ter sido criada ou ter sido articulada pelos oficiais comandantes e estar enquadrada dentro de um planejamento do próprio ex-comandante coronel Afonso Massot, que morrera cinco meses antes e de quem o seu sucessor coronel Claudino Nunes era amicíssimo e apoiou veemente a publicação. Pindorama retratou a participação direta da oficialidade superior da BM, no processo de poder político, daquele período.

A Brigada Militar foi decisiva nos embates de 1893, 1923, movimentos tenentistas, revolução de 1930 e revolta constituinte de 1932. Logo depois de decretado o golpe do Estado Novo, as polícias foram federalizadas, o que mudou bastante o poder bélico da BM, assim como sua função, já que esta representava grande perigo para os rumos políticos do governo Vargas. A partir deste momento, não apenas a Brigada Militar passaria por drásticas mudanças, mas todo o país, tema que se abre para novos estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AITA, Carmen S. A. *Liberalismo e República: O pensamento político de J. F. de Assis Brasil*. 2006. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.
- ANDRADE, Joaquim M. F. de. *Do gráfico ao foto-gráfico: a presença da fotografia nos impresso*. In: CARDOSO, Rafael (Org.). *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960*. São Paulo: Cosacnaify, 2005.
- ANDRADE, Roberto Pereira. *História da Construção da Aeronáutica no Brasil*. São Paulo: Aquarius, 1982, v. 1 - (Série Tecnologia e Defesa).
- BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: Edipucrs, 2ª edição, 2008.
- BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social*. Enciclopédia Einaudi. Porto: Imprensa Nacional. Casa da Moeda, 1986.
- BARBOSA, Marialva C. *Meios de comunicação e história: um universo de possíveis*. In: RIBEIRO, Ana Paula G; FERREIRA, Maria A. (orgs.). *Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à internet*. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- BRILHANTE, Ismael de Oliveira. *No ápice da glória: Heróis da Brigada Militar*. Porto Alegre: AGE, 1979.
- BUITONI, Dulcília S. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986.
- BURKE, Peter. *A comunicação na História*. In: RIBEIRO, Ana Paula G.; HERSCHMANN, Micael (orgs.). *Comunicação e história: interfaces e novas abordagens*. Rio de Janeiro: Mauad X: Globo Universidade, 2008.
- CABEDA, Coralio B. Pardo. *A Missão de Instrução do Exército na Brigada Militar do Rio Grande do Sul (1909-1932)*. In: Revista Defesa Nacional, out/dez, 1991.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *A Imprensa periódica como fonte para a história do Brasil*. In: PAULA, Eurípedes Simões de (org.). *Anais do V Simpósio Nacional dos professores universitários de História*, São Paulo: Seção Gráfica da FFLCH/USP, vol. II, 1971.

- CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: a Polícia da era Vargas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª edição, 1994.
- CAPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Ligia. *O bravo matutino*. Imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: Alfa-Omega.
- CARONE, Edgar. *A República Velha II – Evolução Política (1889-1930)*. 4ª ed. São Paulo: Difel, 1983.
- CASTRO, Celso. *Exército e nação: estudos sobre a história do exército brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV, 2012.
- CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vítor; KRAAY, Hendrick (orgs.). *Nova História Militar Brasileira*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios*. São Paulo: Edusc, 2005.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Ensaio Racionalistas*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- CARNEIRO, Newton Luis G. *A identidade inacabada: o regionalismo político no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.
- CARVALHO, José Murilo de. *Forças Armadas e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CERONI, Giovanni C. *A Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha nas páginas do jornal Correio do Povo e A Federação*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1988.
- CHIARELI, Clarice Pavan. *A imprensa como fonte histórica para o estudo da escola na Primeira República*. Educação e Fronteiras, Dourados, v.1 (2), julho/dezembro 2007, p. 118-137.
- CORONEL, Audixford Almeida. *Sumário da vida e obra do Coronel Affonso Emílio Massot: Patrono da Brigada Militar*. Porto Alegre: Edições BM, 1987.
- COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. 8ª ed. rev. e ampliada. São Paulo: Unesp, 2007.
- DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (orgs.). *RS: Economia e Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.
- D’ALESSIO, Márcia M. e JANOTTI, Maria de Lourdes M. *A esfera do político na produção acadêmica dos programas de pós-graduação (1985-1994)*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 9 (17), 1996, p. 123-149.

- DE LUCA, Tania R. de. *A Revista do Brasil (1916-1944): notas de pesquisa*. In: FERREIRA, A. C.; BEZERRA, H. G.; LUCA, T. R (orgs.). *O historiador e seu tempo*. São Paulo: Unesp, 2008.
- DE LUCA, Tania R. de. *A Revista do Brasil: Um diagnóstico para a (N) ação*. São Paulo: Unesp, 1999.
- DE LUCA, Tania R. de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla B (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- DIEHL, Astor Antônio. *A cultura historiográfica brasileira nos anos de 1980: experiências e horizontes*. 2ª ed. Passo Fundo: UPF, 2004.
- FALCON, Francisco J. C. *História e Poder*. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12ª ed. São Paulo: USP, 2004 – (Didática I).
- FAUSTO, Boris. (org.). *História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano, Sociedade e Instituições*. Rio de Janeiro: Difel/Difusão Editorial, 1977, V. 2.
- FÉLIX, Loiva Otero. *Coronelismo, Borgismo e Cooptação Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- FÉLIX, Loiva Otero; ELMIR, Cláudio P. (orgs.). *Mitos e Heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: UFRGS, 1998.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *A nova “velha história”: o retorno da História Política*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, nº 10, 1992, p. 265-271.
- FILHO, Arthur F. *Revoluções e Caudilhos*. Porto Alegre: Querência, 1963.
- FLORES, Moacyr. *Dicionário de história do Brasil*. 2ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.
- FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. 8ª ed. Porto Alegre: Ediplat, 2006.
- FONTOURA, João Neves da. *Borges de Medeiros e seu tempo*. 1º volume. Porto Alegre: Globo, 1958.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos e sua época*. 4ª ed., Porto Alegre: UFRGS.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (coords.); RECKZIEGEL, Ana Luiza S.; AXT, Gunter (dirs.). *República Velha 1889-1930*. Passo Fundo: Méritos, 2007, - v.3 t.1 – (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (coords.); RECKZIEGEL, Ana Luiza S.; AXT, Gunter (dirs.). *República Velha 1889-1930*. Passo Fundo: Méritos, 2007, - v.3 t.2 – (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

GOMES, Angela de Castro; PANDOLFI, Dulce Chaves; ALBERTI, Verena (orgs.). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 2002.

HILÁRIO, Janaína Carla S. Vargas. *História política – cultura política e sociabilidade partidária: uma proposta metodológica*. História Unisinos, São Leopoldo, 10 (2), maio/agosto 2006, p. 142-153.

INCAER. *História Geral da Aeronáutica Brasileira*. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1988.

JULLIARD, Jacques. *A Política*. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (orgs.). *História: novas abordagens*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves: 1988.

KARNIKOWSKI, Romeu Machado. *De exército estadual à polícia-militar: o papel dos oficiais na “policialização” da Brigada Militar (1892-1988)*. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 1994.

LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, 1983.

LOVE, Joseph. *O Regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

MAESTRI, Mário. *Breve História do Rio Grande do Sul: da Pré-História aos dias atuais*. Passo Fundo: UPF, 2010.

MARIANI, Bethania. *Imprensa, produção de sentidos e ética*. In: RIBEIRO, Ana Paula G; FERREIRA, Maria A. (orgs.). *Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

MARIANTE, Hélio Moro. *Crônica da Brigada Militar Gaúcha*. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1972.

MARIANTE, Hélio Moro. *Sarilhos milicianos*. Porto Alegre: BM Edições/ Editorial Presença, 1990.

MONTEIRO, Rejane P. *A nova polícia: a Guarda Civil em Porto Alegre (1929-1938)*. 1991. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.

MORAES, José Geraldo Vinci. *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Ed. 34, 2002.

MOREL, Marco. *Os primeiros passos da palavra impressa*. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania R. de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MORGADO, Eliane Maria O. *Memória da Imprensa de Mato Grosso: Periódicos dos Séculos XIX e XX*. Universidade Federal do Mato Grosso/Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional – NDIRH – Documento Monumento. Vol. 4, nº 1, Jul/2011, p. 10-26.

PEREIRA, Maria Luiza P. S. *Senta a Pua! Resilência em ambiente de aviação: a experiência do grupo de aviação de caça do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

PEREIRA, Maristela Silva. *Os corpos provisórios da Brigada Militar: seus aspectos sociais e utilitários (1923-1927)*. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

PEREIRA, Miguel. *Esboço Histórico da Brigada Militar do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria Americana de Cunha, Rentzsch e C., 1917. Vol. 1.

PEREIRA, Miguel. *Esboço Histórico da Brigada Militar do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria Americana de Cunha, Rentzsch e C., 1917. Vol. 2.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *República velha gaúcha: Estado autoritário e economia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

PINDORAMA. Porto Alegre, abril de 1926 – outubro de 1928.

PINTO, Celi Regina J. *Positivismo: um projeto político alternativo (RS: 1889-1930)*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

RAGNINI, Sócrates M. *Sofrimento psíquico dos expurgados da Brigada Militar no período da repressão: 1964-1984*. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2005.

RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2ª edição, 2003.

RODRIGUES, Fernando da Silva. *Os jovens turcos e o projeto de modernização profissional do Exército brasileiro*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo, RS. Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo: Unisinos, 2007.

RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil: Introdução Metodológica*. 5ª ed. São Paulo: Nacional, 1978.

RODRIGUEZ, Ricardo Vélez. *Castilhismo: uma filosofia da República*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: UCS, 1980.

SALES, Mauro Vicente. *O Debate Sobre a Criação da Aviação Militar Brasileira (1911-1917)*. Revista Unifa, Rio de Janeiro, v. 24, n. 29, 2011, p. 7-17.

SILVA, Carlos Eduardo L. da. *O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro*. São Paulo: Summus, 1991.

SOARES, Samuel Alves. *Controles e autonomia: as Forças Armadas e o sistema político brasileiro (1974-1999)*. São Paulo: Unesp, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História Militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SODRÉ, Nelson W. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

TRINDADE, Hélió. *Poder legislativo e autoritarismo no Rio Grande do Sul: 1891-1937*. Porto Alegre: Sulina, 1980.

WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar: Medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense (1889-1928)*. Santa Maria: UFSM; Bauru: EDUSC, 1999.

Museu da Brigada Militar – Porto Alegre

Revista Pindorama, Porto Alegre.